Universidade de São Paulo Departamento de Letras Modernas Área de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês

Mariana Dantas Miguel

Educação Linguística em Língua Inglesa e Letramentos Visuais – Um olhar decolonial sobre paisagens linguísticas da cidade de São Paulo

Versão corrigida

São Paulo

Mariana Dantas Miguel

Educação Linguística em Língua Inglesa e Letramentos Visuais – Um olhar decolonial sobre paisagens linguísticas da cidade de São Paulo

Versão corrigida

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de mestre em Letras, no Programa de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês.

Orientador: Prof. Dr. Daniel de Mello Ferraz

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação Serviço de Biblioteca e Documentação Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Miguel, Mariana Dantas

M634e

Educação Linguística em Língua Inglesa e Letramentos Visuais - Um olhar decolonial sobre paisagens linguísticas da cidade de São Paulo / Mariana Dantas Miguel; orientador Daniel Ferraz - São Paulo, 2021.

148 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de concentração: Estudos Linguísticos e Literários em Inglês.

 paisagens linguísticas. 2. educação linguística em língua inglesa. 3. decolonialidade.
 letramentos visuais. 5. capital simbólico. I. Ferraz, Daniel, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Anuência do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Mariana Dantas Miguel

Data da defesa: 15/12/2021

Nome do Prof. (a) orientador (a): Daniel de Mello Ferraz

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 11/02/2022

(Assinatura do (a) orientador (a)

FOLHA DE APROVAÇÃO

MIGUEL, Mariana Dantas. Educação Linguística em Língua Inglesa e Letramentos Visuais – Um olhar decolonial sobre paisagens linguísticas da cidade de São Paulo. 148f Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

Aprovado em: 15/12/2021

Banca Examinadora (100% online)
Prof. Dr. Daniel Ferraz (Orientador)
Universidade de São Paulo
Assinatura: Durillenag
Prof. Dr. Lynn Mario Trindade Menezes de Souza (Titular interno)
Universidade de São Paulo
Assinatura: p/ <u>Durifferag</u>
Prof. Dr. Fabricio Tetsuya Parreira Ono (Titular externo)
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
Assinatura: p/ Dunifferiag
Profa. Dra. Souzana Mizan (Titular externo)
Universidade Federal de São Paulo
Assinatura: p/ Dunifferrag

Membros Suplentes

Profa. Dra. Walkyria Monte Mór (Suplente interno)
Universidade de São Paulo
Assinatura:p/
Prof. Dr. Joel Austin Windle (Suplente externo)
Universidade Federal Fluminense
Assinatura:p/
Profa. Dra. Andrea Antonieta Cotrim Silva (Suplente externo)
Universidade Paulista
Assinatura:p/buuffenag

Agradecimentos

Ao meu orientador, Prof. Dr. Daniel Ferraz, pela introdução aos estudos sobre as paisagens linguísticas e pelas sugestões de livros e artigos importantes para a construção da presente dissertação.

Ao Prof. Dr. Lynn Mario Menezes de Souza e à Profa. Dra. Anna Maria Carmagnani, pelos debates propiciados durante a disciplina *De Pós-estruturalismo a Translinguismo: Questões para a Linguística Aplicada*, e pela introdução aos temas da pós-modernidade e decolonialidade, que contribuíram para a minha construção de um novo olhar acerca da língua inglesa.

Ao grupo de pesquisa GEELLE, pelas trocas de opiniões e conversas estimulantes, que, mesmo à distância, durante esses tantos meses de isolamento, foram uma importante rede de apoio.

À minha mãe, pelo apoio e pelas palavras de motivação em momentos de insegurança.

À minha avó, Heloysa, pelos momentos de leitura e ternura. À minha tia, também Heloysa, pelas conversas e incentivo para ingressar no programa de mestrado.

Às minhas amigas Anita, Lígia, Iracema e Luana pelas conversas, carinho e força nesses tempos difíceis.

A vida só é possível reinventada.

Anda o sol pelas campinas e passeia a mão dourada pelas águas, pelas folhas... Ah! tudo bolhas que vem de fundas piscinas de ilusionismo... — mais nada.

> Mas a vida, a vida, a vida, a vida só é possível reinventada. (Cecília Meireles)

RESUMO

A presente dissertação investiga os usos contemporâneos da língua inglesa por falantes situados no Brasil, sobretudo na cidade de São Paulo, por meio de paisagens linguísticas (SHOHAMY, 2009) colhidas entre 2020 e 2021, e de paisagens linguísticas digitais produzidas por autores brasileiros, retiradas da web. Propõe-se investigar como o status da língua inglesa como língua global (JORDÃO, 2009) relaciona-se com as mudanças sócio-históricas que vêm sendo geradas pelos processos de globalização, intensificados pelos avanços tecnológicos, em que há um intenso fluxo de informações sendo trocadas entre diferentes locais. Nesse contexto, as imagens adquirem maior predominância, devido à facilidade com que são produzidas e disseminadas, por meio dos diversos aparelhos eletrônicos a nossa volta. O modo da escrita vem sendo influenciado e gradativamente modificado pelo modo da imagem (KRESS, 2007), o que implica uma mudança e ampliação em relação à concepção de letramentos, e a consequente relevância das pesquisas sobre letramentos visuais na área dos estudos linguísticos aplicados. Ademais, o processo de globalização acarreta um fenômeno de homogeneização cultural, em que representações simbólicas provindas de locais hegemônicos são disseminadas como universais. Relações de poder geram símbolos culturais com maior ou menor valor, e nesse contexto a língua inglesa é tida como um capital simbólico estimável, o que pode ser observado na maneira com que é utilizada em produções discursivas, como as encontradas em paisagens linguísticas. Ao considerar esses aspectos, esta dissertação traz, primeiramente, considerações acerca da relevância dos letramentos visuais, os colocando em diálogo com paisagens linguísticas coletadas. Em segundo lugar, faz-se uma análise discursiva crítica de produções colhidas, através de concepções pós-estruturalistas acerca da linguagem feitas pelos teóricos Bakhtin e Foucault. Por fim, as imagens são analisadas, também, em relação às marcas coloniais e de diferenciação simbólica entre as culturas locais e aquelas eurocêntricas, buscando analisá-las por meio de uma perspectiva decolonial, com o intuito de direcionar tais reflexões para as áreas de educação linguística e formação docente em língua inglesa.

Palavras-chave: paisagens linguísticas; educação linguística em língua inglesa; decolonialidade; letramentos visuais; capital simbólico.

ABSTRACT

This research examines the contemporary uses of English by Brazilian speakers, mainly in the city of São Paulo, through linguistic landscapes (SHOHAMY, 2009) collected between 2020 and 2021, and through digital linguistic landscapes produced by Brazilian authors and gathered on the web. This study aims at investigating the ways in which the status of the English language, as a global language (JORDAO, 2009) relates to the social-historical changes that have been caused by globalization processes intensified by technological advances, in which there is an intense flow of information being exchanged between different places. In this social-historical context images become predominant, due to how easily they are produced and disseminated through the many electronic devices around us. The mode of writing has been influenced and gradually altered by the mode of image (KRESS, 2007), which implies a change and expansion in the concept of literacies, and the consequent relevance of researches on visual literacies in the field of the applied linguistic studies. Moreover, the globalization process engenders a phenomenon of cultural homogenization, in which symbolic representations originated in hegemonic places are disseminated as universal. Power relations create cultural symbols with higher or lower values, and in this context, it is attributed a considerable symbolic capital to the English language, fact that can be observed in the ways in which English is used in discursive productions, such as the ones found in linguistic landscapes. Considering these aspects, this study presents, firstly, considerations about the relevance of visual literacies, placing them in dialogue with the linguistic landscapes collected. Secondly, a critical discursive analysis of the productions collected is made, using post-structural conceptions towards language, which were developed by Bakhtin and Foucault. Finally, the images are analysed on their colonial traits and on the symbolic differentiation between local and Eurocentric cultures, investigating them through a decolonial perspective, with the objective of directing those reflections towards the fields of linguistic education and the English language education.

Keywords: linguistic landscapes; linguistic education in English; decolonial studies; visual literacies; symbolic capital.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Mapa das regiões de São Paulo das quais foram retiradas as	29
paisagens linguísticas analisadas	
Imagem 2 - Paisagem linguística digital: uma das primeiras propagandas da	
Apple	
Imagem 3 - Paisagem Linguística Digital: post da página Greengo Dictionary	35
no Instagram	
Imagem 4 - Paisagem linguística Digital: Propaganda de escola de inglês	40
Imagem 5 - Paisagem Linguística Digital: propaganda da escola de inglês	46
online Open English	
Imagem 6 - Paisagem linguística: cartaz nos arredores da praça Roosevelt	55
Imagem 7 - Paisagem linguística: loja de carnes no bairro de Santa Cecília	57
lmagem 8 - Paisagem Linguística: Méqui	59
Imagem 9 - Paisagem Linguística: Vitrine de uma loja no shopping Pátio	64
Paulista	
lmagem 10 - Paisagem linguística digital: Monickey	75
Imagem 11 - Paisagem linguística digital: publicidade da rede Vivara	77
Imagem 12 - Paisagem linguística: clínica de odontologia localizada em	79
Perdizes	
Imagens 13 e 14 - Paisagens linguísticas no bairro de Perdizes	81
Imagem 15 - Paisagem linguística: Letreiro da escola Super Geeks, em	88
Perdizes	
Imagem 16 - Paisagem linguística: cartaz de anúncio de aulas de inglês	10
Imagens 17 e 18 - Paisagens linguísticas digitais retiradas de páginas do	95
Instagram	07
Imagem 19 - Paisagem linguística: publicidade do whisky <i>Jack Daniel's</i>	97
Imagem 20 - Paisagem linguística digital: publicidade da rede de cafés estado-	99
unidense <i>Starbucks</i>	112
Imagem 21 - Paisagem linguística digital. Propaganda de uma escola de inglês situada no estado do Rio de Janeiro	112
Imagem 22 - Cena do filme <i>Que horas ela volta?</i>	116
Imagem 22 - Certa do filme <i>que floras ela volta:</i> Imagem 23 - Paisagem linguística: comunicação publicitária de uma escola	118
de inglês situada em Londrina, Paraná	110
Imagem 24 - Relação dialógica entre o personagem de quadrinhos, Super-	119
homem, e a pessoa representada na comunicação publicitária da escola	
Cultural	
Imagem 25 - Paisagem linguística digital: retirada da página <i>Greengo</i>	125
Dictionary do Facebook,	
Imagem 26 - Paisagem linguística: grafite nos muros da ECA-USP	126
Imagens 27, 28, 29 e 30 - Paisagens linguísticas digital: cenas do episódio A	133
Culpa é de Lisa ou Blame it on Lisa	
- 1. 1. 1. 1. 1. 1. 1. 1. 1. 1. 1. 1. 1.	

Sumário

INTRODUÇÃO	11
As Subjetividades na Pesquisa Acadêmica	11
Tema de Pesquisa	17
Metodologia de Pesquisa	21
CAPÍTULO 1 – A Proeminência da Imagem no século XXI: Letramentos Visuais e Paisagens Linguísticas em inglês	25
1.1. Letramentos Visuais	39
1.2. As Interfaces entre letramentos visuais e paisagens linguísticas	. 50
CAPÍTULO 2 - Língua, Linguagem e Discurso – uma Análise Crítica das Paisagens Linguísticas de São Paulo	68
2.1. A Natureza Ideológica da Linguagem	68
2.2. Bakhtin: A Língua como algo Vivo	71
2.3. Foucault e a perspectiva pós-estruturalista da linguagem	. 83
CAPÍTULO 3 – Decolonialidade e Formação de Professores em Diálogo com uma Educação Linguística Crítica	
CONCLUSÃO	139
Referências Bibliográficas	142

Introdução

As Subjetividades na Pesquisa Acadêmica

A presente pesquisa tem por objetivo fazer uma análise dos usos contemporâneos da língua inglesa pela sociedade brasileira atual, com foco principalmente nas produções localizadas em cinco bairros da cidade de São Paulo: Consolação, Bela Vista, Vila Buarque, Perdizes e na Cidade Universitária. Propõe-se investigar como o status da língua inglesa como língua global (JORDÃO, 2009) relaciona-se com as mudanças sócio-históricas que vêm sendo geradas pelos processos de globalização, intensificados pelos avanços tecnológicos, em que há um intenso fluxo de informações sendo trocadas entre diferentes locais. Nesse contexto, essa língua, que já tinha um papel importante nas comunicações internacionais, passa, com o decorrer da amplificação das dinâmicas sócio-históricas mencionadas, a ser constante em interações linguísticas, postagens na internet e comunicações publicitárias ao redor do mundo. Tal fenômeno representa uma influência de culturas hegemônicas, além de uma característica de americanização cultural (BLOCK, 2012) que ocorre, também, em nível mundial. No Brasil, tais influências podem ser encontradas em diversos setores da sociedade, contudo, neste trabalho, irei focalizar nos campos linguístico e de educação linguística em língua inglesa.

A proposta desta dissertação é lançar um olhar não hegemônico aos usos da língua inglesa acima citados, de maneira que seja possível analisá-los sob uma perspectiva decolonial. Essa perspectiva teórica tem como um de seus objetivos dar voz a sujeitos invisibilizados, principalmente os do sul global, dentro de dinâmicas sociais, influenciadas pelas relações de dominação que ocorrem entre diferentes continentes, países, sujeitos e culturas.

Os principais teóricos da corrente de estudos decoloniais (MIGNOLO, 2000; VERONELLI, 2015; LUGONES, 2003; QUIJANO, 2000) tratam das consequências das relações coloniais que resultam em dois tipos de sujeitos, o hegemônico e o subalterno. O primeiro tem suas ideologias, folclore e práticas culturais tidas como modelos culturais mundiais, exportados como universalismos (ORTIZ, 2015). Já o segundo, seria aquele subalterno, cujas bagagem histórica e práticas culturais são

tidas como inferiores e às quais, devido a essas dinâmicas de poder, lança-se um olhar condescendente, já que a elas é conferida uma condição diminuta.

As relações de dominação e subordinação refletem-se em um âmbito simbólico, quando as bagagens culturais e históricas de um povo têm sua legitimidade avaliada de acordo com uma perspectiva eurocêntrica que, em decorrência de relações de poder, é tida como normativa. Tais diferenciações de valor simbólico geram exclusões sociais, pobreza e perdas de legados culturais.

O pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal. Consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que estas últimas fundamentam as primeiras. As distinções invisíveis são estabelecidas por meio de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o "deste lado da linha" e o "do outro lado da linha". A divisão é tal que "o outro lado da linha" desaparece como realidade, torna-se inexistente e é mesmo produzido como inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer modo de ser relevante ou compreensível. Tudo aquilo que é produzido como inexistente é excluído de forma radical porque permanece exterior ao universo que a própria concepção de inclusão considera como o "outro". (SOUSA SANTOS, 2007, pp. 84-85).

A segregação social pode acontecer por meio do silenciamento de vozes tidas como subalternas, posicionadas no extremo sul das linhas abissais¹. Devido à invisibilidade conferida a esse sujeito subalterno, há a exclusão de suas vozes dentro de um cenário de produção epistemológica, sendo as teorias decoloniais um posicionamento crítico em relação a essa dinâmica excludente.

Mignolo (2000), entre outros autores, defende um movimento decolonial, com o intuito de desestabilizar o *status quo* dessas relações, trazendo as vozes subalternas mais ao centro das dinâmicas culturais contemporâneas. Há algumas razões que me motivaram a escolher essa perspectiva para a análise dos usos linguísticos em inglês, encontrados na cidade de São Paulo. Uma delas é o desejo de questionar as consequências da imposição das culturas eurocêntricas na nossa sociedade, de modo a valorizar nossos traços culturais locais, não os colocando em uma posição de subalternidade. Já a outra, seria o meu local de fala e lugar desde onde me situo como sujeito dentro das dinâmicas anteriormente mencionadas, conforme explicado abaixo.

¹ As noções de norte e sul representam os dois lados das relações hegemônicas, em que a maioria dos países dominantes se situam ao norte, enquanto os dominados ao sul. No entanto, há países subalternos e hegemônicos nos dois polos do hemisfério, além de linhas abissais em diversos âmbitos de cada sociedade.

Assim como Sousa Santos (2007) coloca, é importante cultivarmos uma *Ecologia de Saberes*, ou seja, trazermos para os círculos de discussões teóricas ou cotidianas vozes normalmente silenciadas, provindas do hemisfério sul global. Dessa forma, coloco-me como uma pesquisadora brasileira, mulher e professora de inglês não nativa, características que me posicionam em um lugar não hegemônico. Acredito ser importante ressaltá-las, pois mesmo dentro de movimentos que visam desestabilizar relações de poder, como o movimento feminista, há uma superrepresentação da mulher eurocêntrica. Além disso, há uma crítica de estudiosas feministas no que se refere à falta de representação das diferenças culturais e raciais dentro desse movimento.

É verdade que depois das críticas feitas por mulheres de cor e do Terceiro Mundo, nos anos oitenta, os supostos feminismos universais têm sido mais conscientes das dimensões raciais e culturais das dinâmicas de gênero; porém, variedades do eurocentrismo continuam sendo predominantes em um número de posições feministas. A linguagem da 'diferença colonial' introduz novamente esse ponto delicado, por exemplo, as suposições sobre gênero que ainda são formadas por noções eurocêntricas de liberação e igualdade² (ESCOBAR, 2003, p. 76-77 apud BALLESTRIN, 2017, p. 1045).

Trazer esse conflito para as discussões decoloniais é relevante, pois permitenos questionar os universalismos eurocêntricos impostos, mesmo dentro de lutas por igualdade social, como a feminista. De acordo com estudos acerca das relações de poder, o sujeito hegemônico, ou seja, aquele eurocêntrico, tem um capital simbólico maior, o que lhe confere um poder simbólico de dominação cultural. Se não questionadas, as relações de poder, que geram diferenciações raciais, epistemológicas, entre outras, podem ser percebidas em discursos pró-diversidade, como o discurso feminista.

A luta pelo poder simbólico determina quais serão as verdades que se tornarão senso-comum. Segundo Bourdieu (2004, p. 163): "Na luta simbólica pela produção do senso comum ou, mais exatamente, pelo monopólio da nominação legítima, os agentes investem o capital simbólico que adquiriram nas lutas anteriores e que pode ser juridicamente garantido". Ou seja, há uma luta pela detenção desse poder

² Tradução minha. No original: "Es verdad que después de las críticas realizadas por las mujeres de color y del Tercer Mundo en los ochenta, los supuestos feminismos universales han sido más conscientes de las dimensiones raciales y culturales de las dinámicas de género; sin embargo, variedades del eurocentrismo continúan siendo predominantes en un número de posiciones feministas. El lenguaje de la "diferencia colonial" introduce nuevamente este punto complicando, por ejemplo, los supuestos sobre el género que son aún formados por nociones eurocéntricas de liberación e igualdad".

simbólico, hoje, caracterizada, entre outros elementos, pela hegemonia da língua inglesa. Como professora de inglês, meu objetivo não é criticar o ensino dessa língua, mas problematizar as relações de dominação dessa cultura em relação às quais se confere menor valor, como as culturas latino-americanas.

Para a presente pesquisa, acredito ser importante conhecer meu lugar de fala, porque esse auxilia no entendimento das razões pelas quais optei por utilizar as teorias questionadoras das relações de poder impostas na contemporaneidade, além das teorias decoloniais, devido à minha posição enquanto mulher situada no Brasil, local não hegemônico. Ademais, trazer para o empreendimento científico as características do sujeito pesquisador traz a subjetividade da minha perspectiva para o tema central a ser tratado. No caso da presente investigação, minha trajetória levoume a escolher o arcabouço teórico aqui apresentado. Reconhecer isso significa admitir que a minha análise dos dados é uma das possíveis interpretações dos objetos de pesquisa. Ou seja, reconhecer as minhas predisposições como pesquisadora significa não omitir que há outros entendimentos a respeito do tema. No entanto, como o intuito aqui é trazer para o centro de discussões as vozes subalternas, é a partir desse local que a investigação será conduzida.

Dito isso, faço aqui uma breve apresentação pessoal. Nasci na cidade de São Paulo, em uma família de classe média. Durante a minha infância e adolescência, fui influenciada, sobretudo, pela minha família materna, pois meu pai faleceu quando eu era ainda muito pequena. O mundo das línguas e letras sempre estiveram muito presentes nesse ambiente familiar. Tenho diversas memórias afetuosas dos livros infantis que lia e acredito que eles me despertaram para gostar de literatura. Minha avó era tradutora de francês e de inglês, de modo que as línguas estrangeiras, sobretudo essa primeira, apareciam volta e meia nas conversas ou livros.

Assim como pode ser observado na sociedade brasileira em geral, há influências eurocêntricas que permearam os discursos familiares, escolares, midiáticos, entre outros, à minha volta. No entanto, sempre considerei a minha família politizada e tendo uma perspectiva política de esquerda. Sendo assim, debates a respeito das desigualdades sociais se faziam ecoar nas conversas de família.

Vinda de uma família de diversos professores e de alguns psicólogos, decidi cursar Letras após um curto intercâmbio para Londres, que me despertou um grande interesse por essa língua. Então, cursei o ensino superior em Letras, com habilitação em português e em inglês, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-

SP). Comecei a dar aulas de inglês em pequenas escolas de idiomas antes de me formar e, após formada, continuei em outras escolas de línguas um pouco maiores, até mudar para a área da educação básica de ensino de inglês.

A minha vontade de fazer um curso de mestrado surgiu em um período em que morei em Porto Alegre, onde tentei ingressar como aluna na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, porém, para a minha grande decepção, não fui aprovada nesse processo seletivo. Ao retornar para São Paulo, em 2018, inscrevi-me como aluna especial em uma matéria do programa de Estudos da Tradução, já que o tema do meu trabalho de conclusão de curso havia sido traduções de um conto de Edgar Allan Poe. No segundo semestre daquele ano, cursei uma matéria pelo departamento de inglês com os professores Lynn Mario Menezes de Souza e Anna Maria Carmagnani, na qual questões como as identidades fluidas da pós-modernidade (HALL, 1997; BAUMAN, 2005) e os estudos decoloniais (MIGNOLO, 2000; MENEZES DE SOUZA, 2011) foram trazidas. A partir das discussões promovidas durante esse curso, passei a questionar diversas práticas de ensino que me foram transmitidas durante as formações nas escolas onde trabalhei. Percebi que muitas delas colaboram com a reprodução de um discurso normativo, além de um silenciamento de perspectivas não hegemônicas. O meu projeto inicial de mestrado, escrito durante esse curso, já continha algumas desconstruções de noções normativas, porém ainda mantinha alguns discursos eurocêntricos acerca da prática docente de inglês.

Após ser aprovada para o mestrado, em 2019, iniciei outras disciplinas, dessa vez como aluna regular, bem como tive a oportunidade de ir a um congresso sobre linguística aplicada crítica em Brasília, o JILAC – Jornada Internacional de Linguística Aplicada Crítica. Todas essas experiências aproximaram-me de uma linha de pesquisa acerca de uma educação linguística crítica, influenciada pelos estudos decoloniais, ao mesmo tempo em que me afastaram do meu projeto de pesquisa inicial. Consequentemente, desejei mudar o tema de pesquisa e, ao conversar com o meu então orientador e expressar as ideias que tinha para esse trabalho, decidimos que seria melhor buscar uma orientação de professores que estivessem inseridos na linha teórica de meu interesse. Foi assim que busquei por outro orientador e pude ser acolhida pelo professor doutor Daniel Ferraz, cuja linha de pesquisa é centrada em letramentos visuais (FERRAZ, 2012; MIZAN, 2011) e na educação linguística, ambos temas de meu interesse.

Posso afirmar, então, que experienciei uma educação decolonial já como professora atuante da área, o que me fez refletir acerca das minhas práticas de ensino, e, consequentemente, incorporar a elas temas que possibilitem um debate crítico sobre questões como as de identidades subalternas e dominantes. Foi assim, a partir desse local de fala e de conversas com o Prof. Daniel, que nasceu o tema da presente dissertação.

Ainda sobre minhas perspectivas subjetivas, como professora de inglês não nativa, tenho uma percepção do ensino dessa língua que não é a mesma de um professor nativo. Dentro do universo de ensino desse idioma, os professores nativos têm um capital simbólico maior. As marcas coloniais podem ser observadas também em anúncios de vagas que procuram um professor nativo, traçando, assim, outra linha abissal entre professores brasileiros e aqueles nascidos em países de língua inglesa. No entanto, entre os professores nativos há, ainda, outra demarcação que diferencia aqueles norte-americanos ou britânicos de outros de países mais periféricos, seguindo essa lógica. Essa proposta de ensino pode significar um apagamento dos traços culturais locais dos alunos, além de conter a mensagem – nem tão implícita – de que os traços culturais eurocêntricos são mais estimados.

Como o tema da presente dissertação é fazer uma análise decolonial de paisagens linguísticas locais, sobretudo as colhidas na cidade de São Paulo, penso ser relevante trazer a minha relação com essa cidade³. Sabe-se que essa cidade centraliza a maior região metropolitana da América Latina e a oitava maior aglomeração urbana do mundo, com cerca de 20 milhões de habitantes⁴. Consequentemente, há uma pluralidade de indivíduos, modos de viver, de ser e de se relacionar com a cidade e seus espaços urbanos. Há nessa metrópole um grande número de migrantes e imigrantes provindos de diferentes regiões do Brasil e de outros países, atraídos sobretudo por perspectivas de trabalho. Similarmente ao que ocorre entre línguas e ao capital simbólico a elas atribuído, aos migrantes e imigrantes é, também, conferido um valor figurativo distinto; nessa dinâmica cidadãos nordestinos ou de países latinos e africanos, ou seja, de locais periféricos segundo a lógica colonial, representam o lado mais fraco dessa diferenciação. As desigualdades

³ Ampliação de perspectiva possibilitada pelas trocas com os professores Souzana Mizan, Lynn Mario Menezes de Souza e Fabrício Ono.

⁴ Fonte: https://www.fcm.unicamp.br/acessus/municipios-pesquisados/sao-paulo (último acesso em janeiro de 2022)

sociais, econômicas e raciais características do Brasil são bem salientadas em São Paulo, o que influencia a criação das paisagens linguísticas desse local, além de quem elas incluem ou excluem nessa dinâmica urbana.

Além de brevemente caracterizar essa cidade, através da minha perspectiva, creio que situar-me enquanto paulistana seja relevante, pois represento um indivíduo, com um olhar particular, dentre tantos outros possíveis. A maneira como me relaciono com a cidade, seus espaços urbanos e suas paisagens linguísticas é fruto da minha trajetória pessoal, que começou na década de 80, quando nasci no hospital Nove de Julho, da rede particular de saúde, situado no bairro de Cerqueira César, região central da cidade. Passei a minha infância no bairro de classe média de Perdizes, onde estudei em escolas particulares e públicas. Esses fatos me marcam como uma pessoa pertencente à classe média, ou seja, privilegiada economicamente em relação a tantos outros paulistanos, vítimas da construção social e desigualdades econômicas do país.

Devido ao tamanho da cidade, muitos dos paulistanos circulam somente em locais onde trabalham e moram. Comigo isso não é diferente, transito nos bairros onde trabalho, estudo e nos arredores de onde habito, por esse motivo, as paisagens linguísticas colhidas por meio de registros fotográficos pertencem a esses locais. Não possuo carro, portanto sempre me locomovi de ônibus, metrô ou *Uber*, sendo que o uso do último foi intensificado após a pandemia da covid-19. Como consequência das formas como trânsito, as fotos foram tiradas em situações nas quais eu andava a pé, de ônibus ou *Uber*. As demais imagens urbanas são fotos de locais no Brasil⁵, porém retiradas da web.

Tema de Pesquisa

No ano de 2018, cursei matérias no departamento de pós-graduação em Letras da USP, inicialmente como aluna especial. As problematizações ali levantadas levaram-me a questionar o modo como a língua inglesa é mercantilizada (CANAGARAJAH, 2017), pois tem um capital linguístico relevante para diversos setores da sociedade, impulsionados pelo processo de globalização.

⁵ Nos estados do Rio de Janeiro e Paraná.

Ao refletir sobre a minha trajetória profissional, pude perceber que escolas de idiomas, assim como as regulares ou bilíngues, vendem o ensino do inglês, associando-o a um futuro crescimento profissional, já que esse aprendizado, segundo elas, irá possibilitar uma posição de mais prestígio em um mundo globalizado. Porém, esse capital simbólico que falar inglês representa é marcado por colonialidades, que posicionam essa língua em uma relação hierárquica em relação ao português e a tantas outras. Um dos resultados dessa relação de poder é a utilização da língua inglesa como marca de um *status* social ou como estratégia de *marketing*, ao associar a carga simbólica da língua ao que se vende. Esse fato pode ser observado em paisagens linguísticas ao redor da cidade, tais como em *shopping centers*, anúncios de lojas, publicidades, grafites, entre outros.

A globalização vem gerando mudanças nas sociedades. Por um lado, há uma maior facilidade na comunicação e transmissão de notícias entre países, por outro, há um processo de americanização (BLOCK, 2012), que envolve a exportação e o consumo de traços culturais sobretudo dos Estados Unidos, ao redor do mundo. Como consequência, há uma homogeneização de culturas, que ocorre desde a construção de *shopping centers* ou restaurantes de *fast food* muito similares até a consolidação do inglês como língua global. Esse processo de homogeneização cultural resulta em símbolos do capitalismo, seguido pelo neoliberalismo, a serem encontrados nas mais remotas partes do globo. É possível encontrar, por exemplo, uma lata de Coca-Cola ou uma franquia do *McDonald's* em lugares improváveis, contrastando esses signos estado-unidenses com a paisagem local.

Já no campo linguístico, há o que chamamos de hegemonia do inglês, resultado de "uma nova hierarquia no mercado de bens linguísticos, na qual uma língua subjuga todas as outras" (ORTIZ, 2015, p. 26). Essa hegemonia pode ser observada quando marcas de produtos em geral optam por utilizar esse idioma em partes de suas comunicações publicitárias, para assim agregar às mercadorias anunciadas o que Bourdieu (2008) denominou de capital linguístico.

Sendo uma relação de comunicação entre um emissor e um receptor, fundada no ciframento e no deciframento, e portanto na operação de um código ou de uma competência geradora, a troca linguística é também uma troca econômica que se estabelece em meio a uma determinada relação de força simbólica entre um produtor, provido de um dado capital linguístico, e um consumidor (ou um mercado), capaz de propiciar um certo lucro material ou simbólico. Em outros termos, os discursos não são apenas (a não ser excepcionalmente) signos destinados a serem compreendidos, decifrados;

são também signos de riqueza a serem avaliados, apreciados, e signos de autoridade a serem acreditados e obedecidos (BOURDIEU, 2008, p. 53).

Entende-se que à troca linguística adicionam-se elementos simbólicos, chamados de capital linguístico pelo sociólogo francês. Ou seja, certas maneiras de falar ou certas línguas têm valores diferentes, sendo esses determinados pela sociedade e o momento sócio-histórico, como consequência de lutas por um poder simbólico. No caso da língua inglesa e dos modos como é utilizada pela sociedade paulistana contemporânea, podemos perceber que há, sim, um *status* que lhe é associado, por simbolizar a globalização e as culturas eurocêntricas, detentoras de uma hierarquia simbólica, fruto das relações de poder ocorridas historicamente.

Atualmente, a disseminação da cultura americana, ou eurocêntrica, representa novas formas de colonização. De acordo com Hemphill e Blakely (2019, p. 221): "A expansão da língua inglesa como meio global inquestionável de negócios e intercâmbio intelectual é um dos principais veículos do colonialismo contemporâneo"⁶, isso acontece, pois essa língua subjuga outras, colocando-as em uma posição de subalternidade no mercado das trocas linguísticas. Como consequência de nosso passado colonial, tratamos no Brasil traços culturais eurocêntricos como superiores. Tal dinâmica pode ser observada cotidianamente em diversos aspectos da nossa sociedade. Um deles é a opção pelo uso do inglês em marcas, publicidades, entre outros. Essa escolha não é aleatória, sendo uma das consequências da hegemonia desse idioma, por sua vez, decorrente da valorização de certos símbolos culturais, o que representa um colonialismo linguístico.

O fenômeno da colonização por meio da língua tem diferentes consequências, sendo uma delas identificada no âmbito de ensino aprendizagem do inglês. Trata-se, por exemplo, de quando se dá maior valor a professores nativos, já que têm um capital simbólico considerado legítimo para fins comunicacionais. No entanto, tal concepção vem perdendo força devido a discussões (MOITA LOPES, 2008; RAJAGOPALAN, 2006) sobre o fato de não haver um falante nativo, como esse é comumente representado, já que, mesmo dentro de países dos chamados círculo interno (KACHRU, 1985), há variações culturais e linguísticas que problematizam essa visão uniforme exportada para o resto do mundo.

⁶ No original: The spread of the English language as the unquestioned global medium of business and intellectual exchange is one of the primary vehicles of contemporary colonialism.

Além disso, o inglês passa a ser tão difundido, que seu caráter ubíquo em diferentes países resulta em práticas híbridas. Citando Rajagopalan (2006), Moita Lopes (2008, p. 328) afirma: "os chamados falantes não-nativos usam o inglês entre eles mesmos, construindo uma língua intrinsecamente híbrida e instável". Usos híbridos de inglês com línguas nativas como o hindu ou espanhol resultam nos chamados *Hindiglish* ou *Spanglish*, e revelam movimentos de resistência em prol da diversidade linguística. São realizados por sujeitos que não simplesmente adotam o inglês, língua símbolo da globalização, mas, sim, o mesclam com sua língua nativa, performando uma ação que pode ser descrita como uma apropriação linguística. Assim sendo, há uma indigenização de traços culturais pertencentes a uma visão etnocêntrica de mundo, o que interpreto como uma prática decolonial feita por atores globais, pois ambas as línguas são utilizadas em uma relação não hierárquica.

Como decorrência dos processos de americanização e globalização, encontram-se ao redor do globo características culturais homogêneas, sendo uma delas a presença da língua inglesa em produções linguísticas urbanas. Tais produções são denominadas por teóricos, tais quais Elana Shohamy e Durk Gorter, (2009) de paisagens linguísticas e consistem em o que se vê em lojas, escolas, publicidades em ônibus, grafites, entre outros. De acordo com essa perspectiva teórica, esses usos representam dados sócio-históricos importantes e que devem ser estudados por essa nova ramificação da sociolinguística.

Há alguns trabalhos acadêmicos sendo feitos acerca do tema das paisagens linguísticas no Brasil. Um deles é o artigo de Rafael Barboza e Rodrigo Borba (2018), Linguistic Landscapes as Pornoheterotopias, no qual os autores problematizam discursos heteronormativos e homofóbicos expressos em grafites encontrados nos banheiros da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Acredita-se que as produções linguísticas encontradas nos locais supracitados possuem uma carga ideológica de sentidos. Ou seja, a linguagem é construída dentro de uma sociedade, que, por sua vez, é construída por ideologias e é fruto de uma história particular. Portanto, quando um determinado estabelecimento comercial, por exemplo, opta por utilizar o inglês tanto para dar nome a um de seus produtos, quanto para anunciá-los, há aí uma marca ideológica que será analisada por meio de teorias de análise discursiva (BAKHTIN, 1999; FOUCAULT, 2005, 2010, BOURDIEU, 2008), as quais tratam dos efeitos do neoliberalismo e dos processos de americanização da sociedade (BLOCK, 2012; BLOMMAERT, 2011; APPADURAI, 2006;

CANAGARAJAH, 2017) dos supostos universalismos, que velam relações de poder (ORTIZ, 2015; RIBEIRO, 2014). Dentro dos exemplos coletados é possível encontrar usos que demonstram uma postura de subalternidade a esse idioma. Contudo, há também outras práticas de indigenização que, como mencionei anteriormente, podem ser considerados como práticas decoloniais, com as quais os atores globais resistem aos processos de homogeneização cultural.

No decorrer da história, as relações de poder sempre existiram, fossem essas físicas, através de guerras, ou simbólicas, através de práticas culturais e discursos. A cultura eurocêntrica, hoje, se vê como portadora de universalismos. Nessa perspectiva, aquele que tem hábitos culturais não hegemônicos é visto como o Outro diferente e subalterno.

Mizan (2011), em sua tese intitulada *National Geographic: Visual and Verbal Representations of Subaltern Cultures Revisited*⁷, explora como traços culturais não hegemônicos são interpretados nas publicações da revista *National Geographic*. Nessas, as características culturais que diferem daquelas eurocêntricas são posicionadas em uma condição de subalternidade, além de serem compreendidas segundo as referências e ótica dos sujeitos hegemônicos.

A influência da língua inglesa, uma das consequências dos processos de globalização, é nítida nas mais diversas partes do planeta, o que leva à identificação de usos multilinguísticos em sociedades distintas e diversas. Porém, não questionar os usos do inglês pode gerar uma subjugação das outras línguas, além de sufocar outras possibilidades culturais.

Sabe-se que na era da globalização, a influência de outras culturas é inevitável, mas essa pode ser feita de acordo com os preceitos da diversidade e pluralidade de identidades, concepções e diferentes maneiras de ser e estar no mundo. Dessa forma, a "diversidade cultural e local deve ser respeitada como uma necessidade de sobrevivência em um mundo globalizado" (RIBEIRO, 2014, p. 184). Por esse motivo, os estudos sobre letramentos visuais, além das teorias decoloniais, que tratam da preservação de línguas e traços locais, podem ser muito relevantes para um processo de análise crítica e de problematização dos fluxos globais e das relações de poder vivenciadas atualmente.

⁷ Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-09092011-090808/pt-br.php . Acesso dia 31 de julho de 2020.

Metodologia de Pesquisa

Neste trabalho de pesquisa, proponho uma investigação dos usos da língua inglesa encontrados na sociedade brasileira contemporânea. Tal investigação ocorrerá a partir de uma base de dados documental colhidos em dois espaços diferentes. O primeiro é denominado *linguistic landscapes* e trata-se de fotos tiradas por mim em locais e bairros pelos quais transito na cidade de São Paulo: Cidade Universitária, Perdizes, Bela Vista, Consolação e Santa Cecília. Ademais há duas imagens analisadas que constem em paisagens linguísticas urbanas, porém, retiradas da web, que se situam nos estados do Rio de Janeiro e Paraná. Já o segundo, chamado *digital linguistic landscapes*, consiste em fotos ou *prints* de postagens retirados da internet.

Há um total de 29 imagens analisadas, dentre elas 15 são paisagens linguísticas digitais, retiradas da web e das redes sociais *Facebook* e *Instagram*. AS outras 14 são paisagens urbanas, sendo que 12 se localizam na cidade de São Paulo, nos bairros supracitados, e 2 nos estados do Paraná e Rio de Janeiro.

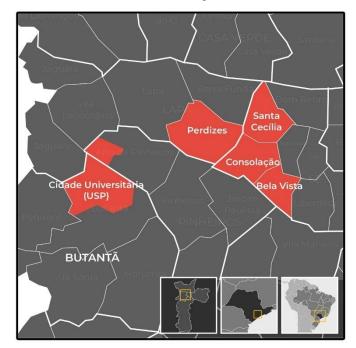


Imagem 1 – Mapa da cidade de São Paulo, com as regiões de coleta de dados em destaque.

O mapa acima destaca as regiões nas quais foram colhidas as imagens e onde se situam em perspectiva em relação à cidade, ao estado de São Paulo e ao Brasil. Percebe-se que os locais são centrais e ao fazer uma analogia com as linhas abissais de Souza Santos (2007), correspondem a locais privilegiados, contrastantes a locais periféricos. Essa característica geográfica indica que são bairros com um poder aquisitivo mais elevado, que possuem contrastes econômicos, no entanto, são predominantemente habitados pelas classes sociais A, B e C.

Os sujeitos produtores dos conteúdos das paisagens linguísticas não são entendidos como interlocutores neutros, pois, como sujeitos ideológicos, incorporam seus ideais às suas produções linguísticas. Dessa forma, farei um trabalho interpretativo de como esses sujeitos colocam-se face aos processos sócio-históricos de globalização e americanização da sociedade, ao questionar se esses se dispõem em uma posição de subalternidade cultural ou se têm uma postura de valorização de traços culturais locais, e, portanto, se relacionam com as culturas eurocêntricas sem subjugar sua identidade cultural.

No decorrer dos capítulos, irei trazer aspectos teóricos de quatro temas julgados relevantes para esta investigação, sendo eles: as teorias pós-estruturalistas acerca da linguagem, os letramentos visuais, as teorias decoloniais e as teorias sociolinguísticas sobre as paisagens urbanas — *linguistic landscapes*. Irei, portanto, utilizar conceitos de diferentes teóricos, cujos trabalhos dialogam com a temática aqui proposta. No transcorrer de todos os capítulos, imagens colhidas serão apresentadas e analisadas em seus aspectos sócio-históricos, no que diz respeito ao uso da língua inglesa. Os objetivos são questionar os motivos pelos quais se optou por utilizar o inglês e se há um posicionamento crítico em relação a essa língua, além de uma análise sobre os sentidos construídos a partir dessas escolhas linguísticas.

No primeiro capítulo, *A Proeminência da Imagem no Século XXI: Letramentos Visuais e Paisagens Linguísticas em inglês*, tratarei de como a cultura visual vem se tornando central nas práticas socioculturais contemporâneas, fenômeno impulsionado pela popularização de aparelhos eletrônicos, acesso à internet e às redes sociais. Nesse capítulo, discuto como o inglês é associado à era da globalização, além de como essa língua vem adquirindo uma característica corriqueira nas paisagens linguísticas da cidade de São Paulo. Finalmente, com uma perspectiva de ler e interpretar criticamente tais produções, apresenta-se a noção de letramentos visuais e como esse pode ser adotado em contextos educacionais.

No segundo capítulo, intitulado *Língua, Linguagem e Discurso – uma Análise Crítica das Paisagens Linguísticas de São Paulo,* trago as teorias de dois grandes estudiosos da linguagem e das práticas de enunciação dos enunciados, Bakhtin e

Foucault. Esses teóricos postulam que não há neutralidade na constituição dos sujeitos, pois esses nascem e se desenvolvem em uma rede de enunciados permeados por ideologias, o que impossibilita que se coloquem no mundo de maneira neutra. Ambos adotam uma perspectiva pós-estruturalista da linguagem, que acredita que os enunciados devem ser estudados em relação ao seu momento sócio-histórico de proferimento. Além disso, seus interlocutores influenciam a produção e interpretação dos enunciados, não sendo meros espectadores de processos comunicativos. Tais perspectivas são úteis para a análise proposta neste trabalho, pois permitem a investigação de marcas coloniais nos usos da linguagem, por meio da desconstrução de sentidos das ideologias implícitas nos usos em inglês encontrados nas paisagens linguísticas contemporâneas na cidade de São Paulo.

Por fim, no terceiro capítulo, *Decolonialidade e formação de professores em diálogo com uma educação linguística crítica*, parto da afirmação de Krenak (2020, p. 9), de que "A colonização é, é aqui e agora", para trazer uma análise das marcas de colonialidade em paisagens linguísticas produzidas por estabelecimentos de ensino, entre outros. Acredito ser importante identificar as marcas coloniais em nosso presente, assim como questioná-las, já que pode tornar o professor de línguas estrangeiras mais consciente das relações de poder existentes, o que pode conduzir a uma perspectiva crítica de ensino. Consequentemente, o ensino promovido será consciente dessas relações de poder, o que pode possibilitar que, ao aprender inglês, os alunos não se coloquem em uma posição de subalternidade simbólica frente à língua ensinada.

Capítulo 1 – A Proeminência da Imagem no século XXI: Letramentos Visuais e Paisagens Linguísticas em inglês

O objetivo deste capítulo é discutir uma das características mais particulares do século XXI, o da disseminação da imagem como modo de representação. Contemporaneamente, as imagens podem ser encontradas em forma de memes ou postagens na internet, ou podem fazer parte do que chamamos de paisagens linguísticas urbanas, ou seja, publicidades, placas, cartazes, *banners, outdoors*, grafites, entre outros. Todas essas formas de representação são marcadas pelo uso da imagem, sendo, em sua maioria, construções híbridas entre imagem e texto escrito.

Ao contrário do que seria o senso comum, a imagem como meio de representação e registro de ideias é anterior à escrita. Ao pensarmos nas primeiras formas de comunicação humana que não envolviam a fala, temos a imagem como meio primordial. Há registros imagéticos, denominados de pinturas rupestres, feitos em cavernas ou estruturas rochosas e datados do Período Paleolítico Superior – ou seja, de aproximadamente 40.000 anos A.C.

A imagem foi, portanto, a principal forma de registro humano até o surgimento da linguagem escrita, milênios depois (SANTAELLA; NÖTH, 2005). Se continuarmos essa trajetória diacrônica e nos remetermos aos dias atuais, podemos observar um movimento circular, com a ascensão das mensagens visuais como linguagem de comunicação. Essa mudança ocorre após a revolução tecnológica e é possibilitada por meio dos diversos e ubíquos aparelhos eletrônicos, que facilitam a produção e distribuição de imagens (KRESS, 2005).

Segundo Rosenberg (1994, p. 1, apud SANTAELLA; NOTH, 2005): "A atividade humana característica e essencial é a representação – quer dizer, a produção e manipulação de representações". Tal afirmação remete-nos aos primórdios da comunicação, anterior ao surgimento da linguagem verbal como a conhecemos hoje, e ao fato de que as representações imagéticas são intrínsecas ao pensamento e à comunicação humana. Por representações, entende-se qualquer produção seja ela sonora, visual ou tática, que tenha por objetivo a comunicação ou registro de um pensamento ou opinião.

Para Aumont (2008, p. 81), a imagem "tem por função garantir, reforçar, reafirmar e explicar nossa relação com o mundo visual". São, desde os primórdios da civilização humana, uma forma de entender ou reproduzir o mundo que nos cerca. Hoje, as imagens são criadas, entre outros motivos, para criticar a política de um governo, reagir de forma crítica a um acontecimento ou parafrasear algo que aconteceu. Ainda de acordo com Aumont (2008), as imagens podem ter um valor de representação de coisas concretas, como uma fotografia de uma viagem, que representa o momento ali vivido. Podem, ainda, ter um valor de símbolo, ao representar coisas abstratas, como sentimentos ou ideias políticas. Finalmente, podem ter um valor de signo, quando a imagem tem uma relação arbitrária com o que representa; como a pomba branca, que por meio de convenções culturais adquire o valor de signo da paz. Há, portanto, diferentes formas de utilizarmos as imagens. No que diz respeito ao tema aqui proposto, as três maneiras podem se fazer presentes.

Similarmente ao que acontece por meio da linguagem verbal, por intermédio das imagens são construídos sentidos, que, por sua vez, são aptos de análise crítica e de interpretação. De acordo com Ferraz (2014, p. 261): "[...] as imagens podem ser vistas como uma representação mental ou material, ao mesmo tempo em que podem ser problematizadas como algo que provoca sentidos, interpretações, rupturas e mudanças em seus leitores e na sociedade". Ou seja, semelhantemente à linguagem escrita, elas também podem carregar grande complexidade de significados, que não se limitam à superfície da mensagem. Ademais, possuem um caráter formador de opiniões, sendo veículos de visões de mundo; assim como a linguagem verbal, a imagética também é carregada de ideologias. Em outras palavras, a linguagem visual também estabelece e mantém relações de poder, além de transmitir e construir valores socioculturais.

As imagens, assim como as frases da língua, carregam mensagens abertas à interpretação, que variam de acordo com seu leitor e as lentes culturais e ideológicas que o constituem. Dito de outra forma, os significados produzidos não são fixos e estáveis e são construídos em conjunto com o seu interlocutor. Consequentemente, elas também dependem do contexto sócio-histórico em que estão inseridas para serem interpretadas. Similarmente, as palavras que escolhemos para formar uma frase, se lidas separadamente, não produziriam o mesmo efeito se postas juntas em uma determinada sequência. Além disso, o contexto em que são proferidas também faz parte de sua significação. Por contexto, entende-se o falante que as profere, seu

momento sócio-histórico e o local de fala. Todos esses elementos juntos propiciam uma determinada interpretação do que é dito ou representado imageticamente. Ao citar Dondis, Takaki (2008) argumenta acerca do processo interpretativo e da importância de se promoverem espaços para o exercício de interpretação crítica de imagens.

Segundo Dondis (2000:13), quase tudo que vemos, sabemos, compramos e cremos é determinado pela profusão de imagens e pelo domínio que as mesmas exercem sobre a nossa psiquê. A percepção e formação de imagens mentais vêm embaladas por condicionamentos culturais complexos que afetam a maneira com a qual compreendemos e encaramos o mundo. Aprendemos a confiar em nossos "olhos", deles dependemos o tempo todo e por essa razão, suspeitamos deles próprios. É um fenômeno que certamente se intensificará e, portanto, enfatiza-se a necessidade de domínio sensível dos componentes visuais, seus efeitos colaterais, enfim, uma investigação do processo de percepção variada e simultânea de elementos que compõem o todo de uma obra e/ou evento: pontos, linhas, formas, direções, cores, texturas, dimensões e movimentos (TAKAKI, 2008, p. 117).

A proeminência das imagens se deu pela ascensão das tecnologias de informação e comunicação – TIC – pois essas permitem tanto a sua produção quanto a sua rápida disseminação e intercâmbio. Há, portanto, grande influência da cultura visual na sociedade atual. Em um contexto de educação linguística da língua inglesa, essa discussão se faz necessária por algumas razões. A primeira delas é que a sala de aula não pode ser vista separadamente do contexto social que a cerca. Sendo assim, as produções contemporâneas podem e devem ser trazidas para o contexto educacional. Em segundo lugar, a linguagem escrita vem sendo influenciada pela imagem (KRESS, 2005). Por fim, tais produções, assim como a linguagem oral ou escrita, não são neutras. Consequentemente, faz-se necessário um trabalho de desenvolvimento de letramentos visuais. Ou seja, devemos proporcionar discussões em sala de aula que levem os alunos a perceberem tais produções de maneira crítica, levando-os a desenvolver um senso de autonomia e agência em relação a tais paisagens linguísticas.

Imagens isoladas em um fundo branco, por exemplo, têm representações diferentes de quando se considera o seu contexto de criação, momento sócio-histórico de produção, quem as criou e com qual finalidade. Qualquer representação escrita, visual ou sonora, faz parte de uma análise descrita por Hall (1997), na qual ele utilizou os conceitos de denotação e conotação. Denotação seria o que se tem na superfície, as imagens e seu contexto, por exemplo, porém, sem que se façam interpretações

sobre o que se vê. Já a conotação é como aqueles elementos juntos formam uma determinada mensagem, com um determinado viés ideológico.

O que Hall chama de representações abrange todas as formas de texto, sendo que o processo de significação é o mesmo para todos eles. Acerca da conotação, Hall (1997, p. 38) afirma: "Esse segundo conceito não é somente um nível descritivo de interpretação óbvia". Ou seja, para que se entenda, principalmente de maneira crítica, o que uma imagem representa, é necessário fazer uma indagação sobre seu agente e contexto de produção.

Em uma análise de uma propaganda há certamente uma mensagem ideológica conotada no que se representa. Ao remeter essa afirmação ao tema do presente trabalho, e ao encontrar palavras em inglês em um anúncio de um produto brasileiro, para um público brasileiro, há de se pensar qual é o objetivo de quem o concebeu. Esse uso da língua inglesa tem, geralmente, a simbologia de trazer ao produto anunciado um caráter de modernidade e um *status* de consumo mais elevado, pois, de acordo com o senso comum, produtos importados têm uma qualidade superior.

A circulação e intercâmbio cultural de imagens constitui um mapa conceitual construído socialmente e que varia de acordo com o momento sócio-histórico em questão. Ou seja, desenvolvemos um repertório cultural adquirido através de uma relação dialógica com a sociedade que nos cerca. Assim, os significados e símbolos que acompanham os diversos signos pertencentes a esse mapa são criados e recriados no decorrer dos processos históricos.

Ao tomar o exemplo da maçã como símbolo, temos uma das principais associações a essa fruta como sendo o fruto proibido, citado na bíblia. Contudo, depois da popularização da *Apple*, a associamos, também, a essa marca, já que essa fruta é o seu tão difundido logo. Segundo Rodrigues (2013, p. 73): "A segunda versão da marca Apple, a famosa imagem da maçã com uma mordida e as seis tiras coloridas, passou a ser adotada a partir de 1977, transferindo para o nome da marca a metáfora do desejo presente na fábula de Adão e Eva".

⁸ Tradução minha. No original: *This second wider meaning is no longer a descriptive level of obvious interpretation.*



Imagem 2 - Paisagem linguística digital: uma das primeiras propagandas da Apple

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=5sMBhDv4sik.

A imagem 2 traz uma publicidade veiculada entre 1997 e 2002 em forma de vídeo⁹. Mostrava diversos personagens históricos como Gandhi, Einstein ou John Lennon. Essas pessoas foram utilizadas para ilustrar a ideia de como pensar diferente e não se enquadrar às normas impostas pode fazer com que se vá mais longe. Assim, o intuito era de associar à marca as ideias de criatividade e inovação. Nessa publicidade, pode-se ver a existência de ideias neoliberais subjacentes, pois a concepção de ascensão social é relacionada à individualidade do sujeito e à sua capacidade de pensar diferente. Tem-se, então, que o sujeito é responsável por sua manutenção social e econômica, o que nos remete a uma concepção individualista de sociedade, característica de uma filosofia neoliberal.

Essa publicidade pode ser interpretada conferindo-se sentidos diferentes a cada maçã. Enquanto a maçã à esquerda evoca a fruta e, talvez, o fruto proibido, aquela que se encontra à direita nos remete à marca *Apple*. Podemos perceber, então, como se dá a criação de um mapa conceitual, por meio da disseminação de novos sentidos associados a um determinado signo, neste caso visual. A frase *think different* pode, ainda, fazer referência a esse próprio movimento de ressignificação de signos, cujos sentidos já se estabeleceram. Além disso, a estratégia de *marketing* da marca tem por objetivo "falar" com o desejo de seus consumidores.

Em um artigo acadêmico sobre as estratégias de *marketing* da *Apple*, Machado, Cant e Seaborne (2014, p. 957) argumentam que a empresa tem um *marketing*

⁹ O vídeo da publicidade está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5sMBhDv4sik (último acesso em junho de 2021).

experiencial, "que se dirige não somente às vontades e necessidades, mas à autoimagem, objetivos sociais, emoções dormentes, valores e desejos profundamente enraizados do consumidor (SRINIVASAN; SRIVASTAVA, 2010)¹⁰". A maçã seria símbolo desse desejo, envolto por emoções, que se objetiva despertar em potenciais compradores.

O movimento de construção de sentidos culturais é contínuo, sendo assim, novos signos são incorporados a nossa gama de representações, já outros, com o tempo, passam a ser menos representativos. Uma característica particular do mundo globalizado é a constante e rápida troca desses signos, em um raio amplo, entre diferentes continentes e países. Sendo assim, os signos e símbolos construídos são compartilhados por culturas distintas, mas passam a ter significados compartilhados, fato possibilitado pelas diversas e complexas tecnologias que permeiam nossa vida cotidiana (HALL, 1997).

[Significados] também são produzidos em diversas mídias diferentes; especialmente nos dias atuais, com a mídia de massa moderna, as possibilidades da comunicação global, por meio de complexas tecnologias, que fazem circular significados entre diferentes culturas em uma escala e com uma velocidade não antes conhecidas na história.¹¹ (HALL, 1997, p. 6)

As trocas de significados não se restringem a uma determinada região ou mesmo apenas a falantes de uma mesma língua. Sendo assim, temos marcas culturais que circulam globalmente, como as produzidas pela cultura visual e veiculadas por aparelhos eletrônicos. No caso da maçã, sua simbologia de fruto proibido foi disseminada pela leitura da bíblia, um dos textos mais disseminados globalmente, sobretudo no ocidente. A propagação desse sentido levou séculos para se espalhar por um raio geográfico amplo. Já a maçã como símbolo da *Apple* é uma representação que foi disseminada mais rapidamente, através das TIC, e que atinge tanto o hemisfério ocidental quanto o oriental.

Com a internet, os vídeos, notícias, memes, entre outros, por vezes, viralizam, atingindo bilhões de compartilhamentos e visualizações, o que resulta em um assunto

¹¹ No original: [Meaning] is also produced in a variety of different media; especially, these days, in the modern mass media, the means of global communication, by complex technologies, which circulate meanings between different cultures on a scale and with a speed hitherto unknown in history.

¹⁰ No original: Experiential marketing is a process whereby the involvement of the consumer is mandatory in the form of participation and goes beyond meeting the consumer's identified wants and needs. It addresses not only the wants and needs, but the self-image, social goals, dormant emotions, values, and deeply ingrained desires of the consumer (SRINIVASAN & SRIVASTAVA, 2010).

a ser comentado ao mesmo tempo nas mais distantes partes do mundo. Desta forma, uma das características da internet é de tornar o intercâmbio de fatos e produções culturais muito mais veloz.

Tais mudanças caracterizam uma era, na qual a imagem é um dos principais meios de representação de pensamentos, passando a ocupar um espaço quase tão importante quanto o da linguagem escrita. Em *Literacy in the New Media Age*, Kress (2005) faz previsões para a significação na era dos avanços tecnológicos, na qual o livro vem sendo substituído pela tela, e a linguagem alfabética vem sendo substituída pela linguagem visual:

A linguagem como fala permanecerá como o principal meio de comunicação; a linguagem escrita será cada vez mais deslocada pela imagem em meios como a comunicação pública, no entanto a escrita continuará sendo o modo preferido das elites políticas e culturais ¹² (KRESS, 2005, p. 1).

Há, portanto, um movimento sociocultural impulsionado pelos avanços tecnológicos, que têm transformado a comunicação, aumentando a disseminação da – muitas vezes mais democrática – representação por meio de imagens e símbolos. A forma com que nos relacionamos com a imagem mudou, segundo Mizan (2014, p.1): "A sociedade moderna parece estar invadida pelo poder da imagem, uma vez que produz e consome imagens como nunca antes". Há uma ascensão da significação através da linguagem visual, o que confere nova importância para os estudos nessa área.

Novos significados culturais vêm sendo constituídos através das imagens (ROGOFF, 1998). Devido a essa presença constante, defende-se a necessidade de oficializar a cultura visual como um novo campo de estudos. De acordo com Mirzoeff (1998, p. 7), os estudos sobre a cultura visual: "redirecionam nossa atenção de estruturas formais de apresentação, como o cinema e as galerias de arte, para a centralidade da experiência visual na vida cotidiana" 13. Em outras palavras, tais estudos propõem investigações sobre as formas cotidianas de uso de imagens e sobre a construção de sentidos proporcionada por elas, e não somente de áreas

¹² Tradução minha. No original: Language-as-speech will remain the major mode of communication; language-as-writing will increasingly be displaced by image in many domains of public communication, though writing will remain the preferred mode of the political and cultural elites.

¹³ Tradução minha. No original: Visual culture directs our attention away from structured, formal viewing settings like the cinema and art gallery to the centrality of visual experience in everyday life.

anteriormente estudadas pelos estudos semióticos, como o cinema ou as artes visuais.

Se, antes, a maior parte da comunicação entre pessoas se dava por meio da linguagem escrita, com cartas, telegramas, notícias em jornais, mensagens de texto, entre outros, hoje, há grande circulação de informações através de memes, vídeos ou fotos. De acordo com Santaella e Nöth (2005, p. 69), é possível "concluir que o código hegemônico deste século não está nem na imagem, nem na palavra oral e escrita, mas nas suas interfaces, sobreposições e intercursos, ou seja, naquilo que sempre foi do domínio da poesia". Portanto, há, atualmente, uma hibridização das duas formas de linguagem na construção de significados, assim como pode ser observado na construção de sentidos da imagem 2.

A relação que se pode estabelecer entre o tema do presente trabalho e a ascensão da cultura visual seria pelo fato de entre eles estar a popularização da internet. Esse processo causou mudanças tanto no aumento de uso de imagens, pois sua produção e acesso foram facilitados, como no aumento do uso cotidiano da língua inglesa. Desde o início da popularização dos PCs, *private computers*, a linguagem usada para denominar suas ferramentas acontece em inglês. Dessa forma, houve dois movimentos: o da expansão do uso do idioma em interações cotidianas e o da apropriação de palavras de língua inglesa. Ao mesmo tempo que as pessoas estavam sendo apresentadas a algumas palavras como *delete*, *enter*, *print screen*, entre outras, houve o aportuguesamento de algumas delas, gerando verbos como deletar ou escanear.

Ou seja, no que concerne à língua inglesa, pode-se constatar uma popularização do seu uso a partir da ascensão da internet. A respeito desse processo de popularização, Paiva (2001) assevera que:

Com o desenvolvimento da Internet e o crescimento da WWW, um número incalculável de homepages tem sido criadas e os recursos para a aprendizagem de inglês foram ficando cada vez mais diversificados e sofisticados. Além desses sites específicos para a aprendizagem de línguas, houve um aumento substancial na quantidade e qualidade de *input* na língua alvo, em forma de texto e áudio. Hoje é possível ler jornais no mundo inteiro publicados em inglês (PAIVA, 2001, p. 95).

A relação da população brasileira com a língua inglesa mudou depois do crescimento da internet. Consequentemente, os usos que se faz da língua também mudaram, sendo possível encontrar um número expressivo de propagandas, grafites ou postagens na internet feitos em inglês, ou seja, nas paisagens linguísticas em geral.

Desde a citação de Paiva (2001) acima, houve outras mudanças decorrentes da tecnologia, refletidas nos usos da linguagem e às influências da tecnologia sobre ela. Como discutido anteriormente, a possibilidade de se gerar, compartilhar e consumir imagens, a partir da expansão das TICs vem alterando a maneira como nos comunicamos. Dentre os aspectos que vem sofrendo mudanças, há a comunicação via aplicativos online, como o WhatsApp, nos quais a linguagem é abreviada como consequência do ao seu caráter de rapidez de trocas. Neles, os emojis passam a ser usados para a construção da significação, representando, por exemplo, sentimentos diversos. Aplicativos como o Snapchat, Tik Tok e Instagram possuem ferramentas de compartilhamento rápido de vídeos e fotos em publicações, stories etc., acontecimento que resulta em outra alteração nas interações comunicacionais, com as fotos sendo utilizadas para divulgar, noticiar, relatar e transmitir ideias diversas. Tais compartilhamentos, falam sobre desde coisas triviais, como o que alguém está fazendo no fim de semana, até assuntos mais substanciais, como um alerta de caráter mais político. Tem-se, portanto, uma amostra das contínuas modificações da linguagem e das formas de interagir, decorrentes da sociedade e de seus aspectos vigentes.

Como apresentado da introdução do presente trabalho, adota-se aqui a perspectiva da subjetividade e da implicação do autor na pesquisa acadêmica. Dessa forma, acreditamos ser importante trazer a minha relação com os espaços registrados, além de como utilizo as redes sociais e ferramentas de busca, nas quais encontrei algumas das imagens que aqui analiso. Dentre as diversas redes sociais, utilizo duas o Instagram, com maior frequência, e o Facebook. Na primeira interajo com mensagens provadas, comentários e compartilhamentos de publicações e stories. Nessa rede sigo pessoas do meu círculo social, além de outros indivíduos mais célebres, como políticos que admiro, músicos e artistas diversos. Acompanho, também, páginas com conteúdo considerado mais sério, sendo esses e cunho político ou social, além de outras com postagens irônicas, de caráter crítico à organização da sociedade contemporâneas. Essas abordam temas como o racismo, misoginia, homofobia, transfobia, abismo entre classes sociais etc. Já na segunda rede social mencionada, o Facebook, eu interajo mais frequentemente com membros da família, colegas de trabalho e ex-professores. Nessa rede social eu não acompanho postagens de páginas, somente grupos e pessoas com os quais me relaciono de alguma forma.

As influências das tecnologias e da língua inglesa na língua portuguesa e na nossa sociedade contemporânea podem ser verificadas na imagem 2. Ela foi retirada da página *Greengo Dictionary*, que reúne um milhão e meio de seguidores e tem postagens que brincam com a língua inglesa ao traduzir expressões brasileiras cotidianas para o inglês de forma literal, além de outros posts com conteúdo político crítico ao atual governo. O autor da página é chamado Matheus Dinis, tem 27 anos, é goiano e especialista em comunicação empresarial, segundo seu perfil no *LinkedIn*. A página começou de maneira despretensiosa, depois de uma de suas postagens viralizar e hoje tem um número expressivo de seguidores.

Me deparei com essa postagem no meu feed de publicações, e seu conteúdo me fez questionar as maneiras com as quais falantes brasileiros se relacionam com a língua inglesa. Há, neste *post*, uma brincadeira com formas aportuguesadas de verbos utilizados por *gamers*, ou pessoas que jogam jogos de computador ou videogame. A imagem foi postada em agosto de 2020, na ocasião do dia do *gamer*. Tratava-se de uma parceria paga, uma publicidade, da marca *Acer*, fabricante de computadores taiwanesa, que se tornou uma multinacional e a terceira maior fabricante de computadores no mundo. Pode-se conferir no canto inferior direito da imagem o nome Predador, que é uma linha de modelos de PCs desenvolvida para *gamers*, com maior capacidade de processador. A publicação recebeu mais de setenta e três mil curtidas, além de mais de três mil comentários, que em sua maioria consistiam em outras expressões abrasileiradas do universo dos jogos digitais, utilizadas por usuários brasileiros.



Imagem 3 - Paisagem Linguística Digital

Fonte: página da Greengo Dictionary, em agosto de 2020.

Dicionários de língua portuguesa, como o *Michaelis online*, já possuem as palavras deletar e escanear em suas definições. Da mesma forma, com o decorrer do tempo outros vocábulos, como os que estão na imagem 3, podem ser incorporados oficialmente em nosso repertório como novos anglicismos.

Algo comum na sociedade contemporânea é a linguagem chamada multimodal, que mistura imagens, frases ou mesmo sons para a construção da mensagem a ser transmitida. Como aponta Ferraz (2012), inspirado em McLuhan (1967),

transformações causadas por novas invenções, como a televisão e a máquina fotográfica e a disseminação delas, desestabilizam o típico homem tipográfico, aquele para quem a leitura linear de um texto escrito é a principal forma de leitura. Ao se referir às mudanças acima mencionadas, Ferraz (2012, p. 99) afirma: "Essas transformações, como pequenas revoluções, introduzem a multimodalidade ao cotidiano e, consequentemente, alteram a maneira de lermos e o próprio conceito do ler". Estamos, portanto, em uma sociedade na qual o ato de ler deixa de ser centrado em um único formato e passa a englobar diferentes formas, ou seja, a leitura passa a ser semiótica.

Apesar das linguagens escrita e visual terem características próprias, a linguística sempre privilegiou a análise da primeira em detrimento da segunda. Os estudos linguísticos de viés estruturalista consideram somente os estudos da língua como um conjunto de signos, significados e seus fonemas, representados sobretudo por meio da linguagem alfabética. Há, portanto, uma resistência em incluir-se oficialmente a imagem nos estudos linguísticos. Sobre isso, Barthes coloca:

Nós sabemos que linguistas recusam o status da linguagem como qualquer comunicação por analogia – da 'linguagem' das abelhas até a 'linguagem' de gestos – a partir do momento em que tais comunicações não são duplamente articuladas, não fundadas em um sistema combinatório de unidades digitais, como os fonemas são. Os linguistas não são os únicos que desconfiam da natureza linguística da imagem; a opinião geral também tem uma vaga concepção da imagem como uma área de resistência ao significado [...] (BARTHES, 1998, p. 70)¹⁴.

De acordo com essa fala, a imagem não é parte dos estudos linguísticos, pois não contém elementos considerados por alguns estudiosos da área como representativos desses estudos. Consequentemente, faz-se uma diferenciação entre os dois tipos de linguagem, de tal forma que à escrita é concedido um foco preponderante nos estudos linguísticos de teor acadêmico.

No entanto, hoje, como resultado das mudanças sociais devidas à digitalização da sociedade e a constância da imagem na era contemporânea, há diversos escritos sobre a construção de sentidos através da linguagem visual. Autores da era pós-

_

¹⁴ No original: We know that linguists refuse the status of language to all communication by analogy — from the 'language' of bees to the 'language' of gesture — the moment such communications are not doubly articulated, are not founded on a combinatory system of digital units as phonemes are. Nor are linguists the only ones to be suspicious as to the linguistic nature of the image; general opinion too has a vague conception of the image as an area of resistance to meaning [...].

moderna e pós-estruturalista, como Gunther Kress e Nick Mirzoeff, têm livros importantes acerca da construção de significados por meio das novas mídias e da cultura visual; respectivamente, *Literacy in the New Media Age* e *The Visual Culture Reader*.

Kress (2005) trata das diferenças entre o modo da imagem e o modo da escrita na construção de sentidos. Para ele: "enquanto o percurso de leitura da imagem é (relativamente) aberto, ela própria e seus elementos são repletos de sentido. Não há nada vago ou vazio ali. Aquilo que se quer representar é representado" (KRESS, 2005, p. 04). Nessa asserção, o autor aborda as características da linguagem visual, que, segundo ele, é carregada de intensões de sentidos, não produzidos ao acaso; de modo que há uma intencionalidade presente.

De acordo com essa perspectiva, a linguagem visual faz parte dos estudos linguísticos, pois é um sistema de representação que opera similarmente à linguagem alfabética na construção de sentidos. No que diz respeito às duas formas de linguagem, Kress aponta que a leitura de um texto alfabético é linear e espacial, já a leitura de uma imagem acontece de maneira espacial e simultânea. Ou seja, o autor delineia teorias linguísticas sobre a formulação de sentidos e as características inerentes a ambas as formas de representação, pois ambas pertencem ao campo dos estudos linguísticos.

Para tratar de cultura e das produções de sentido através de símbolos como a música ou as imagens, isto é, não somente através da linguagem verbal, adota-se uma abordagem semiótica (HALL, 1997), que estuda como diferentes símbolos são veículos de significado. Tal análise considera todos os elementos presentes em determinada representação híbrida – aquela composta por signos visuais, escritos ou mesmo sonoros – para a interpretação dos sentidos ali presentes.

Em um de seus ensaios, ao tratar da constituição dos mitos, Barthes reflete sobre o trabalho do semiologista, para quem todas as formas de construção de sentidos, seja ela por meio da escrita ou de imagens, entre outras, são parte do processo de significação. Já para a tarefa de analisar tal signo, o semiologista não deve considerar o tipo de linguagem utilizada na sua formação, ele deve se concentrar somente no produto.

-

¹⁵ No original: while the reading path in the image is (relatively) open, the image itself and its elements are filled with meaning. There is no vagueness no emptiness here. That which is meant to be represented is represented.

Esse é o motivo pelo qual o semiologista pode tratar do mesmo modo a escrita e as imagens: o que ele retém delas é o fato de que ambas são *signos*, ambas atingem o patamar de mitos conferido pelas mesmas funções significativas, e que ambas constituem, uma tanto quanto a outra, um objeto-linguagem¹⁶ (BARTHES, 1997, p. 68).

Essa citação de Barthes é importante para os estudos da imagem como linguagem, ou dos letramentos visuais, pois posiciona as diferentes formas de construção de sentido – no caso, a imagem e a escrita – de forma igualitária, o que representou, na época de sua publicação, um avanço no campo dos estudos semióticos. No entanto, esse teórico francês não desenvolve a relevância do contexto sócio-histórico de produção de significados, como é feito por outros filósofos da linguagem, como Bakhtin (1999) e Foucault (2005)¹⁷.

Como aponta Kress (2005), consideráveis mudanças na comunicação humana foram geradas pelas TICs. Nos tempos das mídias digitais, é possível perceber uma grande influência da imagem na comunicação cotidiana entre pessoas. Tal influência se dá por meio das mais variadas imagens que passam a construir diferentes significados e narrativas, enviadas através de redes sociais como o *Instagram* ou de aplicativos como o *WhatsApp*. Como as formas de comunicação estão mudando, os estudos teóricos sobre a linguagem também o devem fazer. A influência de tais transformações na sociedade contemporânea devem ser consideradas em sua complexidade, realizando as análises linguísticas sob uma perspectiva semiótica, nos campos de estudo relacionados à linguagem e à comunicação.

A partir desse trecho, entende-se que cada uma das linguagens evoca atitudes diferentes de leitura, além de terem características próprias na construção de sentidos, e, por esse motivo, não podem ser devidamente contempladas com uma única teoria.

A percepção de que o ato de assistir (o olhar atento, rápido, as práticas de observação, vigilância e prazer visual) pode ser um problema tão profundo quanto as várias formas de se ler (decifração, decodificação, interpretação, etc.) e que a 'experiência visual' ou o 'letramento visual' não podem ser

¹⁶ No original: This is why the semiologist is entitled to treat in the same way writing and pictures: what he retains from them is the fact that they are both signs, that they both reach the threshold of myth endowed with the same signifying function, that they constitute one just as much as the other, a language-object.

¹⁷ A teoria de ambos os filósofos será mais bem desenvolvida no segundo capítulo desta dissertação.

completamente explicados com os modelos de textualidade¹⁸ (MITCHELL,1994, p. 16).

No que diz respeito às diferenças entre as linguagens verbal e imagética, ao tratar das particularidades de ambas as representações, percebe-se que efeitos produzidos por uma imagem não podem ser igualmente alcançados por uma descrição da mesma. Além disso, há efeitos de sentido que dificilmente podem ser produzidos visualmente, por exemplo, aqueles construídos por figuras de linguagem, como metáforas, metonímias, eufemismos, entre outras. Logo, cada forma de construção de sentidos tem diferentes potencialidades na construção de significados.

1.1. Letramentos Visuais

Por letramentos visuais entende-se o desenvolvimento de práticas de leituras que vão além de ler a imagem ou a paisagem linguística, mas que procurem pensar criticamente sobre o que se vê. Para isso, é necessário que, primeiramente, tal assunto seja abordado na formação de professores de línguas, para que esses desenvolvam uma abordagem crítica ao se ler o mundo, que, consequentemente, pode ser transmitido aos seus alunos. Assim como em interpretações de textos escritos, para a leitura de imagens é necessário considerar-se o contexto, época e autores de determinada produção, além de averiguar os motivos que levaram tal imagem a ser produzida e veiculada.

Consideramos, sob essa ótica, a necessidade de um ensino-aprendizagem de leitura voltado para um letramento visual, considerado não somente como a habilidade de extrair significados das imagens (DEBES, 1968) mas que, para além disso, considere o desenvolvimento das capacidades de atribuir significados às imagens em função dos contextos históricos em que estas foram criadas e circulam, tomando todos os componentes de significação como construtos semióticos imprescindíveis para a compreensão. Nessa perspectiva, acreditamos que a presença das imagens, em suas múltiplas dimensões, no cotidiano do sujeito, solicita da escola uma postura reflexiva acerca das diferentes linguagens e um ensino-aprendizagem que se volte para os multiletramentos, incluindo o letramento visual, seus modos de representação e suas interações (BARROS; COSTA, 2012, pp. 44-45).

Quando nos deparamos com uma imagem ou paisagem linguística, fazemos uma das múltiplas interpretações possíveis sobre tal objeto de leitura. É importante

¹⁸ No original: the realization that spectatorship (the look, the gaze, the glance, the practices of observation, surveillance and visual pleasure) may be as deep a problem as various forms of reading (decipherment, decoding, interpretation, etc.) and that 'visual experience' or 'visual literacy' might not be fully explicable in the model of textuality.

termos isso em mente, pois o professor, ao promover uma discussão sobre certa imagem, deve conceber tal atividade de maneira horizontal, não impondo sua visão e, desta forma, trazendo para as possibilidades de leituras aquelas de seus alunos. Ou seja, os letramentos visuais não supõem uma visão correta ou pré-estabelecida. Cabe ao professor, no entanto, questionar algumas das interpretações feitas, proporcionando aos alunos outros pontos de vista, que vão além daqueles tidos como senso comum. Se considerarmos a imagem 4, como exemplo, podemos destacar duas das possíveis interpretações que se pode fazer do mapa do Brasil estampado com a bandeira do Reino Unido.



Imagem 4 - Paisagem linguística digital

Fonte: https://de-yikilan-krallik.onrender.com/aulas-particulares-de-ingles.html.

Essa imagem foi retirada de um *site* que anuncia aulas particulares que, de acordo com seu autor, um professor brasileiro, promovem o ensino-aprendizagem do inglês nativo¹⁹. Deparei-me com ela após uma busca pelos ternos 'inglês nativo' na ferramenta de busca Google, a única que utilizo para pesquisas na web.

Um dos primeiros questionamentos que se pode fazer é entorno do que seria um inglês nativo? Qual variante é tida como padrão? Além de, quais foram os processos que levaram tal variante a "assumir" esse posto de representante da língua inglesa? Compreende-se que com relações de poder, forjadas após décadas e décadas de políticas expansionistas e imperialistas, o inglês acabou disseminando-se pelo mundo por meio de processos colonizatórios, tornando-se uma língua,

¹⁹ A discussão acerca da impossibilidade de nomear um inglês nativo será mais bem desenvolvida no capítulo três da presente dissertação.

atualmente, presente em todos os continentes do globo. No entanto, apesar de sua presença em diferentes países, as variantes de inglês de maior prestígio, e, portanto, as mais divulgadas em publicidades de aulas de inglês, são a estadunidense e a britânica. Ao fazer uma busca dos termos "aulas particulares" e "inglês nativo para brasileiros", é possível encontrar grande número de anúncios semelhantes, oferecidos por professores nativos de países anglófonos, sobretudo dos Estados Unidos e Reino Unido. Selecionei a imagem 4 dentre tantas outras, pois a achei emblemática em representar as marcas coloniais em nossa sociedade contemporânea.

Acredito que cabem duas formas de se entender tal representação. A primeira delas pode ser considerada acrítica aos processos colonizatórios e às relações de poder que o norte global exerce sob o sul global. De acordo com essa perspectiva, a imagem é entendida como, provavelmente, foi concebida, trazendo sentidos de um ensino do inglês britânico. Esse, assim como a representação, não é questionado, e é tido como homogêneo, desconsiderando suas possibilidades de variação de sotaques e vocabulário.

À ideia de uma língua, normalmente, associa-se a noção de uma cultura; e assim como a linguagem, é oferecida como capital simbólico, sem considerar a pluralidade de culturas e povos que constituem o Reino Unido. A interpretação não questionadora pode ser uma das primeiras a serem levantadas por alunos que buscam aprender a língua inglesa. A importância de se questionar tais representações em uma formação de professores se dá para que esses moldes não sejam novamente reproduzidos.

Outra leitura possível acontece com o reconhecimento de traços coloniais presentes na imagem. Há estampado no mapa do Brasil a vontade de se assemelhar a esse Outro considerado superior em seu capital simbólico. Além disso, falar a língua estrangeira da maneira mais próxima possível é uma das formas de se realizar esse desejo. Provavelmente devido aos resquícios coloniais, em nosso subconsciente e inconsciente coletivo o fato de a bandeira britânica estar estampada no mapa do Brasil não causa estranhamento. Porém, se ao invés dela tivéssemos a bandeira nigeriana ou jamaicana, os efeitos de sentido causados seriam diferentes, e, certamente, não nos remeteriam a essa ideia de inglês nativo idealizado.

Quando se trata de bandeiras presentes em propagandas de escolas de línguas, os países que são representados são sempre hegemônicos, pois neles se reflete a ideia de aceder a um lugar de maior prestígio cultural e econômico. Se nessa

publicidade tal dinâmica é facilmente notada, em outras esse ímpeto é mais velado, porém não menos presente. Pode-se perceber que a escola em questão se utiliza dessa vontade de se ocupar esse lugar para atrair alunos à sua proposta de ensino. Tal estratégia não é utilizada somente por essa instituição, sendo recorrente em diversas outras publicidades do gênero.

Em uma formação de professores que tenha por objetivo promover uma educação linguística, logo, crítica, discutir como o inglês é representado em nossa sociedade é importante, pois pode permitir o rompimento com o ciclo de uma visão colonizada em relação a línguas hegemônicas. Tal educação não se limita ao ensino do idioma, mas gera novos conhecimentos e ultrapassa os limites da escola "no sentido da reflexão, crítica, autonomia, emancipação e transformação" (MONTE MÓR, 2019, p. 5). Essa educação propõe-se a ir além do ensino da língua, para também contribuir com a formação subjetiva dos alunos.

Em um mundo digitalizado no qual as informações circulam em alta velocidade pela internet, e no qual o acesso a textos das mais variadas fontes se faz por um simples compartilhamento de postagens, é necessário que os alunos pratiquem constantemente o exercício do pensamento crítico. Dessa forma, as paisagens linguísticas digitais não são lidas de forma acrítica, mas serão consideradas em relação à sua fonte, por quem e quando foi escrita, como uma maneira de se conhecer melhor quem as criou, e, logo, com qual intuito e para qual púbico foi destinada.

Infelizmente, a interpretação crítica, que considera as nuances da linguagem e os motivos que levam um determinado autor a construir determinado texto, não é um exercício tão comumente praticado em diversas escolas, o que não contribui para promover o que Paulo Freire (2017) chamou de *pedagogia da autonomia*. Tal perspectiva visa fomentar um exercício pedagógico crítico que ajude a criar o conceito de agência em sala de aula, possibilitando ao aluno desenvolver um pensamento autônomo e questionador, levando-o a se posicionar de maneira crítica no mundo.

Falta, ainda, um trabalho de letramento crítico em muitas escolas ou universidades, como mostra a pesquisa de Ferraz (2012), em *Letramento visual: A Leitura de Imagens nas Aulas de Inglês*. Acredito que muitas das políticas públicas não favorecem o desenvolvimento de um pensamento crítico em direção ao mundo que nos cerca, o que gera opiniões e asserções sobre o mundo baseadas em interpretações simplistas e em oposições binárias como as de certo/ errado ou verdade/ mentira.

Um ensino que favoreça a autonomia é ameaçador para aqueles que compartilham de uma filosofia neoliberal de sociedade, na qual as diferenças econômicas e sociais permanecem as mesmas, devido à lógica de mercado desse sistema econômico. Promover letramentos críticos em escolas de educação básica significa auxiliar o desenvolvimento de ferramentas de construção de sentidos, conferindo ao aluno autonomia em suas reflexões, o que lhe permitirá romper com sentidos pré-estabelecidos e com um estado passivo de estar no mundo.

Como afirma Monte Mór (2009, p. 15): "De acordo com os estudos em letramentos críticos, a construção de sentido envolve interferência, fazer escolhas e mudanças, romper com sentidos pré-estabelecidos e criar novos [...]²⁰". Um ensino que leve em conta essas premissas contribui para desconstruir a maneira com a qual se entende a sociedade ao nosso entorno, trazendo para as discussões assuntos como racismo, machismo, homofobia, entre outros. Consequentemente, os letramentos críticos não configuram uma abordagem bem-vinda em tempos de retrocesso social e político, como o que vivemos atualmente.

De acordo com Duboc e Ferraz (2020):

O que está por trás do projeto do Bolsonaro é uma nova forma de colonialismo, que procura murchar ou mesmo apagar todos os tipos de diferenças. Sentimentos de xenofobia, homofobia, racismo, machismo e misoginia, que agora florescem abertamente entre os apoiadores de Bolsonaro mostram à história que o alvo nunca mudou: os pobres, os migrantes, os indígenas, os homossexuais, os negros, as mulheres. No caso do Brasil, o projeto neoconservador e neoliberal é altamente movido por forças ideológicas e políticas, novos alvos foram adicionados: os acadêmicos, os pensadores críticos, os intelectuais (DUBOC; FERRAZ, 2020, p. 2)²¹.

Projetos de lei para políticas públicas educacionais, como a Escola Sem Partido, propõem uma neutralidade por parte dos professores, com o intuito de inibir posicionamentos políticos. Porém, sabe-se que o que se acaba por fazer é a repressão de opiniões dos professores em sala de aula. Não defendo aqui que os professores devem pregar seus posicionamentos com o intuito de "converter" seus alunos às mesmas opiniões, contudo, discussões que possibilitem a troca de pontos

²⁰ No original: According to the critical literacies studies, meaning making involves interference, making choices and changes, breaking down pre-established meanings and creating others [...].

-

²¹ No original: What lies behind Bolsonaro's project is a new form of colonialism that seeks to wither or even erase difference of all kinds. Feelings of xenophobia, homophobia, racism, sexism and misogyny which now flourish openly among Bolsonaro's supporters show history that the target has never changed: the poor, the migrant, the indigenous, the homosexual, the black, the woman. As in the case of Brazil the neoconservative and neoliberal project is highly driven by ideological and religious force, new targets have been added: the academics, the critical thinkers, the intellectuals.

de vista distintos favorecem a formação de um pensamento crítico. Ter nossas opiniões questionadas faz com que reflitamos criticamente acerca das próprias construções ideológicas, o que irá ajudar a desenvolver um pensamento mais bem fundado em argumentos. Essa é uma premissa fundamental da educação freiriana, dos letramentos, sejam eles críticos, novos ou multi, bem como dos letramentos visuais: que as múltiplas interpretações possam ser debatidas, inclusive questionadas, entre docentes e discentes em meio ao processo formativo. Em outras palavras, políticas públicas que impeçam a livre troca de ideias em um ambiente escolar prejudicam o desenvolvimento da autonomia e a emancipação dos alunos, o que, em suma, favorece a manutenção do *status quo*.

Em seu discurso de aceitação do prêmio Nobel, em 1986, Elie Wiesel disse, "Nós devemos tomar partido. A neutralidade ajuda o opressor, nunca a vítima. O silencia encoraja o algoz, nunca o acossado. Às vezes nós devemos interferir" (informação verbal)²². Essa fala é emblemática no que diz respeito a uma suposta neutralidade, que, no entanto, favorece aqueles com maior poder simbólico, conquistado por meio de fatos sócio-históricos como as colonizações no século XIV, que iniciou a racialização dos povos colonizados tidos como inferiores por natureza (VERONELLI, 2015). Se partirmos do pressuposto, apoiado pelas mais diversas teorias de análise do discurso (BAKHTIN, 1999; FOUCAULT, 2005), o discurso não pode ser concebido fora do âmbito da ideologia.

Ao considerar o contexto educacional, Paulo Freire postulou uma pedagogia que liberte o sujeito de leituras de mundo pré-concebidas, possibilitando-lhe ler sua realidade de maneira crítica, sem ser assujeitado por visões já estabelecidas. A partir de um ensino cujo objetivo é proporcionar aos alunos ferramentas para que se relacionem criticamente com os diversos textos que circulam na sociedade, constroem-se sujeitos capazes de romper com discursos hegemônicos ou autoritários.

A leitura mais crítica da realidade dá-se num processo de alfabetização ou não é associada, sobretudo a certas práticas claramente políticas de mobilização e de organização, e pode constituir-se num instrumento para o que Gramsci chamou de ação contra hegemônica. Por isso que ler implica esforços no sentido de uma correta compreensão do que é a palavra escrita, a linguagem, as suas relações com o contexto de quem fala e de quem lê e

٠

²² Discurso proferido por Elie Wiesel, na ocasião de aceitação do prêmio Nobel da Paz, no dia 10 de dezembro de 1986, em Oslo. No original: *We must take sides. Neutrality helps the oppressor, never the victim. Silence encourages the tormentor, never the tormented. Sometimes we must interfere.*

escreve, compreensão, portanto da relação entre 'leitura' do mundo e leitura da palavra (FREIRE, 2008, p. 21).

No trecho acima, Freire trata mais especificamente da leitura de mundo a associando à leitura da palavra. No entanto, sobretudo atualmente, quando a cultura visual é tão proeminente, a inclusão do letramento visual no ensino é de extrema relevância. Faz-se necessário, assim, a fomentação de uma noção de letramento mais ampla, ou aquela chamada de letramento visual. Partindo dessa perspectiva, é possível ler as imagens que nos circulam, questionando as mensagens nelas implícitas e, desta forma, fornecendo ferramentas para que os sujeitos possam combater as relações hegemônicas impostas pela sociedade. Realiza-se, assim, o que Paulo Freire denominou de pedagogia da autonomia, aquela que dá ao aluno o sentido de agência, de estar com o mundo mais crítica e ativamente.

Para tanto, as aulas que envolvem o letramento visual não podem ser norteadas por uma visão autoritária da interpretação fornecida pelo professor. O trabalho desse é expandir os horizontes dos alunos e promover um exercício de questionamento do contexto sócio-histórico em que tal mensagem foi produzida, para assim trabalhar com a sua interpretação.

Uma formação de professores que leve em conta os estudos de letramentos visuais pode permitir com que imagens, que poderiam ser vistas de maneira passiva, sejam interpretadas em suas nuances e ditos implícitos. Se esses estudos forem incorporados nesse âmbito educacional, os educadores dessa área poderão conceber o ensino do inglês de uma forma não subalterna e reprodutora de dinâmicas entre hegemônicos e subalternos, o que irá contribuir para o agenciamento dos alunos no que diz respeito ao aprendizado dessa língua.

Há diversas formas de se observar a imagem 5, a seguir. Pode-se lançar sobre ela tanto um olhar acrítico como outro questionador. Trata-se de uma publicidade da escola de inglês *Open English*. Após uma pesquisa no *site* da escola²³, obtive informações sobre o seu fundador, André Moreno, cidadão venezuelano, que fundou o estabelecimento com seu amigo e colega Wilmer Sarmiento, em 2005. Ainda de acordo com o *site*, a missão da escola é ensinar a pronúncia perfeita: "Na Open English, não abrimos mão da qualidade de ensino. Seus professores serão americanos e vão te ensinar inglês com a pronúncia correta". Ou seja, uma das

_

²³ Endereço do website: https://www.openenglish.com.br/ (último acesso em junho de 2021).

principais estratégias de *marketing* do local gira em torno de uma pronúncia normativa e hegemônica, que se pretende correta, enquanto outros falantes de inglês, sejam eles de países que o tem como língua principal, são preteridos.

Observa-se na imagem um frasco de perfume com o nome *Pronunciation* em foco principal. Ao fundo, há uma paisagem e uma mulher com um vestido longo preto. Abaixo, há a frase *by Open English*. O anúncio faz uma analogia com um frasco de perfume refinado e seu conteúdo prestigioso e a pronúncia do inglês. Considerando a missão da escola, mencionada anteriormente, de promover a pronúncia correta do inglês, percebe-se, então, a estratégia de *marketing* de associar as ideias de pronúncia correta com algo valioso, prestigioso, simbolizado pelo frasco de perfume.



Imagem 5 - Paisagem Linguística Digital: propaganda da escola de inglês online Open English

Fonte: https://grandesnomesdapropaganda.com.br/anunciantes/open-english-estreia-persueychon-brasil/

A imagem é emblemática para ilustrar o conceito de capital simbólico de Bourdieu (2004), segundo o qual, a partir de lutas simbólicas pelo poder, estabelecemse o detentor ou os detentores desse capital, que passa a ter sua autoridade reconhecida entre os outros indivíduos dessa sociedade.

Em meio à luta para a imposição da visão legítima, na qual a própria ciência se encontra inevitavelmente engajada, os agentes detêm um poder proporcional a seu capital simbólico, ou seja, ao reconhecimento que recebem de um grupo: a autoridade que funda a eficácia performativa do discurso é um percipi, um ser conhecido e reconhecido, que permite impor

um percipere, ou melhor, de se impor como se estivesse impondo oficialmente, perante todos e em nome de todos, o consenso sobre o sentido do mundo social que funda o senso comum (BOURDIEU, 2008, p. 82).

Sem um olhar crítico, tal publicidade pode ser lida de acordo com suas qualidades técnicas, enfoque, escolha de cores, centralização da imagem, entre outros, além da criatividade da mensagem ali contida. No entanto, há marcas coloniais tanto na filosofia da escola quanto na imagem. Seu criador, André Moreno, também é um cidadão de um local subalterno, localizado na América do Sul. Sem conhecer ou considerar as críticas à colonialidade e os estudos decoloniais, que visam a desconstruir, por meio de estudos e discussões teóricas, a noção de supremacia racial, neste caso, entre latinos e cidadãos de países hegemônicos, ele reproduz os discursos eurocêntricos que colocam o capital simbólico provindo de locais dominantes como mais poderoso ou influente. Nesse caso, a publicidade, de fato, materializa a pronúncia americana como um produto com alto capital simbólico a ser vendido.

Na década de 80, Freire atuava ativamente divulgando suas ideias acerca de uma pedagogia da autonomia e criticando o que chamava de educação bancária. Desde então, houve mudanças na sociedade e o neoliberalismo passou a ser a política econômica predominante mundialmente. Tais transformações econômicas geraram alterações na sociedade, que, por sua vez, influenciaram os moldes educacionais. Como aponta Giroux (2011), a educação durante o neoliberalismo é voltada para o treinamento de habilidades necessárias para uma futura segurança econômica. Ao retomar o trabalho de Freire, relata como a educação para esse teórico brasileiro significa mais do que criar cidadãos formados para perpetuar tais moldes econômicos.

Freire rejeitou esses moldes de pedagogia que apoiavam modelos econômicos e modos de agência, nos quais a liberdade é resumida ao consumismo e a atividade econômica é destituída de qualquer forma de critério, exceto aquele da rentabilidade e da rápida reprodução de uma massa crescente de humanos desperdiçados²⁴ (GIROUX, 2011, p. 156).

Atualmente, privilegia-se o projeto neoliberal de lucro, antes de valores humanitários, autonomia pessoal e posicionamento crítico, o que se torna ainda mais

_

²⁴ No original: Freire rejected those modes of pedagogy that supported economic models and modes of agency in which freedom is reduced to consumerism and economic activity is freed from any criteria except profitability and the reproduction of a rapidly expanding mass of wasted humans.

opressor do que as políticas econômicas da década de 80. Ao fazer uma análise das políticas econômicas atuais em relação à educação, Giroux (2011, p. 158) ressalta que: "O trabalho de Freire sobre a pedagogia crítica e o letramento é mais relevante hoje do que quando primeiro publicado"²⁵. O letramento crítico ajudaria o aluno a questionar os moldes de vida contemporâneos, tornando-se, assim, capaz de se relacionar de maneira crítica e autônoma com o mundo que o cerca. É importante que o sujeito construa uma visão questionadora da cultura de massa, não se tornando, assim, um mero reprodutor da cultura e dos discursos que o cercam.

Outro ponto importante que deve ser ressaltado acerca dos processos de interpretação é que todos eles são frutos de nossa herança cultural, ou, como diz Silva (2019, p. 169): "Em se tratando do Letramento Visual ou aquele que se presta à análise das imagens, partimos do pressuposto que nenhuma visualidade pode ser transparente ou inconteste; cada intérprete mobiliza sentidos advindos de sua cultura". Ou seja, além de refletir a respeito do contexto de produção de certo texto, é também preciso conhecer os sentidos que nós mesmos mobilizamos, e, assim, perceber que a nossa interpretação é uma das compreensões possíveis de dada mensagem. O letramento crítico tem como objetivo fazer com que o aluno perceba todos os sujeitos e os discursos que podem estar embutidos em certa fala.

Isso significa que já não basta entender o letramento crítico como um processo de *revelar* ou *desvelar* as verdades de um texto construídas e tendo origem no contexto do autor do texto. Entendemos agora que o processo é mais amplo e complexo: tanto o autor quanto o leitor estão *no mundo* e *com o mundo*. [...] Dito de outra forma, o processo de ler criticamente envolve *aprender a escutar* não apenas o texto e as palavras que o leitor estiver lendo mas também – e talvez mais crucialmente no mundo de conflitos e diferenças de hoje – *aprender a escutar as próprias leitura*s de textos e palavras (MENEZES DE SOUZA, 2011, p. 130).

Menezes de Souza escreve acerca da importância de aprendermos a nos ler, lendo. Ou seja, criarmos consciência do nosso repertório cultural, para que possamos compreender que a nossa é uma das interpretações possíveis para certa realidade social, sendo que há outras bagagens culturais que resultam em outras visões de mundo. Exercita-se, assim, o jogo da diferença, de reconhecer os discursos alheios e como eles podem vir a ser construídos.

_

²⁵ No original: [...] it is also the reason why Freire's work on critical pedagogy and literacy is more relevant today than when it was first published.

O letramento crítico, atrelado ao letramento visual ou vice-versa, deve partir do pressuposto de que o signo é variável, assim como a interpretação que lhe conferimos. Sendo assim, opiniões podem variar de acordo com o momento em que estamos. Em outras palavras, nossa compreensão de certo texto imagético ou escrito pode mudar no decorrer de nossas vidas, pois não somos sujeitos de convicções e visões estáveis. Com o tempo, adquirimos novos conhecimentos ao dialogar com o mundo que nos cerca, de forma que podemos, nós mesmos, interpretar distintamente um mesmo texto em fases diferentes de nossas vidas.

Outra questão que pode ser abordada com o letramento crítico é a respeito da distribuição de sentidos, pois como afirma Silva (2019, p. 173): "criam-se sentidos que são endossados, em detrimento de outros que são ofuscados". Pode-se pensar que há discursos que são favorecidos em detrimento de outros, por exemplo, a voz de uma parte da sociedade, como a classe média, é muito mais ressoante do que a de minorias, como os sem-terra. A voz predominante nos processos de construção e interpretação de sentidos é a do homem branco euro-estadunidense. Assim, o letramento crítico também deve ter como objetivo praticar uma partilha igualitária de saberes, o que Boaventura de Sousa Santos (2007) denominou de ecologia de saberes.

No que diz respeito ao ensino da língua inglesa, além de incluir as complexas relações de produção e interpretação de sentidos, pode-se pensar em uma democratização de vozes que até então eram praticamente inexistentes nos cursos de inglês. Um dos motivos para tal apagamento é a maneira como os livros didáticos representam o falante de língua inglesa, não incluindo os diversos países africanos, asiáticos ou da América Central que têm o inglês como uma de suas línguas oficiais.

Mizan argumenta que:

[u]ma formação crítica desafia noções mais clássicas de ensino de língua inglesa e pode ser definida em termos de uma atitude, na sala de aula, que procura desafiar um centro geográfico, político, social, cultural e econômico, onde assumimos que o poder e o privilégio residem (MIZAN, 2018, p. 235).

Assim, com leituras de imagens, por exemplo, seria possível praticar o exercício de interpretação através da perspectiva de diferentes culturas. Em outras palavras, trata-se de analisar como o lugar de fala contribui para interpretações diversas. Uma problematização relevante seria sobre a maneira com a qual uma mulher senegalesa

ou coreana, por exemplo, se relacionaria com alguns dos símbolos veiculados pela cultura de massa ocidental. De fato, os olhares lançados a esses símbolos seriam diferentes daqueles produzidos por um leitor europeu, por exemplo?

Ainda, as heranças históricas podem levar a encontrarmos marcas coloniais em discursos contemporâneos, como é o caso da imagem 5. Tal letramento é fundamental para encontrar ou indagar sobre tais marcas presentes em discursos em torno da língua inglesa. O fato de conduzir um olhar crítico em direção a certas falas resulta em uma percepção de como carregamos vestígios do colonialismo em práticas culturais contemporâneas. Ter consciência dessa herança cultural pode prevenir esse aluno de transitar por entre tais discursos de forma passiva e indiferente.

Remetendo-me novamente ao tema do capítulo inicial desta dissertação, a linguagem e os discursos contemporâneos, a língua é marcada por relações de poder e por ideologias que se refletem e são reflexos da sociedade. Há embutidas nos usos da língua inglesa em países do hemisfério sul marcas de colonialidade que podem ser verificadas em publicidades brasileiras que usam o inglês como uma maneira de conferir algum *status* linguístico aos seus produtos. Por esse motivo, na escola, um dos papéis do professor é o de problematizar o que a língua inglesa representa para nós, brasileiros, e como nós nos relacionamos com ela. Um questionamento pertinente seria acerca dos motivos pelos quais nomes de lojas ou marcas que circulam exclusivamente em território nacional serem dadas em inglês; que imagem seus autores esperam associar ao seu produto ao fazer a escolha de não utilizar o português para esse fim?

1.2. As interfaces entre letramentos visuais e paisagens linguísticas

Como foi tratado acima, as imagens têm se tornado cada vez mais frequentes e representativas da era digital contemporânea. É por esse motivo que teóricos como Barthes (1998) defendem a inclusão de estudos semióticos nos estudos linguísticos, ou, indo mais adiante, acredito que os estudos da linguagem visual se fazem cada vez mais relevantes. Um dos indicadores de como a imagem vem se tornando central em nosso cotidiano são as inúmeras paisagens linguísticas e paisagens linguísticas digitais que nos cercam.

Há diversos exemplos de placas, anúncios ou publicidades que utilizam uma ou mais palavras em inglês e que podem ser facilmente encontrados. A análise de tais

usos é significativa para professores ou profissionais ligados à linguagem, pois as escolhas linguísticas baseiam-se em ideologias, relações de poder, além de fatos subjetivos em sua individualidade. Uma análise crítica desses usos urbanos é importante dentro do contexto de ensino da língua inglesa, pois com essa problematização, pode-se conscientizar os alunos acerca de ideologias que podem estar presentes em certos usos de inglês na nossa sociedade, além de promover um questionamento sobre o que eles representam. Acredita-se que através de um olhar em direção aos usos da linguagem pela sociedade contemporânea, pode-se trazer os alunos para "uma atitude de curiosidade constante, assim, promovendo um aprendizado contínuo" sobre "os conhecimentos produzidos dentro e fora da sala de aula" (JORDÃO, 2009, p. 103-104).

Ao refletir sobre uma formação docente crítica que fomente a promoção de letramentos críticos no processo de ensino-aprendizagem, Monte Mór (2018, p. 271), citando Cope e Kalantzis, assevera que saber sobre conhecimento ubíquo e construção coletiva do conhecimento são imprescindíveis na formação crítica do docente de hoje, porque: "o aprendizado não ocorre apenas na sala de aula, mas em casa, no playground, no museu, na biblioteca, e nas interações diárias com os outros". O desenvolvimento da criticidade possibilita, então, por meio do estudo das paisagens linguísticas contemporâneas, um novo olhar em relação aos processos de globalização e às atuais relações coloniais que fazem do inglês uma língua com determinado capital linguístico e que passa a ser presente em diversos locais da nossa sociedade.

As pesquisas em sociolinguística (BLOMMAERT, 2011; CALVET, 2002), hoje, não podem deixar de considerar as mudanças sociais decorrentes dos novos e dinâmicos fluxos culturais e migratórios, ao se refletir sobre as práticas linguísticas. O advento da internet traz um grande fluxo de ideias sendo trocadas em alta velocidade (HALL, 1997), e as influências de tais trocas podem ser percebidas em usos híbridos, como as misturas de códigos – visual e escrito – ou de línguas – português e inglês. Como nossa sociedade contemporânea é cada vez mais marcada por interações

²⁶ No original: Nevertheless, when considered relevant and feasible, these procedures can construct conceptual questioning not only as a tool, but also as an interpretive procedure able to move teachers and students to an open and multi-dimensional attitude in relation to knowledges produced inside and outside their classrooms [...] as well as the awareness of the implications and assumptions each of them produces in our cultures and identities can construct an attitude of permanent curiosity, thus promoting continuous learning.

frequentes via internet – o que foi ainda mais intensificado durante a pandemia do Covid-19 – a hibridização de meios e línguas certamente é algo que se configura como uma nova e importante característica das interações linguísticas no século XXI.

Pode-se encontrar um número expressivo de produções linguísticas contemporâneas na sociedade paulistana e no Brasil, que podem ilustrar essas mudanças de paradigmas, tais quais anúncios publicitários, postagens em redes sociais, grafites escritos em português e inglês e, até mesmo, nomes próprios que têm origem de outros idiomas. Todos esses exemplos retratam a influência de outras culturas em práticas locais, o que, ao considerar o processo sócio-histórico da globalização, levou o sociólogo Roland Robertson (1995) a cunhar o termo *glocalização*²⁷.

Para manter sua relevância como ciência e entender como as influências das novas tecnologias de informação e comunicação se dão na linguagem, é preciso que a sociolinguística se torne "menos linguística e mais multimodal/ multisemiótica" (DUBOC; FORTES, 2019, p. 3). Em outras palavras, não é mais possível se focalizar apenas em um tipo de prática linguística para abranger o panorama amplo de práticas contemporâneas, já que, hoje, utilizam-se diversos meios e modos para a comunicação. Além disso, como mencionado anteriormente, práticas de transliguismo (GARCIA, 2009; CANAGARAJAH, 2013) são comuns ao redor do mundo, portanto, não mais estudadas como exceções, mas como um dos padrões de práticas comunicativas contemporâneas.

As nossas paisagens linguísticas estão sendo cada vez mais mescladas com uma cultura visual, o que resulta em outras maneiras de se significar, não apenas se valendo de palavras escritas dispostas de maneira linear. Consequentemente, como ciência, a sociolinguística tem de se reinventar para garantir sua relevância no cenário atual: "A sociolinguística tem se tornado cada vez menos linguística e mais relacionada ao estudo de um processo mais abrangente de construção de significado" (BLOMMAERT, p. 12, apud DUBOC; FORTES, 2019). A partir de tal

²⁷ Esse termo foi desenvolvido por Roland Robertson, com o intuito de refletir sobre os processos globalizatórios. Segundo esse conceito, não devemos fazer oposições binárias entre o global e o local, pois, apesar das inegáveis mudanças causadas pela globalização, ambos de entrelaçam e se influenciam dentro da sociedade. Ao discorrer sobre o termo, Lourenço (2014, p. 5) afirma que "Dois aspectos são centrais na sua proposta: a noção de globalização integra a ideia de interpenetração do global e do local, ou, de um modo mais abstrato, do universal e do particularismo [...]".

²⁸ No original: Sociolinguistics has become less and less linguistics and more related to the study of a wider meaning-making process.

consideração, podemos perceber que essa ciência se distancia dos preceitos estruturalistas, para a direção de uma abordagem mais ampla e menos centrada apenas na linguagem alfabética para a construção de suas teorias.

Devido às características contemporâneas do uso da linguagem, há diversas teorias sendo pensadas como as de translinguismo (GARCIA, 2013, CANAGARAJAH, 2017), fluxos transculturais (PENNYCOOK, 2003), multiletramentos (MONTE MÓR, 2014), letramento visual (FERRAZ, 2012; SILVA, 2019), entre outros. Todos esses termos foram cunhados devido ao fato de que as teorias devem acompanhar as constantes e rápidas mudanças da era contemporânea.

Para o presente trabalho, utilizo o conceito de paisagens linguísticas, desenvolvido por teóricos tais como Elana Shohamy e Durk Gorter (2009, que tem como base uma reflexão sobre as características atuais das produções linguísticas encontradas em paisagens sobretudo urbanas. Para os estudiosos dessa área, as produções linguísticas de lojas, escolas, publicidades em ônibus, grafites, entre outros, representam dados importantes e que devem ser estudados por essa nova ramificação da sociolinguística (SHOHAMY; GORTER, 2009).

Estudar as paisagens urbanas da cidade de São Paulo em seu conteúdo linguístico é algo que despertou meu interesse, pelo fato de que há grande quantidade dessas produções sendo feitas em inglês. Isso acontece em maior quantidade em cidades de maior porte, em que há um fluxo de visitantes estrangeiros, como São Paulo. No entanto, muitas dessas produções linguísticas não são direcionadas a esse público, e, sim, aos próprios habitantes. Sendo assim, opta-se por usar o inglês, pois pertence aos elementos que irão despertar o interesse de um determinado perfil de consumidor.

Uma das consequências da globalização, de acordo com Ben-Rafael (2009, p. 40), é a cosmopolitização das sociedades, o que resulta em mais usos de idiomas considerados globais, como o inglês. Segundo esse autor, há um grande dinamismo na produção e divulgação de placas ou símbolos, feitos com o intuito de chamar a atenção do público: "O dinamismo salta aos olhos e é palpável em áreas centrais de grandes cidades, que se tornaram referências da vida moderna e da globalização"²⁹. (BEN-RAFAEL, 2009, p. 44). Sendo assim, a grande quantidade de itens sendo produzidos têm por objetivo competir pelo espaço urbano e pela atenção dos

²⁹ No original: The dynamism jumps to the eye and is palpable in central areas of large cities, which have become the landmarks of modern life and globalization.

frequentadores desses espaços. Assim, o que se produz e as opções linguísticas e estéticas são tomadas segundo esse raciocínio.

A imagem 6, a seguir, consiste em uma foto tirada nos arredores da praça Roosevelt, no centro de São Paulo. Esse local pode ser considerado um endereço de estilo alternativo, sendo frequentado por adolescentes, jovens e adultos, que, em sua maioria, vão à praça para praticar esportes como skate, patins ou bicicleta, além de outras pessoas que frequentam os bares e restaurantes da região. Pode-se dizer que a praça tem um perfil democrático em relação às classes sociais que ali circulam. Acredito ser correto afirmar que a maior parte do seu público é formado por jovens pertencentes a uma geração que cresceu envolta por aparelhos eletrônicos como celulares e computadores, e, portanto, teve maior exposição à língua inglesa através do acesso à internet, em comparação com gerações anteriores. Consequentemente, é esperada uma produção maior de enunciados em inglês ou de usos híbridos de inglês e português.



Imagem 6 – Paisagem linguística – arredores da praça Roosevelt – SP

Fonte: imagem capturada pela pesquisadora, em abril de 2021.

Na imagem, que fotografei em um passeio pela praça Roosevelt, há um cartaz com os dizeres *Pscycle Therapy*, colado em um muro grafitado de um estabelecimento, aparentemente fechado. Há um trocadilho com a palavra *psychotherapy*, considerando que o P inicial nesse caso é mudo, sendo esse o efeito almejado com a palavra inventada *pscycle*. Acredito que essa paisagem linguística demonstra um domínio tanto de padrões de escrita quanto de pronúncia do inglês, o que me faz pensar que alguns dos frequentadores da praça Roosevelt têm certo grau de familiaridade com essa língua. Por não se tratar de uma comunicação de um estabelecimento comercial, a análise dessa imagem pode ser feita em relação à influência da língua inglesa na cultura local.

Pode-se observar que o cartaz foi colado em um estabelecimento fechado, em sua volta há diversos pichos, com tipografias e cores distintas. Em uma lógica neoliberal de predação econômica, há uma distinção entre aqueles que têm suas produções em forma de paisagens linguísticas legitimadas, e os que não as têm. Dentro dessa dinâmica os detentores de capital econômico podem produzir lambelambes, como os da imagem 6. Já outros, donos de estabelecimentos, podem produzir e divulgar mensagens por meio de cartazes e escritos em lojas.

Há outras formas de expressão urbana, que acontece em desenhos em muros e paredes, como o grafite, que vem sendo legitimado como expressão artística pela chamada 'alta cultura'. Dentre as mudanças em relação às apreciações do que é ou não considerado forma artística de prestígio, a chama 'alta cultura' legitima esse tipo de arte urbana, a colocando, por exemplo, em museus estimados, como a Pinacoteca de São Paulo, que, entre outubro de 2020 e agosto de 2021, exibiu obras dos grafiteiros paulistanos OSGEMEOS. Conforme aponta Villas-Boas (2009), expressões artísticas que transitam da baixa à alta cultura, e que, portanto, passam a ser estimadas por uma fatia elitizada da população, têm sua ascensão possibilitada por meio da valorização das elites culturais. Essa transição não significa, então, que há uma democratização concreta das expressões artísticas, pois quem irá validar a qualidade de certas produções é a própria classe dominante, influenciada pelas normas eurocêntricas das elites globais.

Uma das consequências da validação de algumas vozes em detrimento de outras, é a exclusão dos sujeitos que não são inseridos na dinâmica citada acima, já que não possuem capitais culturais e econômico. Esses sujeitos excluídos, devido à sua raça, classe econômica, entre outros fatores, não têm acesso ou se reconhecem

em espaços urbanos públicos e privados. Ademais, não têm seus discursos e produções artísticas legitimados pelos detentores do poder em uma dada sociedade. As pichações que podemos notar na imagem 6, assim como nas mais diversas partes de espaços urbanos, é uma forma de reivindicar esses locais, além de se fazer notar, ouvir e reconhecer dentro das dinâmicas predatórias de excluídos e incluídos. Essas expressões de comunicação permitem com que sujeitos periféricos, ou situados do outro lado das linhas abissais, circulem e se façam presentes fora das margens.³⁰

Pode-se deduzir que a escolha de estabelecimentos em utilizar o inglês é feita segundo a lógica da atração de consumidores, já que "os itens da paisagem linguística competem em sedução uns com os outros"³¹ (BEN-RAFAEL, 2009, p. 45). Isso acontece, pois relacionam-se a esse idioma sentimentos e ideias de consumismo, eficiência e qualidade de produtos.

A imagem 7, a seguir, pode ser um exemplo de estabelecimento que optou por utilizar o inglês para associar aos seus produtos e serviço à ideia de qualidade, além de para competir pela visibilidade dentro do espaço urbano. A loja *Beef Passion*³², inaugurada em 2012, é, de acordo com seu *site*, especializada em carnes de cortes finos e de alta qualidade. Ainda de acordo com o *site*, a loja ganhou um prêmio internacional devido à qualidade das carnes que vende. A marca tem, ainda, um selo de produtos sustentáveis e de produção verticalizada. Considerando esses aspectos, e como pude verificar, os preços dos produtos por eles oferecidos são altos para o padrão de consumo médio local. Tal estabelecimento localiza-se próximo a minha casa, no bairro de Santa Cecília, e seu letreiro me chamou a atenção durante uma das caminhadas que faço com a minha cachorra pelas redondezas.

³⁰ A discussão sobre o que os pichos representam em uma dinâmica de excluídos e excludentes foi proporcionada pelos professores Fabrício Ono e Lynn Mario Menezes de Souza.

³¹ No original: Linguistic landscape items compete with each other over seduction.

³² Endereço do *website* da loja: https://www.beefpassion.com.br/ (último acesso em junho de 2021).



Imagem 7 - Paisagem linguística, loja de carnes Beef Passion, no bairro de Santa Cecília - SP

Fonte: imagem capturada pela pesquisadora, em junho de 2021.

Acredito ser relevante caracterizar o bairro para contextualizar a paisagem linguística, elencando aspectos que podem contribuir para a construção de sentidos e sua interpretação. Santa Cecília localiza-se na região central da capital paulista, se trata de um bairro adotado por uma parcela jovem da população, o que resultou em uma gentrificação do mesmo (ALCÂNTARA, 2018). O fato de ser mais procurado por novos moradores impacta em novos estabelecimentos comerciais da região, que, diferente dos anteriores, possuem estratégia publicitárias voltadas para um perfil de consumidores com alto poder aquisitivo. Segundo a lógica de capital simbólico apresentada aqui, o inglês pode ser utilizado para caracterizar o fenômeno de ascensão social e econômica vivenciado na região.

Ao fazer uma análise do nome *Beef Passion*, acredito que, em um país de língua inglesa, não seria um nome impactante, pois não há, aí, nenhuma sonoridade, combinação ou jogo de palavras interessante. Da mesma maneira, se esse nome estivesse em português, o que seria traduzido literalmente por Paixão pela Carne, não penso que seria sonoro ou marcante, devido à simplicidade de seus componentes e a sua formação semântica. Utilizam-se palavras em inglês que, no entanto, são muito

próximas aos seus equivalentes em português, escolha que talvez seja proposital, pois, assim, apesar de ser um nome em língua estrangeira, o entendimento não seria dificultado. Assim, considero que muitos dos usos em inglês encontrados nas paisagens linguísticas de São Paulo têm essas características, pois o que está em jogo não é seu sentido ou seu potencial comunicativo, mas, sim, a carga simbólica dessa língua.

Acredito ser importante ressaltar que essa é apenas uma das possíveis interpretações acerca desse uso. Não há interpretações únicas, e, sim, um "círculo de significados" (HALL, 1997) que partem de pontos de vista localizados sócio historicamente. Contudo, é importante salientar que as diversas manifestações linguísticas e visuais que nos cercam na cidade de São Paulo, mais especificamente, não são produções aleatórias e devem ser entendidas como sendo simbologias de ideologias.

Os pesquisadores nesse campo pressupõem que a linguagem no ambiente ao redor não é arbitrária ou aleatória, do mesmo jeito que os pesquisadores da aprendizagem de línguas não veem esse fenômeno como aleatório; ao invés disso, há um objetivo de se entender o sistema, as mensagens que ele transmite ou poderia transmitir, sobre as sociedades, povos, a economia, política, classe, identidades, multilinguismo, multimodalidades, formas de representação e fenômenos adicionais³³ (SHOHAMY; GORTER, 2009, p. 3).

Como é apontado nesta citação, não se acredita que a linguagem produzida em qualquer que seja o ambiente ou meio seja arbitrária. Pelo contrário, há por trás das mensagens traços históricos, sociológicos e ideológicos, sendo que esses últimos são um reflexo do momento sócio-histórico em questão. Ou seja, as paisagens urbanas e seus conteúdos linguísticos são produtos sócio-históricos e acompanham mudanças, como as tecnológicas, que a sociedade vivencia. A vertente teórica que estuda essas paisagens urbanas tem por objetivo fazer um recorte dessas práticas para melhor entender a sociedade atual.

Há diversas formas de representação que utilizam o inglês em suas comunicações. Por se tratar de um uso local de uma língua estrangeira, como analisado na imagem 8, há usos translíngues, pois mesclam as duas línguas, mas que

_

³³ No original: Researchers in this domain assume that language in the environment is not arbitrary and random in the same way that researchers in language learning do not view the phenomenon as random; rather there is a goal to understand the system, the messages it delivers or could deliver, about societies, people, the economy, policy, class, identities, multilingualism, multimodalities, forms of representation and additional phenomena.

o fazem de uma maneira em que o inglês usado é de certa forma abrasileirado. Ou seja, uma palavra ou expressão é adotada localmente tendo seu sentido alterado em comparação ao modo como tal palavra é usada na língua de partida. Tal prática é característica de fronteiras porosas, que resultam em uma constante troca de línguas e práticas culturais, que dão origem a novos usos, nesse caso, do inglês.

A globalização e o intercâmbio cultural promovidos pela internet e por avanços nos meios de transporte resultam em processos de hibridização cultural, característicos da pós-modernidade. Segundo Pieterse (2009, p. 71): "Se a modernidade significa um ethos de ordem e separação pura em limites firmes, a hibridização reflete uma sensibilidade pós-moderna de cortes e misturas, transgressão e subversão"³⁴. Em outras palavras, as fronteiras culturais são menos nítidas na pós-modernidade, de modo que usos linguísticos que misturam, por exemplo, duas línguas ou duas formas de falar podem ser mais comuns nessa era, resultando em usos híbridos, como é o caso da nova nomenclatura *Méqui* (imagem 8), que mescla a pronúncia brasileira ao nome estadunidense da marca.



Imagem 8 - Paisagem Linguística, com a nova nomenclatura da rede McDonald's

Fonte: https://exame.com/marketing/depois-de-mequi-consumidores-escolherao-novo-nome-do-mcdonalds/

-

³⁴ No original: If modernity stands for an ethos of order and neat separation by tight boundaries, hybridization reflects a postmodern sensibility of cut'n'mix, transgression, subversion.

Seguindo a lógica de mercado em que se compete pelo espaço urbano, o McDonald's celebrou a abertura da sua milésima loja no Brasil e a nomeou de Méqui 1000³⁵. A estratégia de marketing consiste em utilizar um apelido local, dado por consumidores brasileiros à marca, com o intuito de aproximá-los emocionalmente da franquia de *fast-food*. Pode-se observar na imagem 8, a segunda loja da franquia, que após a loja mil, também teve seu nome alterado.

No que diz respeito às mudanças nas formas de nos relacionarmos com o hemisfério norte global, sob uma perspectiva das linguagens com foco nos usos do inglês, há um movimento de apropriação do idioma, o que resulta em usos dessa língua com uma grafia abrasileirada. O apelido dado por brasileiros foi oficializado, por assim dizer, pela rede, com o intuito de aproximar-se do público local. Como em português não temos palavras terminadas com o som de consoante, com exceção das letras r e s, colocamos uma vogal no fim da palavra Mac, o que resulta na produção de mais uma sílaba, passando da pronúncia mais difundida de Mac – em fonemas, /mæk/ - para méqui.

Em um mundo regido por dinâmicas econômicas neoliberais, a competição pelo lucro é intensificada. A disseminação do modelo neoliberal passou a ser o modelo adotado por diversos países ocidentais em meados dos anos 90. Sua propagação coincide com crescimentos econômicos e ascensões do processo de globalização (HOLBOROW, 2012). Uma das características desse sistema econômico são os incentivos às práticas liberais de mercado. Acerca dessa questão mercadológica, Holborow (2012, p. 16) afirma: "A liberação do mercado se tornou um imperativo social primordial; até a concentração da riqueza, acumulada por menos e menos mãos, passa a significar nada mais do que o ditado pelo mercado³⁶". Há, portanto, um maior incentivo às práticas de competição entre marcas e produtos, ou "a liberação do mercado", além de consequências sociais, já que o acúmulo de riqueza por poucos é intensificado.

A iniciativa dessa rede de *fast food* certamente enquadra-se nos moldes neoliberais, pois é movida por fins lucrativos, uma vez que a marca acredita que se aproximar da cultura brasileira irá trazer mais clientes e, portanto, maior rentabilidade.

https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2019/10/18/ponto-turistico-e-produtos-exclusivos-como-sera-a-loja-1000-do-mcdonalds.htm (último acesso em fev. de 2022)

³⁶ No original: Unleashing the market became the overriding social imperative; even the concentration of wealth amassed in fewer and fewer hands now became no more than what the market directed" (HOLBOROW, 2012, p. 16).

Em um mundo globalizado, há grande variedade de oferta dos mais distintos produtos, o que Canagarajah (2017) denomina de *saturação de mercado*. Para ele, há um nicho da população que as marcas visam a atingir. Para tal fim, utilizam técnicas de linguagem e imagens.

O trabalho simbólico é especialmente relevante para a terceira palavra-chave, saturação de mercado. Em um contexto no qual há um excesso de produtos no mercado, as marcas ganham significado. O marketing de nichos é um jeito com o qual as indústrias podem alcançar novos compradores. Enquanto as marcas e o marketing de nichos podem utilizar diversas linguagens, eles podem também levar a estereotipações e usos superficiais. ³⁷(CANAGARAJAH, 2017, p. 14)

O autor continua suas considerações ressaltando que tais iniciativas não têm de fato um compromisso com a diversidade cultural, já que utilizam traços culturais de maneira superficial (CANAGARAJAH, 2017). Logo, tal ação não significa um propósito genuíno de aproximação da cultura brasileira. Percebe-se que há um intuito de atingir uma fatia do mercado com essa nova nomenclatura, dada a certas unidades dessa franquia estado-unidense. Nesse caso, possivelmente, visa-se a alcançar uma parcela da população mais jovem que busca certa autenticidade no produto que consome e que, além disso, não frequenta uma rede de lanchonetes pelo simples fato dessa ser originária dos Estados Unidos. Por esses motivos, o nome *Méqui* pode aproximar clientes com o perfil mencionado.

Porém, mesmo a iniciativa sendo movida por fatores financeiros, há, de qualquer forma, o elemento da apropriação do idioma inglês, que pode ser interpretado como um movimento de tornar a língua inglesa mais próxima do nosso idioma, tirando-a do patamar de língua superior e que deve ter sua pronúncia respeitada, mesmo quando usada em uma situação de fala inteiramente local. Iniciativas como essas demonstram um movimento contra a ditadura do inglês como língua superior, segundo a qual as palavras devem ser pronunciadas de acordo com a entonação de um falante nativo, mais especificamente, daqueles oriundos de países hegemônicos do norte global.

Acerca do assunto, Canagarajah (2017, p. 12) afirma: "Apesar de haver diferentes tipos de inglês falados ao redor do mundo, são as variantes nativas que são

³⁷ No original: Symbolic work is especially relevant for the third key word, market saturation. In a context where there is a glut of products on the market, branding gains significance. Niche marketing is one way in which industries can reach new buyers. While branding and niche marketing can employ diverse languages, they can also lead to stereotyping and superficial usage. (CANAGARAJAH, 2017, p. 14)

tratadas como capital linguístico em círculos políticos de indústrias de imigração"³⁸. Nessa afirmação, Canagarajah trata do inglês em um contexto imigratório, porém a mesma associação pode ser feita em contextos de ensino de inglês como língua estrangeira. Já ao associar tal reflexão com a nova autonomenclatura da rede *McDonald's*, podemos averiguar que há traços desse novo direcionamento contestador das normas de uso do inglês.

Ao ato de misturar traços culturais locais e globais cunhou-se o termo glocalização (ROBERTSON, 1995), conceito que, segundo Block (2012, p. 59) é "usado para capturar a ideia de que o global não meramente sobrepesa o local; ao invés disso, sínteses emergem do contato entre o global e o local"³⁹ (BLOCK, 2012, p. 59). Acredito que, no que se observa das dinâmicas culturais situadas em São Paulo, podemos constatar um direcionamento para usos menos hegemônicos do inglês, principalmente, entre uma parcela da população mais politizada e consciente da riqueza e diversidade cultural do país. Ou seja, mesmo que ainda tenhamos na maioria dos usos do inglês aqui situados uma relação de subordinação cultural e linguística, há um movimento paralelo que questiona e desestabiliza tais relações de poder.

Obviamente, tal contestação não é um produto dos movimentos globais recentes, mas algo que ocorre no Brasil através de manifestações artísticas, desde grandes movimentos como o Manifesto Antropofágico, escrito por Oswald de Andrade e publicado no final da década de 1920. Esse movimento promovia, através de um texto sarcástico, a assimilação da cultura europeia pelos brasileiros, por meio de atos de canibalismo, o que resultaria em algo genuinamente nacional. Fez-se, então, uma provocação não somente sobre adotar o que é imposto por tendência eurocêntricas, mas engolir e digerir essa cultura, transformando-a em uma manifestação abrasileirada. Esse manifesto pode ser interpretado como um ato desestabilizador de relações hegemônicas. Já o uso linguístico apresentado na imagem 8 pode ser interpretado como um ato antropofágico, pois a língua inglesa é absorvida e mesclada com a brasileira, o que resulta em algo híbrido.

³⁸ No original: Though there are different types of English spoken around the world, it is the native speaker varieties that are treated as the linguistic capital in policy circles in industries and immigration". ³⁹ No original: used to capture the idea that the global does not merely overwhelm the local; rather syntheses emerge from contacts between the global and the local. (BLOCK, 2012, p. 59)

No que diz respeito ao uso de inglês nas paisagens linguísticas, há outra questão relacionada ao conceito de linguagem e dominação. Nessas relações de poder, há o dominante e o dominado. No caso do uso do inglês, há um público que é atraído por tais escolhas, mas, como o Brasil se trata de um país no qual o inglês é uma língua estrangeira, há também aqueles que serão excluídos por não compreenderem o idioma. Uma das consequências disso é que as escolhas por criarem publicidades multilíngues, que misturam o português com o inglês, acabam reproduzindo desigualdades sociais, que irão excluir aqueles que não tiveram acesso ou oportunidade de estudarem essa língua estrangeira. Acerca dessas relações de poder, Ben-Rafael afirma:

O princípio da estruturação das relações de poder pode surgir através da imposição do grupo mais forte em atores mais fracos de uma determinada língua, ou em tipos de composições ou estilos, desta forma, limitando os mais fracos em usos de seus próprios recursos linguísticos⁴⁰ (BEN-RAFAEL, 2009, p. 47).

Em outras palavras, faz-se presente os resultados das relações de poder que conferem *status* diferentes a línguas diferentes. Por se tratar de usos em inglês com uma complexidade linguística um pouco maior, pois não utilizam palavras semelhantes a seus equivalentes em inglês, como é o caso da paisagem linguística número 7, penso que há uma escolha consciente sobre qual público se deseja atrair. Além do público que pode compreender textos em inglês, há aquele que mesmo não tendo total entendimento do que se diz em determinado escrito, se vê como parte desse grupo de pessoas, ou, ainda, deseja ocupar um lugar nesse grupo.

A imagem 9 consiste em uma foto de uma vitrine da loja *Kipling*, localizada no Shopping Center Pátio Paulista, um dos maiores da capital. Deparei-me com esse letreiro poucas semanas antes das medidas de lockdown decorrentes da pandemia de covid-19, no Brasil, ao passear por esse *shopping center*. Tal escrito se diferencia de outros escritos em inglês, devido às palavras ali empregadas não serem parte do léxico da língua inglesa mais comumente utilizado em locais similares, tais quais: *sale, off, delivery*, entre outros.

-

⁴⁰ No original: This structuration principle of power-relations may come about through the stronger party's imposition on weaker actors of a given language, or kinds of wordings or styles, thereby limiting the weaker in their use of linguistic resources of their own.

A *Kipling* tem origem na Bélgica, em 1987, e, hoje, possui lojas espalhadas ao redor do mundo, sendo, no Brasil, uma marca que representa *status* econômico ou, de acordo com as teorias de Bourdieu (2004), capital econômico. Na mensagem escrita na vitrine do estabelecimento, lê-se *Join the Pac* – ou junte-se ao Pac, uso a partir do qual se podem tecer alguns comentários. Primeiramente, trata-se de uma loja voltada para um público com um alto poder aquisitivo, devido aos preços dos produtos ali vendidos. Sendo assim, deseja-se atrair uma determinada fatia do público que pode acessar viagens internacionais, devido ao seu poder de consumo, e utilizar o inglês resulta em se fazer um recorte de um determinado tipo de consumidor.



Imagem 9 - Vitrine de uma loja no shopping Pátio Paulista

Fonte: imagem capturada pela pesquisadora, em fevereiro de 2021.

O inglês, nessa paisagem linguística, é utilizado para diferenciar o que é considerado alta cultura e cultura popular, "lógica essa simplificada na antonímia *elite* e *povo*" (VILLAS-BOAS, 2009, p. 31). Ainda de acordo com Villas-Boas (2009, p. 32): "Alta cultura é uma categoria de uso relativamente recente entre nós, e ligada aos autores anglo-saxões (*high-culture*)", ela é vista ainda "como uma expressão da classe hegemônica, ou porque produzida no interior desta ou porque, embora exógena, tem

seu consumo legitimado por ela". O fato de as palavras em inglês utilizadas não serem recorrentes em nossa sociedade, e por isso já conhecidas de um público maior, como delivery ou smartphone, resulta em uma exclusão daqueles que não irão compreender a mensagem ou que não se identificam com o perfil financeiro da rede de lojas.

Em segundo lugar, há um jogo de sentidos com a palavra *pac*, que se refere ao jogo de videogame Pac-Man, mas que também pode ser entendida com a palavra homófona *pack*, que significa grupo de pessoas. Portanto, a mensagem *join the Pac* tem dois sentidos: juntar-se ao Pac-Man, ou a um grupo, neste caso restrito de brasileiros que compreendem tanto a mensagem em inglês quanto a referência a esse jogo digital. Ao fazer uma leitura desse uso linguístico por meio de uma ótica sóciohistórica crítica, pode-se constatar resquícios de um passado colonial ao se utilizar o inglês em uma situação em que ele não seria necessário. Há, ainda, uma reprodução de linhas abissais, ao separar quem pode e quem não pode entender o que está escrito ali, já que não há qualquer tipo de legenda na imagem.

Ao trazer a perspectiva de que linguagem e ideologia estão relacionadas, podemos interpretar esse uso como uma maneira de se identificar com uma imagem globalizada ou internacional. De acordo com Lanza e Woldermariam (2009, p. 189): "A ideologia da linguagem é, além de tudo, estreitamente ligada à noção de identidade. O que nós pensamos sobre a linguagem está relacionado ao modo como nós nos percebemos e como os outros nos percebem"41. Há, portanto, uma identidade da marca que se constitui no caráter internacional de seus produtos. Ou seja, pode-se dizer que o estabelecimento comercial deseja construir essa imagem e que utiliza da linguagem para esse fim. Portanto, o uso do inglês tem o intuito de conceber identidade internacional e globalizada da marca para, desse modo, influenciar a maneira como os outros irão percebê-la.

No que diz respeito ao tema principal deste capítulo, o questionamento que se faz é: como os letramentos visuais podem elucidar ou problematizar tais usos? O que se propõe aqui não é uma mera tradução de expressões em inglês para as línguas locais, mas, sim, uma compreensão mais ampliada das dinâmicas globais que resultam em usos do inglês em paisagens linguísticas locais, além de analisar qual carga ideológica esses usos carregam.

⁴¹ No original: Language ideology is, furthermore, closely linked to the notion of identity. What we think about language will be related to how we perceive ourselves and eventually how others perceive us.

Devido ao papel proeminente das imagens no século XXI e aos processos de globalização que tornam o inglês mais disseminado e frequente em paisagens linguísticas diversas, acredito que não problematizar tais questões implica reproduzir moldes colonizatórios. De acordo com Veronelli (2015), influenciada por outros teóricos decoloniais como Escobar (2004), colonialidade e modernidade são indissociáveis, já que o desenvolvimento da primeira gerou a organização social e cultural da segunda.

De acordo com essa lógica organizacional, as influências eurocêntricas têm características dominantes de colonização cultural e acredito que a língua inglesa é utilizada como mecanismo reprodutor de relações de poder. Ao pensarmos nas paisagens linguísticas que utilizam essa língua e são produzidas por atores locais, é possível identificar práticas do que poderíamos chamar de autocolonização, em que se incluem essas representações culturais e linguísticas de países pertencentes ao norte global, com o intuito de aproximar a nossa cultura dessa outra, tida como superior ou mais avançada.

A racialização é o processo de longo-prazo que torna a ficção real. É o processo de produção de classificações por meio de instituições modernas, leis, tratamentos, práticas e desejos, que posicionam sujeitos destituídos de direitos em situações e relações adequadas apenas para seres/sociedades inferiores, em contraste com os colonizadores superiores, civilizados e humanos (VERONELLI, 2015, p. 113). 42

Se durante o século XVI havia uma colonização dos corpos racializados, tidos como inferiores, hoje, há uma colonização das mentes por meio de práticas como algumas das apresentadas nas imagens deste capítulo. A cultura e os processos sócio-históricos são refletidos nos usos da língua, por isso, as paisagens linguísticas têm marcas coloniais e proporcionam um campo de possíveis questionamentos acerca de tais traços.

Problematizar tais dinâmicas é fundamental para uma educação linguística crítica e, por esse motivo, acredito que a fomentação dos letramentos visuais em contextos tanto de formação de professores de inglês, quanto em outros de ensino e aprendizagem da língua, sejam necessários para que não se reproduzam as diferenciações culturais originadas com os processos de colonização. Ao propor aos

⁴² No original: Racialization is the long-term process that makes the fiction real. It is the process of producing such classification through modern institutions, laws, treatments, practices, and desires that place those who are disfranchised in situations and relations adequate only to beings/societies who are inferior, in contrast with the superior civilized, human, colonizers.

alunos que coletem exemplos de paisagens linguísticas que utilizam o inglês, é possível proporcionar reflexões acerca dos valores atribuídos à essa língua, além de como a globalização tem contribuído para uma homogeneização linguística e uma colonização de corpos e mentes.

Capítulo 2: Língua, Linguagem e Discurso – uma Análise Crítica das Paisagens Linguísticas de São Paulo

2.1. A Natureza Ideológica da Linguagem

O objetivo do presente capítulo é percorrer alguns dos teóricos e teorias acerca dos estudos linguísticos, dando enfoque especial a como o sujeito, a língua e seus usos são concebidos por eles. Entende-se que tal análise é importante para a pesquisa apresentada, já que seu tema central são as paisagens linguísticas e os discursos em torno da língua inglesa, com o objetivo de analisá-los de forma crítica. Faz-se necessário, então, buscar teorias que deem base para tal investigação.

Os estudos linguísticos e sociolinguísticos contemporâneos desenvolveram-se a partir de teorias pós-estruturalistas, as quais, por sua vez, se opõem àquelas estruturalistas, representadas por linguistas como Saussure. Trata-se de uma nova maneira de se conceber a língua, não mais de forma homogênea, mas como um organismo vivo e diretamente influenciado pela sociedade e pela história.

Uma crítica importante aos estudos de viés estruturalista no ensino é que eles reproduzem uma visão de que conhecer bem as estruturas da língua – particípios, adjuntos adverbiais, entre outros – significa ter uma boa proficiência dessa língua, o que exclui os componentes de subjetividade e criatividade linguísticas, além das características individuais dos falantes, todos eles presentes em atos comunicativos.

Como aponta Canagarajah (2007, p. 928, *apud* HEMPHILL; BLAKELY, 2019, p. 227): "Não há significado para forma, gramática ou habilidade linguística fora do domínio da prática. [A linguagem] não é um produto localizado na mente do falante; ela é uma forma de ação social" ou seja, como a linguagem é um ato social, ela não deve ser ensinada como uma rede de estruturas, que se bem aprendidas irão resultar em uma boa habilidade linguística. Da mesma forma, para analisar determinada produção linguística criticamente, é necessária uma concepção subjetiva de língua, que leve em conta seus sentidos tanto implícitos como explícitos.

⁴³ Tradução minha. No original: *There is no meaning for form, grammar, or language ability outside the realm of practice.* [Language] is not a product located in the mind of the speaker; it is a form of social action.

De acordo com essa perspectiva acerca da língua, os estudos sociolinguísticos dialogam com as mudanças ocorridas na sociedade por processos históricos, como a globalização. Segundo o sociolinguista Blommaert:

Ao invés de trabalhar com homogeneidade, estabilidade e limites para que se comece a fazer conjecturas, a mobilidade, as mesclas, as dinâmicas políticas e as incorporações históricas são, agora, preocupações centrais no estudo das linguagens, de grupos de línguas e da comunicação"⁴⁴ (BLOMMAERT, 2011, p. 3).

Partindo, ainda, da perspectiva pós-estruturalista acerca da linguagem, devese questionar, também, a ideia de que uma língua, seja ela qual for, não pode ser concebida homogeneamente. As línguas, assim como as culturas que as acompanham, devem ser compreendidas em seu caráter plural. Ou seja, uma língua envolve diversas variantes fonológicas, lexicais, sócio-históricas, entre outras. Além disso, um território no qual uma mesma língua é falada abrange diversas representações culturais que devem ser contempladas em sua pluralidade. Há, por detrás da ideia de "uma língua uma cultura", uma ideologia ligada a objetivos governamentais (HEMPHILL; BLAKELY, 2019), pois ideias nacionalistas são fortificadas quando se relaciona uma nação a uma língua. Por esse motivo, houve conflitos históricos, como, por exemplo, a unificação do Reino da Itália, que visavam a instaurar uma língua nacional, para, assim, reforçar a identidade do povo italiano.

Entende-se que os valores ideológicos se dão por meio da linguagem, mas eles também estão nela embutidos. Em outras palavras, compartilham-se ideologias e visões de mundo por meio de práticas discursivas, que se instauram e se consolidam por meio de interações sociais. Valores ideológicos são incorporados pelos usos linguísticos e, por esse motivo, encontram-se na linguagem marcas ideológicas, tais quais expressões linguísticas de cunho racista ou misógino, por exemplo.

Cabem aos estudos discursivos, portanto, analisar os usos cotidianos da linguagem, com o intuito de evidenciar valores ideológicos, muitas vezes reprodutores de práticas hegemônicas. Dessa forma, tais estudos podem adotar o que Fairclough (2008) denomina de objetivos emancipatórios, ou seja, aqueles que visam a questionar e a romper com as relações de poder perpetuadas através da linguagem.

⁴⁴ No original: Rather than working with homogeneity, stability and boundedness as the starting assumptions, mobility, mixing, political dynamics and historical embedding are now central concerns in the study of languages, language groups and communication.

Os autores selecionados para dar a principal base teórica para as análises discursivas são Bakhtin e Foucault. Ambos desenvolveram teorias que dialogam em diversos aspectos. O primeiro ponto de convergência entre eles relaciona-se às suas perspectivas sobre o sujeito e a linguagem, compreendendo-os como envoltos em ideologias, por sua vez, frutos de acontecimentos e desenvolvimentos sóciohistóricos. Os dois estudiosos argumentam acerca da impossibilidade do enunciado ou sujeito não ideológicos.

Bakhtin (1999, p. 58) concebe o sujeito como fenômeno socioideológico, sendo assim, os discursos que ele produz e que o cercam são, também, embebidos em ideologias, sejam elas conscientes ou não. Para ele, "todo signo ideológico exterior, qualquer que seja sua natureza, banha-se nos signos interiores, na consciência" (BAKHTIN, 1999, p. 57). Além de influenciarem os discursos do sujeito, as ideologias que o constituem são lentes através das quais ele irá interpretar os signos exteriores. Portanto, as paisagens linguísticas trazidas nesta pesquisa são analisadas considerando que não há discurso neutro, ou seja, a historicidade e o contexto de produção revelam características ideológicas que podem ser salientadas por meio de uma observação com esse viés teórico.

Similarmente, Foucault (2005, p. 112) afirma que "não há enunciado livre, neutro e independente". Para ele, as verdades sustentadas pelas relações de poder são reproduzidas em diversas instituições, como a escola, a universidade, os meios de comunicação, entre outros, por meio das práticas sociais e discursivas que elas promovem. Foucault discorreu acerca de como o estatuto de verdade se associa às relações de poder, noção que, neste trabalho, irá nortear os motivos pelos quais o inglês é utilizado em paisagens linguísticas.

Outro ponto congruente entre os teóricos é a respeito da necessidade de se considerar o contexto sócio-histórico de produção nas interpretações de enunciados. Para Bakhtin "O sentido do texto e a significação das palavras dependem da relação entre sujeitos, os seja, constroem-se na produção e na interpretação dos textos" (BARROS, 1997, p. 31). De acordo com o autor, os sentidos não são estáveis e dependem dos participantes e do momento de enunciação para serem interpretados. Já Foucault concebe o enunciado em sua "singularidade de acontecimento" (FOUCAULT, 2005, p. 31). O filósofo francês nomeia os enunciados de "acontecimentos discursivos", pois não podem ser entendidos sem que se leve em

consideração seu contexto de enunciação. Tais acontecimentos são móveis e transitam entre as práticas discursivas, além disso, seus sentidos são fluidos.

Por fim, Foucault e Bakhtin tratam da noção de dialogismo em suas obras. Para o filósofo russo, "o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade" (BRAIT, 1997, p. 98), ou seja, os enunciados são criados a partir de outros que os precedem ou os sucedem. Outrossim, Foucault (2005, p. 110) postula que "um enunciado tem sempre as margens povoadas de outros enunciados", não podendo ser analisado, portanto, em isolamento de seus interlocutores, momento de proferimento e da sociedade que os cercam. Além disso, postula que "não há enunciado que de uma forma ou de outra não reatualize outros enunciados" (FOUCAULT, 2005, p. 111), afirmação que trata da dinâmica de conversar com os dizeres que nos cercam e nos antecedem.

As análises propostas nesta pesquisa, portanto, valem-se de uma perspectiva discursiva ideológica, pois acredito que esse é um dos pontos mais relevantes para a análise das paisagens linguísticas que utilizam a língua inglesa encontradas na cidade de São Paulo, atualmente. Apesar de serem estudiosos situados em locais muito distintos de nossa realidade brasileira, suas teorias podem aprofundar uma investigação sociolinguística sobre o estatuto do inglês e de como nós, moradores da cidade de São Paulo, nos relacionamos com essa língua.

2.2. Bakhtin: a Língua como algo vivo

Em uma de suas frases mais célebres, Bakhtin (1999, p. 36) afirma que "A palavra é o fenômeno ideológico por excelência". Tal perspectiva é norteadora de seus escritos em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Partindo desse pressuposto, se nos remetermos às paisagens linguísticas de centros urbanos, podemos inferir que as comunicações com o público não são aleatórias e há razões pelas quais interlocutores optem por utilizar a língua inglesa em comunicações com o público. Nesse sentido, os escritos de Bakhtin são ricos em pontos de vista que podem nos ajudar a aprofundar essa discussão.

A linguagem possibilitou a formação da sociedade como a conhecemos. Foi por meio dela que as sociedades contemporâneas se estruturaram da maneira como

são. A língua reflete a cultura de um povo, sendo assim, ao nascer, indivíduos são inseridos em uma sociedade cujas práticas culturais são transmitidas pela linguagem; da mesma maneira que a sociedade muda, a língua também o faz. Para Bakhtin, ao mesmo tempo que a linguagem é formadora de indivíduos, ela também é formada por eles. Isso acontece, pois a língua e seus usos são reflexos de interações entre indivíduos, por sua vez, formados por acontecimentos históricos refletidos e refratados através da linguagem.

De acordo com Brait (2006, p. 97): "A ideia de que *a criação ideológica não existe em nós, mas entre nós* ⁴⁵ (Bakhtin/ Medvedev v: 8) parece exemplar no que diz respeito ao permanente diálogo existente entre indivíduo e sociedade, dimensão que a linguagem se encarrega de instaurar e mobilizar", ou seja, há um senso de coletividade na formação de sujeitos ideológicos, frutos da sociedade onde se encontram.

Consequentemente, a visão de Bakhtin é contraditória àquela estruturalista, através da qual a língua é vista separada de seu contexto de produção, sem considerar as interferências humanas sobre ela. Para esse teórico, a língua é algo vivo, que não pode ser concebido em isolamento de sua natureza interativa. Em suas palavras, deve-se estudar: "[...] a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística" (BAKHTIN, 1999, p. 157).

Como defende que a palavra é impregnada de ideologia, o teórico argumenta contra a falácia de uma suposta neutralidade. Para ele, os sujeitos são fenômenos socioideológicos (BAKHTIN, 1999, p. 58), ou seja, nascemos em uma sociedade constituída por discursos impregnados de ideologias, além de sermos inseridos em uma rede de diálogos. É nesse contexto que nos constituímos como sujeitos socioideológicos, situados em um dado momento histórico, refletido em usos linguísticos, o que, consequentemente, influencia a maneira como agimos e pensamos. Logo, interpretar determinada fala implica procurar entender as lógicas sociais em relação à organização da sociedade na qual tal dizer se encontra. Como "a linguagem não é falada no vazio, mas numa situação histórica e social concreta no momento e no lugar da atualização do enunciado" (BRAIT, 2006, p. 97), não é possível analisar uma fala discursivamente sem considerar seu contexto de produção. É por

_

⁴⁵ Grifos da autora.

esse motivo que, na presente pesquisa, considera-se o contexto em que dada paisagem linguística se encontra, além de seus autores, para as análises propostas.

Não há sujeito isolado de uma rede de discursos que o prescindiu, o acompanha e o transpassará. Para Bakhtin (1999, p. 35): "A consciência individual é um fato socioideológico", de modo que somos sujeitos socioideológicos, frutos da historicidade que nos constitui. Portanto, não é possível compreender proferimentos individuais sem considerar o caráter social da linguagem. De acordo com ele: "A consciência individual não só nada pode explicar, mas, ao contrário, deve ela própria ser explicada a partir do meio ideológico e social" (BAKHTIN, 1999, p. 35). Somos um reflexo do meio que nos cerca, como seres que ao mesmo tempo são produtos e produtores de realidade. Sendo assim, como toda produção tem uma carga ideológica, produzida por uma consciência constituída por muitos discursos, as paisagens linguísticas devem ser estudadas como representações da sociedade, e, não, como instâncias isoladas.

Outra grande contribuição da obra desse teórico russo é o conceito de dialogismo. Segundo Furtado, todo enunciado é uma réplica a algo ou a alguém:

A questão do dialogismo é primordial para a teoria bakhtiniana. Todo enunciado estabelece relação com os outros enunciados, seja para afirmálos, seja para contraditá-los, seja para compô-los, seja para parodiá-los, seja para ironizá-los, enfim, os enunciados sempre estão dialogando com os outros enunciados de alguma forma (FURTADO, 2019, p. 54).

De acordo com essa concepção, discursos proferidos em um determinado momento estão em diálogo com outros pronunciados anteriormente; de maneira que as falas estão sempre entrelaçadas a dizeres anteriores. Nascemos, assim, em meio a uma rede de diálogos, a partir da qual nos situamos, nos adaptamos e com a qual dialogamos. Seguindo essa linha de raciocínio, deparamos com a impossibilidade da fala original, já que as sociedades e as pessoas estão inseridas nessa teia de discursos, e, portanto, sempre reproduzem, contestam ou respondem a dizeres anteriores a elas; de modo que vivemos um eterno dialogar com outros dizeres e com a história.

As formas de representação e de transmissão do discurso de outrem, parte integrante, constitutiva, de qualquer discurso, quer essa heterogeneidade seja marcada, mostrada ou não, bem como a natureza social e não individual das variações estilísticas, configuram em *Marxismo e filosofia da linguagem* um momento de formalização da possibilidade de estudar o discurso, isto é, não enquanto fala individual, mas enquanto instância significativa,

entrelaçamento dos discursos que, veiculados socialmente, realizam-se nas e pelas interações entre sujeitos (BRAIT, 2006, p. 99).

Entende-se, então, que enunciados não são interpretados em isolamento, mas em relação ao contexto de fala e a outros dizeres já proferidos. A noção de polifonia, ou das várias vozes em um dizer, representa o caráter social da linguagem e de como construímos as nossas falas em relação com o mundo à nossa volta. Se levada ao extremo, a citação acima nos diz que não há uma verdadeira individualidade nas falas, pois todas elas partem de um entrelaçar de discursos, com os quais dialogam. Portanto, analisar as paisagens linguísticas urbanas produzidas, ora provindas de atores individuais, ora de empresas de grande porte, em suas publicidades e comunicações midiáticas, significa estudar falas formadas por um entrelaçamento de discursos. Isso se dá tendo em vista que proferimentos não são frutos de processos individuais e particulares, mas, sim, o resultado de interações sociais. Em outras palavras, é possível ter uma perspectiva da sociedade em seu caráter socioideológico por meio de falas individuais.

A partir das noções de que somos inseridos em uma rede de dizeres ideológicos que nos precedem e nos sucederão, proponho a análise da imagem a seguir. Ela foi retirada de uma postagem do *Facebook*, de 2019, e trata-se de uma foto de um grafite que se encontrava no centro de São Paulo, próximo à Praça da Sé. Como não tirei a foto original, pude descobrir a sua fonte a partir de pesquisas na internet, portanto, não tenho informações sobre seu autor. A página que postou a imagem chama-se Relinchos do Pé de Pano⁴⁶; de acordo com sua descrição: "Página destinada ao bom humor. Nem tudo que é postado aqui deve ser levado a sério. Se você se dói com piadas, nem entre. + Hahaha – Mimimi".

Percebi, após percorrer suas outras publicações, que seu conteúdo não é político, sendo o principal objetivo da página o de promover o humor.

-

⁴⁶ Endereço da página: https://www.facebook.com/RelinchosDoPeDePano (último acesso em junho de 2021)



Imagem 10 - Paisagem linguística digital, foto retirada do Facebook: Monickey

Fonte: https://www.facebook.com/RelinchosDoPeDePano/posts/monickey/1754827421258604/

Escolhi essa paisagem linguística, pois a julgo relevante para a demonstração de dois conceitos. O primeiro deles é o de dialogismo, já que se encontra no grafite a junção de duas personagens, Mônica e Mickey, um emblematicamente brasileiro e outro emblematicamente estado-unidense. Há a mistura dessas duas figuras na composição de outra personagem, apelidada de Monickey.

A partir dessa construção, é possível utilizar o segundo conceito que acredito ser relevante para a sua análise: o fato de os sujeitos serem fenômenos socioideológicos e que, portanto, a língua e os signos por eles produzidos são ideológicos, por natureza. Seguindo esse conceito, é possível lançar a essa imagem duas perspectivas. Uma delas é em relação à influência americana em nossa sociedade e ao modo como somos permeados por símbolos que nos remetem aos Estados Unidos e à americanização do mundo. Já a outra, traz a ideia de uma brincadeira que desconstrói essa influência, ao mesclar um símbolo estado-unidense com outro brasileiro. Há uma característica de apropriação do símbolo Mickey, colocando-o em igualdade com a Mônica, por meio da criação de uma personagem híbrida. Há, portanto, a mudança ou refração desses dois signos.

de interesses sociais nos limites de uma só e mesma comunidade semiótica, ou seja: *a luta de classes* (BAKHTIN, 1999, p. 46).

Pode-se, então, interpretar a releitura desses dois signos, ou sua refração, como um embate de classes sociais, já que uma leitura possível é a de que o autor do grafite almejou colocar essas duas figuras emblemáticas em pé de igualdade. Essa ação difere daquelas encontradas em outras paisagens linguísticas, em que o inglês ou os símbolos dessa cultura anglo-saxã hegemônica são utilizados para valorizar produtos, estabelecimentos, serviços, entre outros, produzidos ou vendidos no Brasil. Isso não pode ser observado na imagem 10, pois creio que não se faz uma distinção de valores entre os dois símbolos.

No entanto, apesar de pesquisar e teorizar com profundidade a característica ideológica da linguagem, trazendo questionamentos acerca de como os símbolos ideológicos podem reproduzir e manter as diferenças entre classes sociais, Bakhtin não discutiu colonialidade e decolonialidade. Na imagem em questão, pode-se realizar a leitura de que o autor do desenho quis contestar as influências do imperialismo, ao fazer uma releitura abrasileirando um dos expoentes da cultura americana, o Mickey Mouse. Essa quebra com um símbolo hegemônico torna possível uma leitura decolonial do mesmo.

Ao observar publicidades como a da imagem 11, a seguir, um dos primeiros questionamentos que se pode fazer a partir dos escritos de Bakhtin é em relação à carga ideológica que se buscou suscitar ao escolher a palavra *life*, ao invés de vida, para anunciar o produto da marca. Quais sentidos são almejados com esse uso em particular?

A Vivara, loja especializada em joias, de acordo com informações disponibilizadas no *site* da marca, foi fundada em 1962. Trata-se da maior rede de joalherias do Brasil, com cerca de 180 lojas. As joias são feitas de ouro, prata, diamantes, entre outros, de modo que seu público-alvo são as classes A e B. Logo, podemos inferir que os publicitários tiveram isso em mente ao escolherem utilizar a palavra *life* ao invés de vida para essa comunicação publicitária. Um dos efeitos de sentido que podemos pensar e que, portanto, consiste em uma das cargas ideológicas da língua inglesa, é o de sofisticação. Isso acontece, pois no subconsciente coletivo ou na consciência que "constitui um fato sócio-ideológico" (BAKHTIN, 1999, p. 48) de nossa sociedade em geral, o inglês incorporaria esse significado mais eficientemente do que o português.

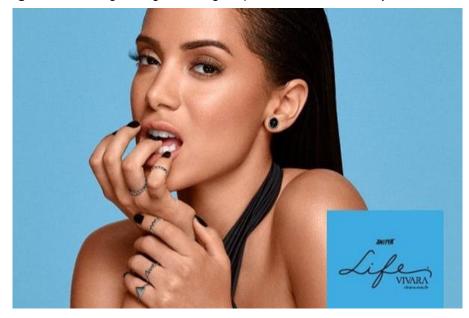


Imagem 11 - Paisagem linguística digital, publicidade da rede de joalherias Vivara

Fonte:https://m.facebook.com/Vivara/photos/a.160773237271588/1593860387296192/?type=3&locale2=pt_BR

Há, portanto, uma clara herança colonial apresentada em forma de reverência a culturas eurocêntricas hegemônicas. Seguindo essa lógica, produtos finos harmonizam com o inglês, pois esse representa a possibilidade, através do consumo de produtos como os da loja Vivara, de se aproximar desse ideal de sociedade. Temos, ainda, nessa publicidade, uma ilustração do conceito de capital simbólico de Bourdieu (2004), já que o inglês foi utilizado para promover um produto com alto capital econômico e simbólico.

Outro elemento da imagem que poderia ser analisado é a fonte utilizada para escrever a palavra *life*, tratando-se de uma fonte estilizada que, por seus traços curvilíneos, nos transmite ideias de sofisticação e elegância; sentidos que a marca quer associar aos seus produtos. Ademais, a fonte assemelha-se a uma caligrafia manual, o que pode representar uma intenção de associar uma qualidade de produtos feitos artesanalmente, ou seja, de peças singulares e exclusivas, às peças produzidas pela marca. Por fim, *life* está escrito em uma fonte muito maior do que as outras palavras do anúncio, incluindo o próprio nome da marca, o que demonstra um destaque maior dado a essa palavra em inglês.

A modelo da foto é a cantora Anitta, conhecida por músicas que misturam *funk, pop* e outros estilos, as quais atingem um público jovem de diferentes classes sociais, inclusive as classes A e B. Sua expressão é de desejo, que podemos inferir ser o sentido que se quer suscitar em possíveis consumidores da marca. Ao considerar-se

que um dos sentimentos que a publicidade buscar representar e a escolha por dar ênfase à palavra em língua inglesa, podemos inferir que esse é um dos significados que se pode alcançar por meio da carga ideológica dessa língua.

Segundo Bakhtin (1999, p. 33):

Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer. Nesse sentido, a realidade do signo é totalmente objetiva e, portanto, passível de um estudo metodologicamente unitário e objetivo.

Podemos, então, pensar no inglês como a encarnação de alguns valores, que trazem certas marcas de nossa historicidade como país colonizado. Os complexos de inferioridade econômica, social e cultural encontrados em boa parte da população brasileira podem explicar o uso excessivo dessa língua, que não mais é utilizada com o intuito principal de comunicação, mas adotada como a materialidade desse signo ideológico que representa a relação colonizado e colonizador, dominado e dominante, subalterno e hegemônico, no qual o inglês simboliza os segundos itens desses paralelos.

Temos que a língua inglesa já não mais é utilizada para comunicar uma ideia, pois muitas das utilizações desse idioma parecem trazer uma carga ideológica e não uma mensagem. É o que pode ser observado na imagem 12, a seguir, que consiste na fachada de uma clínica odontológica, chamada Facillity, local que me deparei ao caminhar a pé pelo bairro de Perdizes, quando fiz uma visita à minha mãe, que ali habita. Abaixo do nome há o serviço prestado por esse estabelecimento comercial, com a frase "odontologia estética". De acordo com o site do estabelecimento, a clínica possui duas unidades: na Lapa e em Perdizes, ambos bairros de classe média e classe média alta. A unidade em questão encontra-se em Perdizes, bairro localizado na zona oeste da capital paulista, e que, de acordo com o jornal Estadão e o site Urbit, 47 é o terceiro bairro com o maior IDH – Índice de Desenvolvimento Humano – da cidade de São Paulo. Logo, o poder aquisitivo de seus moradores é proporcionalmente alto, sendo esse um fator que deve ser considerado na análise dessa paisagem linguística. Podemos pensar que tanto o nome quanto a fonte, cores e proporções do anúncio foram idealizados com esse público-alvo em mente.

⁴⁷ Estadão: https://imoveis.estadao.com.br/guia-de-bairros/qual-e-o-bairro-nobre-de-sp-com-maior- qualidade-de-vida/ (Último acesso em maio de 2021). Urbit: https://urbit.com.br/mapa/idh-sp#step-4 (Último acesso em maio de 2021).



Imagem 12 - Paisagem linguística: clínica de odontologia estética localizada em Perdizes

Fonte: imagem capturada em fevereiro de 2021, pela pesquisadora.

A palavra *facillity* pode ser analisada segundo o conceito de mobilidade específica da forma linguística (BAKHTIN, 1999) sob dois aspectos diferentes: sua grafia e seu sentido. Ambos apresentam variações em relação ao inglês falado em países onde o inglês é a língua principal. Bakhtin (1999) conferiu o termo "mobilidade específica da forma linguística" para discorrer acerca da característica mutável das palavras. Tal nomenclatura é utilizada para representar a polissemia das palavras, que têm seu sentido construído por diversos fatores presentes na situação de fala. Luiz Francisco Dias (2006, p. 108) afirma que esse conceito é a orientação que é conferida à palavra (no sentido genérico) por um contexto e uma situação precisos. Trazendo esse conceito para o tema da presente pesquisa, podemos refletir sobre como o inglês é utilizado localmente e como pode sofrer alterações devido a esses usos globais.

Podemos observar uma alteração na grafia dessa escrita em relação à versão normativa da palavra, consequência da fluidez da forma linguística. Em dicionários como o britânico *Cambridge Dictionary* ou o americano *Merriam-Webster*, encontrase a grafia *facility*, com um L ao invés de dois. É importante dizer que o objetivo da

presente dissertação não é criticar o uso da palavra com uma grafia distinta daquela encontrada em dicionários de língua inglesa, pois parto do pressuposto de que a língua está em constante movimento. Uma das consequências do inglês ser utilizado globalmente, além de se tornar uma língua falada por um número maior de falantes não nativos em relação a falantes nativos, seria mudanças e adaptações desse idioma, exponenciados através desse uso global.

No que diz respeito ao seu sentido, após uma busca nos mesmos dicionários, pude verificar que essa palavra pode significar tanto instalações para atividades específicas, como prédios – uso mais comum⁴⁸ – quanto uma aptidão para se fazer algo. Tratando-se de uma clínica de odontologia estética, inferimos que o sentido que se busca alcançar não seria ligado a instalações, e, sim, a uma facilidade em se fazer algo. No entanto, é possível fazer uma ligação direta com tratamentos odontológicos e o nome do estabelecimento? Caso essa denominação tivesse ocorrido em português, ela geraria o mesmo efeito? Geraria estranhamento um local de tratamentos dentários ser chamado de Facilidade ou Instalação – a depender do sentido que se almejou?

Ressalto que essa se trata de uma pesquisa acadêmica que se norteia por perspectivas como a subjetividade do pesquisador⁴⁹, portanto, não acredito que a minha análise seja a correta, mas uma das possíveis. Respondo às questões levantadas acima, seguindo essa perspectiva. A meu ver, um dos sentidos que se quis suscitar com a palavra *facillity* seja o de um serviço eficiente, realizado de maneira descomplicada pelos profissionais contratados pelo local. Porém, a ligação entre o nome e o serviço prestado não é evidente por meio da escolha da palavra, acarretando uma necessidade de uma complementação, nesse caso, com a frase: "Odontologia estética", para que o público entenda qual é o serviço por eles prestado. Logo, o inglês é usado como símbolo e não com fins comunicativos. Já sobre a escolha pela língua inglesa ao invés da portuguesa para o nome do estabelecimento, penso que, nesse caso, o nome em inglês é uma tentativa tanto de atrair como de dialogar com sujeitos que pertencem ou se julgam pertencer à classe média alta paulistana.

⁴⁸ De acordo com o *Corpus of Contemporary American English*. https://www.english-corpora.org/coca/x3.asp?xx=1&w11=facility&r=#b . Último acesso em setembro de 2021.

⁴⁹ A noção de subjetividade do pesquisador foi melhor desenvolvida na Introdução da presente dissertação.

Assim como pôde ser verificado com a grafia da palavra *facillity*, que foi alterada por um estabelecimento comercial, temos outros exemplos de vocábulos que têm seus sentidos modificados por atores locais. É o que se pode verificar nas imagens número 13 e 14, abaixo.



Imagens 13 e 14: Paisagens linguísticas no bairro de Perdizes, zona oeste de São Paulo

Imagens capturadas pela pesquisadora, em junho de 2020.

As imagens 13 e 14 estão dispostas lado a lado para melhor comparação. Ambas as fotografias foram feitas na mesma rua, também no bairro de Perdizes, no início da pandemia de covid-19, em que estabelecimentos comerciais anunciaram mudanças com o objetivo de se adequarem à fase vermelha de controle da pandemia, na qual o comércio não essencial deveria permanecer fechado. Consequentemente, houve um aumento significativo na oferta de serviços em domicílio, o que pode ser observado nos anúncios em destaque.

Podemos observar na imagem 14 a expressão em português "Se preferir vamos até você", já a imagem 13 apresenta um uso híbrido de inglês e português, com a expressão *atendendo delivery*. Ambas as formas expressam a mesma ideia, porém há uma diferença nas escolhas linguísticas. Podem-se fazer alguns apontamentos sobre os usos retratados.

No que diz respeito ao uso da imagem 13, penso que o emprego da palavra delivery seja um reflexo dos movimentos de americanização, acompanhados por

relações hegemônicas relacionadas ao uso do inglês em nossa sociedade. Além disso, essa frase apresenta uma composição híbrida de inglês e português, formando uma expressão abrasileirada. Se analisarmos o emprego da palavra *delivery* nesse contexto, podemos verificar que seu uso difere daquele encontrado em países onde o inglês é a língua principal ou oficial, pois *delivery* se remete somente à entrega de produtos na casa de seus consumidores. No entanto, o cartaz na imagem 13 expressa a ação de ir à casa das pessoas para oferecer os serviços de manicure ou pedicure, o que seria, frequentemente, expresso nos países anteriormente mencionados pela locução *at home services*. Consequentemente, a forma como o salão de cabeleireiro de São Paulo utiliza o inglês, de forma híbrida com a nossa língua local, indica uma apropriação do inglês, resultando em uma prática local da língua inglesa. No entanto, não se acredita que tal prática tenha sido feita conscientemente pelo estabelecimento.

Segundo a teoria dos Ingleses Mundiais (KACHRU, 1985), a expansão do inglês como língua global acaba descentralizando esse idioma, o que resulta em usos destoantes daqueles considerados como norma. De acordo com Rajagopalan (2004, p. 112 *apud* MOITA LOPES, 2008, p. 329), o inglês mundial: "pertence a todos que o falam, mas não é a língua materna de ninguém". Ou seja, a difusão dessa língua ao redor do globo cria ingleses, não mais regidos pela norma do falante nativo.

A respeito do uso linguístico apresentado na imagem 13, podemos dizer, ainda, que, similarmente a outros exemplos apresentados nesta pesquisa, o objetivo do estabelecimento ao empregar a língua inglesa é o de associar à sua imagem uma ideia de modernidade, já que o inglês é um dos símbolos da globalização. Essa escolha linguística pode evocar sentidos de que o serviço a ser oferecido é rápido e eficiente – ideias que podem ser associadas ao que consideramos ser consequências das inovações da era pós-moderna em que nos encontramos. Utilizar essa língua significa, entre outros aspectos, estar em sintonia com a contemporaneidade, com avanços na área da tecnologia, além de denotar uma inserção nesse mundo globalizado.

A linguagem é ao mesmo tempo uma representação e uma maneira de estar e agir no mundo. Relacionando essas considerações ao presente trabalho, temos que produções linguísticas que mesclam o inglês e o português, ocorridas na cidade de São Paulo, podem ser interpretadas como sendo influenciadas por relações colonizatórias, em que a língua hegemônica atua sob a subalterna – neste caso, o inglês atua sob o português. Porém, ao mesmo tempo, os usos do inglês podem ser

considerados agentes colonizatórios atuantes, porque promovem uma determinada ideologia.

Voltando para a área de formação de professores de língua inglesa, discussões a respeito da carga ideológica da linguagem se fazem relevantes para contribuir com o desenvolvimento de uma criticidade nesses futuros profissionais. Ao fazer uma leitura das paisagens linguísticas a partir das perspectivas teóricas de autores como Bakhtin, torna-se possível indagar acerca dos intuitos dos autores dessas paisagens ao escolher o inglês para compô-las. Essas escolhas denotam um pouco do nosso passado colonial e dos resquícios de colonialidade que ainda temos, além de fazerem parte de um movimento global de americanização da sociedade e da expansão da língua inglesa e de seus usos por atores globais, resultando nos chamados *World Englishes* (KACHRU, 1985).

Penso que a noção da impossibilidade da linguagem neutra, postulada por Bakhtin, seja importante para que os alunos adquiram uma criticidade e autonomia em relação ao mundo globalizado que os cerca. Ao ler as paisagens linguísticas a partir dessa perspectiva, os sujeitos podem melhor se situar em meio à luta simbólica de poder, por meio da expansão cultural e linguística de países do norte global, mais especificamente os de língua inglesa.

2.3. Foucault e a perspectiva pós-estruturalista da Linguagem

Os estudos pós-estruturalistas de Michel Foucault em relação à língua e à linguagem, similarmente aos pensamentos de Bakhtin, desconstroem a noção de uma língua formada por sentidos estáveis. Para esses teóricos, a língua é fluída e variável, e os significados são construídos nesse movimento de fluidez, influenciados pelo contexto de fala e das relações sociais. Foucault propõe uma desconstrução de posicionamentos estruturalistas e suas concepções homogêneas de análise da língua em si. Em seus estudos, sugere uma desconstrução de sentidos, para que assim se promova uma reflexão acerca de como esses são construídos e de como seus significados podem variar no decorrer do processo sócio-histórico.

Aceitarei os conjuntos que a história me propõe apenas para questioná-los imediatamente; para desfazê-los e saber se podemos recompô-los legitimamente; para saber se não é preciso reconstituir outros; para recolocá-

los em um espaço mais geral que, dissipando sua aparente familiaridade, permita fazer uma teoria (FOUCAULT, 2005, p. 29).

Encontra-se nessa citação seu princípio de desconstrução de parâmetros, colocando-se contrariamente a estudos agrupadores de gêneros e de formas linguísticas. Tem-se, aqui, uma proposta de se ver cada enunciação em sua característica singular, com um olhar que permita apreciar a heterogeneidade das práticas discursivas.

O filósofo desconstrói algumas diretrizes dos estudos em linguística da época, trazendo uma perspectiva distinta à anterior. Segundo sua concepção, o discurso não é somente formado por signos, escolhidos conscientemente por seus interlocutores, mas, traz características subjetivas que escapam ao seu autor. Há, em seus escritos sobre a análise discursiva, a ideia de que não somos totalmente emancipados em relação a como pensamos e como nos expressamos discursivamente. Ademais, somos envoltos por uma rede de discursos, não podendo nos desassociar desse fato na construção de nossa compreensão de mundo e de nossas falas.

O discurso, assim concebido, não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos (FOUCAULT, 2005, p. 61).

Há influências externas, chamadas por Foucault de exterioridades, que o sujeito falante não controla, já que ele é formador e formado por essa exterioridade. Dessa forma, ele rompe com a visão iluminista que coloca o homem em uma posição central, como sujeito consciente de suas ações, e o delineia como um ser que é moldado por fatores externos que, sem uma análise crítica, podem fugir de sua percepção.

O sujeito foucaultiano, de acordo com Veiga-Neto (2005, p. 53), "não é um produtor de saberes, mas, ao contrário, ele é um produto de saberes". Sendo assim, diferentemente de concepções iluministas, que colocavam o sujeito como ser racional e em controle de seus valores ideológicos, as teorias pós-estruturalistas de descentralização do sujeito o colocam como um produto do momento sócio-histórico em que se está inserido.

Esse sujeito e sua construção ideológica são constituídos socialmente e tais valores ideológicos, por sua vez, são transmitidos e perpassados através da

linguagem. Para Foucault (2005, p. 112): "não há enunciado livre, neutro e independente". Os saberes que constituem os sujeitos são transmitidos via linguagem, que se configura como um produto e um produtor de conceitos compartilhados socialmente, e, como todos os elementos históricos, transforma-se de acordo com mudanças na sociedade. Portanto, as ideologias, conhecimentos e visões de mundo são todas constituídas por meio da linguagem, que, por sua vez, também é criada e moldada pela sociedade.

Foucault reconhece, portanto, que os discursos que nos cercam formam a maneira como pensamos e nos colocamos diante do mundo. Tais discursos podem não ser acessados conscientemente. Além disso, discursos dizem mais do que somente o que expressam através dos signos neles contidos, e, segundo o autor: "É esse 'mais' que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever" (FOUCAULT, 2005, p. 55). Ele propõe, então, uma análise que vá além do que está dito, buscando o que se diz implicitamente.

Ao longo de sua obra, Foucault propõe diversos temas relevantes para uma análise linguística que tenha como objetivo questionar as lógicas de reprodução de poder. Ele desenvolve discussões entorno de assuntos relacionados à organização da sociedade por políticas de poder, no sentido mais amplo da palavra. Ao tratar dessa temática, apresenta a noção de verdade, diretamente ligada à reprodução e manutenção do poder. De acordo com ele:

O importante, creio, é que a verdade não existe fora do poder [...]. A verdade é desse mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua 'política geral' de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros (FOUCAULT, 2002, p. 10).

Portanto, a verdade e o poder caminham juntos, já que a partir do momento em que uma instituição, por exemplo, estabelece sua característica de domínio em relação a outras, as verdades que ela defende ou sustenta tomam corpo e se tornam mais fortes em relação àquelas a ela subordinadas. Nesse caso, os discursos tidos e acolhidos como verdadeiros são aqueles impostos tanto subjetiva quanto concretamente.

Na contemporaneidade, a globalização e suas relações de poder validam e desvalidam discursos, que se fazem ressoar ao redor do mundo. É por esse motivo que há uma proliferação de uma ideologia americanizada de vida, com a difusão de

modelos estado-unidenses como os *shoppings centers*, redes de *fast food*, entre outros (BLOCK, 2012). Tal difusão é apoiada e permeada por meio de discursos que promovem a ideologia de vida de países hegemônicos de língua inglesa como sendo universais. Para Ribeiro (2014, p. 180): "A transformação de particulares em universais é um problema de ordem sociológica e histórica, mais do que de ordem lógica. O monopólio do que é universal é um meio de (re)produção de elites globais". A partir de relações de poder, certos modos de vida locais são caracterizados como universais, pois essa é a verdade que se "vende" ao resto do mundo.

Anteriormente ao período da globalização, a mesma dinâmica pôde ser observada com a colonização de alguns países por outros hegemônicos. Com a progressão do domínio de sociedades autóctones, as verdades relacionas à religião, vestimentas, língua e comportamentos aceitos ou não lhes eram impostas por sujeitos colonizadores, que, por sua vez, representavam e reproduziam as verdades que lhes eram impostas por sua sociedade de origem. O processo de colonização desestabilizou e reprimiu com violências concretas e simbólicas os discursos locais ao impor as "vozes" do poder.

Similarmente, a globalização atua disseminando discursos e as verdades a eles associadas, desta vez, majoritariamente de forma simbólica⁵⁰. A ideia de universalidade representa uma relação de poder, a partir da qual discursos provindos do norte global subjugam outros, locais. Há, portanto, uma ligação estreita entre verdades e poder, já que são impostas por meio de relações de dominação, que aconteciam anteriormente por meio de violências físicas e, atualmente, preponderantemente simbólicas.

Há um combate "pela verdade" ou, ao menos, "em torno da verdade" - entendendo-se, mais uma vez, que por verdade não quero dizer "o conjunto das coisas verdadeiras a descobrir ou a fazer aceitar", mas o "conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder"; entendendo-se também que não se trata de um combate "em favor" da verdade, mas em torno do estatuto da

-

⁵⁰ A disseminação da verdade acontece em grande parte simbolicamente, com não tão raras exceções, como é o caso da invasão dos Estados Unidos ao Afeganistão, com o pretexto de democratizar esse país e libertá-lo do regime nocivo dos Talibãs. Uma leitura crítica dos acontecimentos revela a imposição de um sistema político em relação a outros, desconsiderando todo e qualquer discurso local. Sobre esse plano de democratização, Saliba (2009, p. 394) afirma: "O que na verdade acontecia, era que os EUA tinham planos políticos de invasão ao Afeganistão na justificativa da democratização do mesmo, e eles também apoiavam (e ainda apoiam) a Aliança do Norte. Com a desculpa dos atentados, a entrada no Afeganistão passou a ser uma porta de entrada a tropas americanas, já que os Talibãs – o governo vigente na época dos ataques – apoiavam o Al Queada, o financiador e promotor dos ataques."

verdade e do papel econômico-político que ela desempenha (FOUCAULT, 2002, p. 11).

Os embates em torno de quem detém o estatuto de verdade acontecem entre sujeitos, sociedades, instituições dominantes, que, então, seguindo a lógica dos que detêm o poder, as disseminam para o sul global. Foucault denomina de "regime da verdade" o processo de retroalimentação, no qual as verdades induzem a efeitos de poder, que as reproduzem, gerando um mecanismo que se autopreserva. Tal processo assegura a detenção dessas verdades por sujeitos hegemônicos, já que aqueles considerados subalternos sequer fazem parte dessa dinâmica.

Em *Microfísica do Poder,* Foucault problematiza, entre outros assuntos, os meios através do quais o poder e a verdade são produzidos e reproduzidos. Porém, como se pode observar na citação abaixo, ele, sendo um homem pertencente a um local hegemônico, não inclui em suas reflexões, como as verdades são impostas por meio de relações coloniais e de suas extensões.

[...] [a verdade] é objeto, de várias formas, de uma imensa difusão e de um imenso consumo (circula nos aparelhos de educação ou de informação, cuja extensão no corpo social é relativamente grande, não obstante algumas limitações rigorosas); é produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos (universidade, exército, escritura, meios de comunicação); enfim, é objeto de debate político e de confronto social (as lutas "ideológicas") (FOUCAULT, 2002, p. 11).

Ele cita, assertivamente, instituições como universidades, exército, meios de comunicação, entre outros, entretanto, através de uma perspectiva macro, pode-se observar essa difusão e consumo de discursos com os processos que ocorrem entre o norte e sul globais, a partir de uma ótica decolonial.

Com essas reflexões em mente, podemos propor uma análise da paisagem linguística a seguir, similarmente situada no bairro de Perdizes⁵¹, em que, como mencionado nas análises das paisagens linguísticas retiradas da mesma região, eu transito a pé. Trata-se da fachada de uma escola que, de acordo com o seu *website*⁵², foi idealizada em 2012 no Vale do Silício, Califórnia, por um casal de brasileiros. A missão do estabelecimento, segundo a mesma fonte, é de "Fazer com que o Brasil seja um dos maiores criadores de tecnologia do mundo". Não acredito que o objetivo de promover o agenciamento de alunos brasileiros em relação à tecnologia seja

⁵¹ Há uma descrição do bairro na análise da imagem número 12. Assim como supracitado, o públicoalvo é de classe média alta, sendo esse o perfil dos alunos que a escola *Super Geeks* abrange.

⁵² Endereço eletrônico da escola: https://supergeeks.com.br/. Último acesso em abril de 2021.

passível de críticas, no entanto, tal "missão" é apresentada com um discurso implícito, marcado por uma relação de subalternidade, ao utilizarem, por exemplo, somente a língua inglesa em sua principal comunicação com o público, o seu letreiro.

Imagem 15 - Letreiro da escola Super Geeks, unidade de Perdizes

SUPER

COMPUTER SCIENCE FOR KIDS & TEENS

Fonte: imagem capturada pela pesquisadora, em junho de 2020

O que estaria dito, além daquilo que se expressa concretamente através da linguagem? Primeiramente, o que me causa estranheza nesse letreiro é a opção por se usar somente a língua inglesa em todos os seus comunicados, desde o nome da escola até a descrição de suas atividades. Podemos interpretar essa escolha linguística como uma tentativa de atribuir ao comércio as simbologias que se associam à essa língua.

Em segundo lugar, há nessa imagem as marcas das relações de poder entre os hemisférios norte e sul globais. O inglês seria uma maneira de perpetuar as "verdades" de uma racionalidade ocidental. No caso, as verdades que se perpetuam são a de superioridade da língua inglesa, ou seja, superioridade cultural desse local eurocêntrico em relação ao nosso lugar de fala. O fato de se utilizar apenas o inglês para essa comunicação com o público me faz pensar que o tipo de ensino proposto por essa escola tenta associar-se a diretrizes ideológicas de países hegemônicos, como os Estados Unidos. Acredito, ainda, que há uma mensagem implícita de que a escola instrui seus alunos com o objetivo de os inserirem nesse mundo globalizado, em que se seguem as ideologias dos países que detêm poder simbólico.

De acordo com Baptista e López-Gopar (2019, p. 6): "A legitimação de um enunciador universal, de uma perspectiva única de conhecimento, como é o caso da racionalidade ocidental, deve ser considerada como uma prática de exercício de

poder". No caso da imagem acima, a racionalidade ocidental, perpetuada através de uma dinâmica colonialista, é um dos aspectos utilizados para atrair o público para o estabelecimento. Se remetermo-nos aos conceitos de Foucault mencionados, nota-se a reprodução de regimes de verdade, pois a racionalidade e visão de mundo adotadas e sustentadas são aquelas de países com maior poder simbólico, neste caso, os Estados Unidos.

A lógica de um enunciador universal, que, acriticamente, se apresenta ao mundo de maneira inofensiva, é estabelecida a partir de relações de poder e confere à racionalidade ocidental um caráter de autoridade. De acordo com Ribeiro (2014, p. 185): "há uma luta para manter o monopólio sobre o que é universal, já que tal monopólio constitui-se como um dos meios fundamentais para a reprodução simbólica das elites globais". Essas dinâmicas são tão concretas e disseminadas que se reproduzem por sujeitos pertencentes a um *lócus* de enunciação subalterno. As verdades, que segundo Foucault (2002) não existem fora do poder, são fabricadas por locais hegemônicos e reproduzidas por falantes de *lócus* diversos.

Conforme Foucault (1998, p. 12-13), em sociedades como as nossas, os elementos de uma política geral de verdade compreendem: o discurso científico e as instituições que o produzem; a incitação econômica e política e a necessidade de verdade, quer seja para a produção econômica, quer seja para o poder político; a difusão e o consumo por meio de diversas formas que permitem sua circulação como a educação ou informação; o controle de grandes aparelhos políticos ou econômicos como a universidade, exército, escritura, comunicação e, por fim, as lutas ideológicas (BAPTISTA; LÓPES-GOPAR, 2019, p. 6).

Como instituição, a escola é um dos espaços nos quais tais discursos circulam e se reproduzem. Comunicações visuais, como a da escola Super Geeks, são vetores de uma lógica ocidentalizada, que marcam a posição subalternizada do aluno brasileiro, ao propor um ensino portador de uma premissa de o incluir em um mundo globalizado, segundo a lógica de um enunciador universal.

Baptista e Gopar (2019) trazem os conceitos, desenvolvidos por Grosfoguel, de ubicación epistémica e ubicación social, segundo os quais sujeitos situados em locais subalternos não necessariamente produzem discursos que partam desse local de fala. De acordo com os autores: "O sucesso do sistema mundo moderno/colonial consiste em fazer que os sujeitos socialmente situados no lado oprimido da diferença colonial pensem sistematicamente como os que estão situados nas posições dominantes". (BAPTISTA; GOPAR, 2019, p. 11). Tem-se, portanto, a reprodução de relações hierarquizantes através de sujeitos situados em ambos os lados das linhas abissais.

Lembremos que as relações coloniais no Brasil datam desde a invasão dos portugueses em terras tupiniquins. No século XVI, a colonização deu-se por meio de violência e silenciamentos culturais explícitos, havendo uma progressão no decorrer das mudanças sócio-históricas, a partir das quais tais ações passaram a acontecer de forma menos evidente, porém, não menos concreta. Desde os primórdios do Brasil, sempre estivemos sob a influência de culturas eurocêntricas, a mais evidente dessas seria a portuguesa, com a colonização por meio da língua, religião, escolas, entre outras. Ademais, a França, como expoente cultural e imperialista, principalmente nos séculos XVIII e XIX, exerceu influência, sobretudo em países ocidentalizados, sendo o francês a língua estrangeira principal ensinada em escolas brasileiras, até meados da década de 60⁵³.

A partir de acontecimentos históricos, mormente após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos passaram a exercer forte influência cultural e econômica, resultando com que o inglês se tornasse a principal língua estrangeira ensinada ao redor do mundo. Os traços de colonialidade continuam presentes, podendo ser encontrados em diversos setores da nossa sociedade. Atualmente, essa dinâmica do mundo moderno colonial acontece de forma mais implícita, se a compararmos com as mesmas relações coloniais do século XVI, porém, a meu ver, não menos substanciais. Tais dinâmicas estão tão imbricadas em nossa sociedade, que se não olharmos ao nosso redor de forma crítica – como ao analisar paisagens linguísticas – podem passar despercebidas.

Como discutido anteriormente, o sucesso das relações de colonialidade acontece, sobretudo, pois essas se encontram presentes em discursos tanto de sujeitos situados em locais hegemônicos, como os que se situam no Brasil, por exemplo. A imagem número 16 pode ser usada para demonstrar como os conceitos

⁵³ Ao promover em sua dissertação uma reflexão sobre as políticas de ensino da língua inglesa em escolas públicas estaduais, Ênio de Oliveira (2003, p. 35) faz uma retrospectiva das influências eurocêntricas no Brasil: "Segundo Razzini (2000), dentre as importações culturais europeias, destacase o modelo francês, que sempre exerceu entre os brasileiros grande fascínio durante o século XIX, prolongando-se até a metade do século XX. A França se fez presente desde o financiamento, por D. João VI, da "missão artística francesa", no início do século XIX, passando pela fundação de instituições nela inspiradas, como o Colégio Pedro II (1837), o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838), a Academia Brasileira de Letras (1897), além de salões, clubes, teatros, associações, até a disseminação do consumo de bens, companhias teatrais, moda culinária, além, é claro de muito matéria impressa (folhetins, romances, compêndios, etc)."

de *ubicación epistémica* e *ubicación social* se confundem em discursos locais. Ela é um cartaz localizado em um poste na avenida Paulista, em que um professor anuncia aulas particulares de inglês. Vi o cartaz em um passeio dominical pela avenida, que nesse dia tem uma circulação grande de pedestres de diferentes idades e identidades, que se dirigem ao local para comer, fazer compras, visitar as atrações culturais ali encontradas, entre outras atividades.

Trata-se de um local movimentado, portanto o referido cartaz poderia ser visualizado por muitos alunos em potencial. Ao analisar os elementos contidos na imagem, podemos verificar os símbolos e as formas de discurso que esse professor considerou relevantes para atingir o seu propósito. Encontram-se nela informações sobre o valor, contato, nome e número de métodos adotados pelo profissional. Dentre as informações ali contidas, há três elementos que avalio pertinentes para a análise crítica aqui proposta.

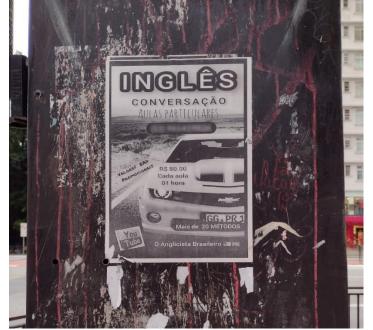


Imagem 16 - Paisagem linguística – cartaz de anúncio de aulas de inglês

Fonte: imagem capturada pela pesquisadora, em abril de 2021.

O primeiro deles é o termo por ele cunhado de "anglicista brasileiro", posicionado na imagem ao lado das bandeiras dos Estados Unidos e do Reino Unido. Após uma pesquisa sobre o significado da palavra, encontrei que anglicista significa "que ou aquele que emprega frequentemente anglicismos", substantivo que se usado em conjunto com "brasileiro" tem um sentido impreciso. Um anglicista brasileiro seria

alguém que utiliza anglicismos ao falar? De qualquer forma, por se tratar de uma palavra pouco comum em nosso cotidiano, acredito que o efeito de sentido almejado seja o de associar países anglófilos à identidade desse professor.

Interpreto tal fala como um exemplo de como os conceitos de *ubicación epistémica* e *ubicación social* podem ser encontrados em discursos de paisagens linguísticas contemporâneas. Há uma tentativa de elevar seu *status* como professor ao se autodenominar dessa forma. Para isso, utiliza as bandeiras de países hegemônicos, além do termo "anglicista brasileiro", associando, assim, a sua identidade a esses símbolos. Podemos perceber que apesar do sujeito estar situado no Brasil, sua *ubicación social*, ele intenciona se aproximar de outro local de fala, ao qual é atribuído maior valor, partindo de um olhar pouco crítico e que não foi desconstruído através de teorias decoloniais. Como não é possível ocupar esse lugar concreta ou geograficamente, faz-se a tentativa de ocupá-lo epistemologicamente, por meio de marcas discursivas, como as encontradas no cartaz.

Nesse caso, a escolha de aproximação a um lugar hegemônico é feita de maneira consciente. Nos termos de Foucault (2002), isso poderia ser analisado como a disseminação de uma verdade ou ideologia por meio de discursos. Há um público que se considera alvo, aquele que não é crítico às questões decoloniais, e para o qual aprender inglês significa se aproximar desse sujeito eurocêntrico por meio da língua inglesa, o que também pode ser compreendido como uma ação em direção a situar o seu estar no mundo de forma eurocêntrica, ou de ocupar uma *ubicación epistémica* hegemônica.

O segundo elemento seria o carro, imagem em proporções grandes e posicionada de maneira central na imagem. O carro selecionado não pode ser considerado popular, devido às características de seu capô, que lhe conferem uma qualidade de carro rápido ou potente. Considerando as observações levantadas acima, as analogias que se podem fazer são de possibilidade de movimento em direção a um local hegemônico, tanto de forma figurada como concreta. Figurativamente, há uma aproximação a um lugar mais elevado, ao se adquirir capital cultural (BOURDIEU, 2004) por meio da língua inglesa. Por outro lado, o carro também poderia representar um deslocamento físico concreto em direção a um local hegemônico, com imigrações, por exemplo. Nesse sentido, o veículo representaria uma forma de se sair de um local social subalterno, ou *ubicación social* subalterna, em direção a outro hegemônico, o que caracterizaria não somente uma mudança na

forma de se estar e compreender o mundo – *ubicación epistêmica* – mas também na própria localização geográfica.

Outro ponto que acredito ser relevante para a presente análise é a escolha por se adicionar o símbolo do *YouTube* no cartaz. Entendo que há aí a tentativa de se atribuir ao trabalho desse professor uma característica de modernidade, o que poderia interessar aos alunos. No entanto, não fica claro como esse profissional utilizaria essa plataforma. Logo, considerando somente o ícone do canal de vídeos, é possível interpretá-lo como outro símbolo que remete a uma hegemonia epistemológica, visando, com isso, a associar às aulas a perspectiva de mundo anteriormente mencionada.

Em A Arqueologia do Saber (2005), Foucault discute acerca dos discursos sem corpo, de um "jamais-dito" que sustenta discursos manifestos. Esses discursos silenciosos são reflexos da sociedade vigente e tomam proporção a partir de fatores sociais e ideológicos, que influenciam o modo como uma dada população encara certos aspectos da sociedade. Ao mesmo tempo que somos construtores de discursos, somos também construídos por eles. Nossas ações e falas são frutos dessa dinâmica, que pode ser alterada a partir de esforços locais ou globais. Como uma consequência de questionamentos de certos conceitos ou perspectivas de mundo, podem ser geradas mudanças em como compreendemos e interiorizamos certos temas, como o feminismo ou racismo. Transições na maneira como um determinado tema é entendido são refletidas em enunciados e discursos manifestos ou não.

Foucault pensava sobre discursos de uma maneira ampla, como o veículo através do qual se formam conceitos e conhecimentos que variam no decorrer da história. Ou seja, o que se entende acerca de algum assunto e como esse é compreendido pela sociedade em um determinado período sócio-histórico muda com o decorrer do tempo, acompanhando as mudanças e avanços das sociedades. Ao retomar o trabalho de Foucault, Hall assevera:

As coisas tinham um significado e eram 'verdade', ele argumentou, apenas dentro de um contexto histórico específico, Foucault não acreditava que o mesmo fenômeno seria encontrado ao longo de períodos históricos diferentes. Ele pensava que, em cada período, o discurso produzia formas de conhecimento, objetos, sujeitos e práticas de conhecimento, que diferiam radicalmente de período para período, sem necessidade de continuidade entre eles ⁵⁴ (HALL, 1997, p. 46).

-

⁵⁴ No original: Things meant something and were 'true', he argued, only within a specific historical context, Foucault did not believe that the same phenomena would be found across different historical

Para ilustrar tal reflexão, Hall (1997) traz o exemplo de Charcot, psiquiatra francês do século XIX, e seus estudos sobre a histeria. Para esse médico, mesmo tendo incluído homens nas suas investigações sobre a histeria, essa era uma doença sobretudo das mulheres. Com a continuidade dos estudos psicológicos e psiquiátricos, hoje, o universo do conhecimento sobre doenças com tais sintomas sofreu mudanças, pois essas são entendidas de forma diferente, de acordo com os discursos construídos em torno delas. Portanto, a maneira como algo é compreendido é construída sócio-historicamente, o que levou, no caso do conceito de histeria, a transformações na forma de se conceber tal assunto.

É a partir de progressões na maneira de pensar e nos usos da linguagem que mudanças na sociedade passam a acontecer. Da mesma forma, a linguagem muda e se adapta às transições sócio-históricas. Há certas falas que são características de uma era, e que, devido às mudanças sócio-históricas, não são atemporais. É possível perceber esse processo de mudança ao assistir a programas televisivos da década de 80 ou 90, por exemplo, nos quais a maneira como as mulheres ou negros eram tratados ou retratados – por meio de discursos ditos ou não ditos – pode revelar traços de racismo ou de machismo, que, atualmente, não seriam aceitos por uma porção significativa da sociedade.

Similarmente, os discursos em torno da língua inglesa acompanham as mudanças sociais. Da mesma forma que refletem a sociedade, também a refratam. Por um lado, os discursos em torno do inglês, gerados pelos diversos usos dessa língua na cidade de São Paulo, são consequências das relações de poder entre países que objetivam preservar os domínios simbólico, econômico e cultural de locais hegemônicos. Por outro, há mudanças que vêm sendo ocasionadas por meio de contestações, com o uso de uma linguagem irônica ou de memes, por exemplo, que resultam em uma desestabilização de tais dinâmicas de poder, refratando, assim, a realidade em relação a esse tema e, portanto, desestabilizando o *status* do inglês.

As imagens abaixo, números 17 e 18, podem ilustrar como a realidade em torno desse tema pode ser refratada, ao se questionar ou empregar essa língua de forma diferente. Ambas foram retiradas em 2021 de páginas do *Instagram*, que produzem

periods. He thought that, in each period, discourse produced forms of knowledge, objects, subjects and practices of knowledge, which differed radically from period to period, with no necessary continuity between them.

memes contestadores ou irônicos. A imagem 17 foi retirada da página *Greengo Dictionary*. Conforme ressaltado, ela reúne um milhão e meio de seguidores e possui postagens que brincam com a língua inglesa ao traduzir expressões brasileiras cotidianas para o inglês de forma literal, além de trazer outros *posts* com conteúdo político crítico ao atual governo. Já a imagem 18, foi retirada da página Sebastião Salgados, que tem 165 mil seguidores e cujo nome é uma brincadeira com o fotógrafo Sebastião Salgado. Essa página posta imagens em preto e branco que fazem brincadeiras com diversos aspectos da sociedade brasileira, desde anúncios de supermercado até montagens com fotos comentadas. Ela também apresenta, de maneira geral, um discurso geral contra a necropolítica (MBEMBE, 2018) e política neoliberal do atual governo.

Greengo Dictionary Seprengodict

Não é call, é prosa

Não é job, é trampo

Não é deadline, é "PUTA MERDA, É PRA HOJE"

Não é budget, é "quanto vai ficar essa brincadeira?"

Não é meeting, é reunião que poderia ter sido e-mail

Não é case, é causo

Não é briefing, é resumão

Não é mindset, é azideia

Imagens 17 e 18 - Paisagens linguísticas digitais retiradas de páginas do Instagram

Fonte: https://twitter.com/greengodict/status/1288831096474546176; https://www.instagram.com/p/CUuePepLH4B/

Ambas, a meu ver, desestabilizam a carga simbólica da língua inglesa, pois não a utilizam de acordo com os padrões que podem ser observados nas imagens 11 ou 15, nas quais o inglês é empregado para adicionar um determinado valor ao que se anuncia ou ao que se diz. A imagem 16 polemiza usos desnecessários dessa língua, ao mostrar palavras que têm correspondentes em português. Ao comparar as duas

línguas, há uma tentativa de questionar valores e verdades impostas (FOUCAULT, 2002) em relação à soberania linguística do inglês. O vocabulário ali contido pode ser associado a ambientes corporativos, utilizado por profissionais de áreas relacionadas com o provável intuito de vincularem à sua identidade profissional as ideias de modernidade e globalização. As traduções são feitas em expressões populares em português, a meu ver, com o intuito de questionar e desconstruir os valores simbólicos associados a expressões em inglês, às quais se associa certo *glamour*. Como criticado na imagem, a ação de utilizar a língua inglesa dessa forma fortalece dinâmicas hegemônicas, a partir das quais se atribuem ao português e ao inglês valores diferentes, podendo também ser exemplo dos conceitos de *ubicación social* e *epistémica* anteriormente mencionados.

Já a imagem 18, consiste em uma foto de uma pichação feita em algum lugar não especificado pela página. A imagem brinca com a palavra *bacon*, ao ressignificála de acordo com o seu som em uma frase em português. Acredito que tal uso é contestador do *status* atribuído ao inglês, pois ao fazer uma brincadeira com a pronúncia dessa palavra, traz ambos os idiomas para uma relação de igualdade, não fazendo uma diferenciação de valor entre eles. Há, portanto, um movimento de desestabilização das dinâmicas de poder, por meio de ironias e brincadeiras com o uso da língua inglesa.

No entanto, como dito anteriormente, muitos dos usos que encontramos pela cidade e em redes sociais consistem em discursos manifestos de outro discurso jamais-dito, segundo o qual a língua inglesa é detentora de uma carga simbólica associada a uma ideia de superioridade econômica e cultural. Por isso, encontramos espalhadas pela cidade paisagens linguísticas, como é o caso da imagem 12, além da encontrada a seguir.

A foto da imagem 19 foi tirada na rua da Consolação, em uma ocasião na qual eu passava de Uber por ali. Trata-se de uma propaganda de *whisky* instalada em um ponto de ônibus, em uma rua no bairro da Consolação, próxima a uma das áreas mais movimentadas e disputadas da cidade, a avenida Paulista. É um local onde transitam pessoas de diferente locais e classes sociais, no entanto, o comércio nos arredores é destinado sobretudo à classe média ou média alta. O produto anunciado é um *whisky* da marca Jack Daniel's, originário do estado de Tennessee, na região sudeste dos Estados Unidos. Custa, em média, 150 reais, o que não representa uma mercadoria popular para os padrões brasileiros.



Imagem 19 - Paisagem linguística, propaganda do whisky Jack Daniel's

Fonte: imagem capturada pela pesquisadora, em abril de 2021.

Lê-se no anúncio as frases: *nº* 7 *brand*; até onde sabemos o hoje só acontece uma vez; *Jack Daniel's*, *make it count*. Já na parte inferior, em uma fonte pequena, encontra-se a frase, beba com responsabilidade. Há, portanto, uma combinação de frases em português e em inglês. É possível, também, observar que a qualidade do *whisky* não é mencionada no letreiro, o que poderia ter sido utilizado como uma estratégia de *marketing*. De acordo com as discussões feitas anteriormente, podemos interpretar os usos em inglês como frutos dos discursos não-ditos em torno dessa língua, que exprimem uma carga simbólica correspondente a uma superioridade econômica ou cultural. Ou seja, os formuladores de tal publicidade optaram pela origem norte-americana do produto estar assinalada através do uso do inglês e do nome da marca, como um dos fatores que atribuem valor a ele. Caso as frases tivessem sido traduzidas para o português, essa simbologia não seria tão explícita, sendo encontrada somente no próprio nome do produto.

Como é defendido por Foucault (2005), os saberes são constituídos por meio da linguagem. O conhecimento, percepção e posicionamentos perante o mundo são formados por meio de interações linguísticas. A língua inglesa encaixa-se nessa

dinâmica, pois é utilizada tanto como fruto quanto como formadora de ideologias. A respeito da análise discursiva, Foucault faz os seguintes questionamentos:

Eis a questão que a análise da língua coloca a propósito de qualquer fato de discurso: segundo que regras um enunciado foi construído e, consequentemente, segundo que regras outros enunciados semelhantes poderiam ser construídos? A descrição de acontecimentos do discurso coloca uma outra questão bem diferente: como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar? (FOUCAULT, 2005, p. 30).

Partindo desses questionamentos, podemos inferir que os enunciados em questão surgiram a partir de um *lócus* hegemônico de fala, mesmo se não formulados por sujeitos provindos desses locais. Uma pergunta que acredito ser interessante para tratar da imagem 19 é: quais seriam as diferenças entre os efeitos de sentido criados, caso todas as frases da publicidade tivessem sido escritas em português? Certamente, haveria mudanças em como o produto seria apresentado, o que pôde não ter sido interessante financeiramente para a empresa, já que a carga simbólica em forma de capital cultural associada à marca auxilia nas vendas de seus itens. Logo, ao pensar nas regras que ditaram a construção desse enunciado, podemos inferir que pesquisas mercadológicas indicam que uma publicidade que saliente o caráter estado-unidense de seus produtos – por isso o uso do inglês em mais de uma frase do anúncio – seja mais prolífera financeiramente.

Segundo Pennycook (2003, p. 515), encontram-se códigos mistos de inglês e de outra língua, em "símbolos da mídia de massa de estilos que são explorados em um marketing voltado para a juventude"⁵⁵. No caso da publicidade do Jack Daniel's, não acredito que o intuito ao utilizar o inglês tenha sido prioritariamente o de atingir um público jovem, mas, sim, como dito anteriormente, de agregar um valor simbólico ao seu produto. Contudo, há uma relação entre o inglês e a contemporaneidade, que pode resultar em uma identificação de um público mais jovem.

Para Pennycook, tais misturas linguísticas são resultado do que ele denomina de *transcultural global flows*. Isto é, os movimentos socioeconômicos decorrentes da globalização causam um fluxo cultural entre diferentes locais do mundo, sendo que muitos deles envolvem o inglês, devido à sua característica hegemônica, que lhe confere o *status* de língua global. Dessa forma, a associação do inglês com a modernidade pode ajudar a atrair um público de uma determinada faixa etária.

⁵⁵ No original: mass-media tokens of styling that are exploited in youth-oriented marketing.



Imagem 20 - Paisagem linguística digital: publicidade da rede de cafés estado-unidense Starbucks

Fonte: https://www.mundodomarketing.com.br/lancamentos/1180/starbucks-apresenta-frappuccino-super-colorido-peace-&-love

A imagem 20 é significativa para representar o que Pennycook descreveu como o uso do inglês como uma tentativa de se atrair um público jovem, ação que se faz presente em diversos elementos da imagem. Primeiramente, o frapuccino anunciado é decorado com ingredientes coloridos tanto em sua espuma como em seu conteúdo. Interpreto a escolha pelas cores como um empenho para dialogar com esse público.

Em segundo lugar, há duas frases e expressões em inglês: peace and love e boas vibes. Ambas têm uma conotação voltada para essa faixa etária. No primeiro caso, peace and love se associa ao movimento hippie, formado sobretudo por jovens nos anos 60. Já a expressão vibe é uma gíria utilizada atualmente por jovens brasileiros para indicar um sentimento, nesse caso positivo, em relação a uma situação ou acontecimento.

Outro aspecto relevante é o fato de que as palavras em inglês se encontram bem centralizadas e são escritas em uma fonte maior do que as outras. Uma possível interpretação para isso seria a importância dada à essa língua e o apelo que se acredita que ela tem. Para entender a diferença entre os usos de palavras ou expressões em inglês, basta pensar como seria a publicidade mostrada nessa imagem caso a mensagem estivesse escrita em português. O que mudaria caso a frase *Peace and love* fosse escrita como "Paz e amor", e a frase *boas vibes*, "boas vibrações"? Ou melhor, por que se escolheu utilizar o inglês nessa publicidade?

Permeiam, em usos como o apresentado na imagem 20, sentidos implícitos, que não podem ser entendidos de forma neutra, pois, como postulam os teóricos

utilizados neste capítulo, a língua é ideológica. Sendo assim, as análises de tais usos devem considerar uma não neutralidade na escolha pelo uso do inglês.

Similarmente à análise da publicidade da marca Jack Daniel's, outro fator que pode ter motivado o uso do inglês pela rede *Starbucks* na referida imagem seja um desejo de associar à marca um caráter internacional, para que a qualidade de seus produtos seja comparada com a de outras mercadorias americanas, por exemplo. A essa escolha é possível relacionar uma vontade de associar uma ideia de modernidade aos produtos promovidos, pois o inglês é a língua da atual era da globalização. Além disso, o Starbucks se trata de uma rede de cafés estado-unidense e lembrar seus possíveis consumidores disso, através do emprego do inglês em seus anúncios, adiciona um capital cultural aos seus produtos.

O século XVI e as colonizações ocorridas nesse período criaram regimes de verdade, a partir dos quais os povos indígenas e as suas línguas eram tidos como inferiores pelos colonizadores europeus. Em A *Colonialidade da Língua*, Veronelli (2015) argumenta sobre a "diferença colonial" e como esses povos indígenas foram colocados em uma relação de inferioridade racial, cultural e linguística que se perpetua até hoje e, a meu ver, pode ser observada em algumas das paisagens linguísticas apresentadas neste capítulo. Isso acontece, pois herdamos as noções de verdade que postulam uma relação de superioridade e inferioridade racial, e, sem um olhar crítico sobre essas dinâmicas, acaba-se reproduzindo esses estatutos reprodutores de relações hegemônicas de poder. De acordo com Foucault:

O problema não é mudar a "consciência" das pessoas, ou o que elas têm na cabeça, mas o regime político, econômico, institucional de produção da verdade. Não se trata de libertar a verdade de todo sistema de poder - o que seria quimérico na medida em que a própria verdade é poder - mas de desvincular o poder da verdade das formas de hegemonia (sociais, econômicas, culturais) no interior das quais ela funciona no momento (FOUCAULT, 2005, p. 11).

Desestabilizar o poder da verdade é algo que poderia ser feito por alguns meios, sendo alguns deles a educação linguística e o uso da linguagem. Ao olhar de forma crítica para as produções em inglês, como as paisagens linguísticas, e para a forma como nos colocamos perante essa língua, podemos estudá-la e utilizá-la de maneira mais consciente sobre como uma percepção acrítica perpetua as mesmas relações hegemônicas que ela promove.

Por esse motivo, nós, como professores ou formadores de professores de inglês, podemos levar a discussão acerca do estatuto do inglês em nossa sociedade, não para negar a utilização e o ensino da língua, com a tentativa de barrar as influências hegemônicas, mas, sim, adotando e cultivando uma filosofia de ensino que considere essas questões. Tal abordagem tem o intuito de promover a autonomia e a consciência dos alunos, no que diz respeito a como a história e as relações entre países geram diferenciações e condições de cidadãos hegemônicos e subalternos, ou aqueles com maior ou menor poder simbólico.

Neste capítulo, busquei, por meio dos escritos de Bakhtin e Foucault, refletir e questionar os efeitos da colonização e, posteriormente, da globalização em nossa sociedade e como eles se manifestam na linguagem. Em outras palavras, como ideologias originadas nos processos colonizatórios do século XVI e perduradas por meio de outros acontecimentos sócio-históricos, como a própria modernidade, podem ser encontradas em paisagens linguísticas. As marcas coloniais se fazem presentes nas dinâmicas globais contemporâneas, como aponta Veronelli (2015, p. 111): "Modernidade e colonialidade agem em parceria: com o processo de modernidade de construir o mundo ideologicamente de modo que esse sempre acomode a colonialidade". Uma análise de paisagens urbanas e dos elementos que as compõem, de seus produtores, do local onde se encontram e do público que desejam atrair, podem revelar características de reprodução de colonialidades. Acredito que desenvolver uma criticidade, por meio dos letramentos visuais ao se consumir tais imagens, torna-nos menos passivos quanto aos sentidos por elas produzidos. Esse exercício de criticidade pode conferir agenciamento aos alunos, o que lhes pode permitir um posicionamento mais crítico e consciente em relação às dinâmicas culturais contemporâneas.

Capítulo 3: Decolonialidade e formação de professores em diálogo com uma educação linguística crítica

Como professores de língua inglesa, temos como objeto de trabalho uma língua que pode ser percebida por perspectivas diferentes. A presente pesquisa visa a contribuir na desconstrução de perspectivas enraizadas nos círculos de ensino de língua inglesa, passadas e repassadas, sem que se olhe para elas de maneira crítica. Cabe a nós, pesquisadores dos processos de ensino-aprendizagem e professores de inglês, direcionarmos um olhar problematizador ao nosso objeto de trabalho, questionando práticas já estabelecidas.

Conforme discutido nos capítulos anteriores, conferem-se valores diferentes às línguas portuguesa e inglesa, o que pode ser verificado por meio de uma análise discursiva de paisagens linguísticas, nas quais se utilizam ambas as línguas. No entanto, há diferentes perspectivas e teorias que podem ser utilizadas para refletir acerca das distinções feitas entre esses idiomas. Neste capítulo, essa análise será feita por meio das teorias decoloniais e as referentes a uma educação linguística crítica.

Teóricos decoloniais (MIGNOLO, 2000; VERONELLI, 2015; LUGONES, 2003; QUIJANO, 2000) partem dos processos colonizatórios, vividos sobretudo a partir do século XVI, para melhor compreender as heranças desse período sócio-histórico na maneira como as sociedades contemporâneas do norte e sul global são estruturadas.

Quijano (2000) vê a colonialidade e a modernidade como eixos inseparáveis. De acordo com ele, o capitalismo eurocêntrico global é articulado em volta desses dois eixos. As marcas coloniais presentes atualmente são resquícios das colonizações do século XVI e das lutas pelo poder ocasionadas nesse período.

Seguindo a perspectiva teórica de Foucault (2002), as verdades, tidas como universais dentro de uma determinada sociedade ou em um determinando momento histórico, são geradas a partir de confrontos por um poder simbólico. O lado mais forte desse conflito será o detentor dessas verdades. Se nos remetermos às colonizações do século XVI, podemos ter um exemplo concreto de como valores morais, culturais, religiosos, entre outros, foram impostos a povos originários, pois esses eram considerados inferiores. As teorias decoloniais, então, irão buscar identificar as

marcas coloniais na contemporaneidade e, por meio de reflexões e discussões, desconstruir tais resquícios estruturais.

Veronelli (2015, p. 119), outra teórica decolonial, argumenta que o conceito de raça foi criado no século XVI. Ao citar Quijano (2000), afirma que em um período anterior, as relações de superioridade e inferioridade eram produtos de guerras, dominações e poder. No entanto, no século XVI, as noções de seres superiores ou inferiores foram materializadas na ideia de raça, que justificava tal classificação em termos de fenômenos biológicos, a-históricos e naturais. Associou-se à raça – falsamente apresentada como "não-fabricada" e "não-artificial" (QUIJANO, 2000 apud VERONELLI, 2015) – a ideia de não civilidade.

Dentre os aspectos que levaram os colonizadores europeus a considerar os nativos como subalternos, ou sub-humanos, estão os fatos de que essas populações indígenas não possuíam vestimenta ou uma língua escrita, portanto, a eles não foi conferida a qualidade de civilizados. Citando Mignolo (1995), Veronelli (2015, p. 116) afirma que: "A civilidade é indicada tanto por possuir letras, como pela maneira de se vestir. Os povos indígenas não possuíam ambos" 6. O racismo de então percorreu séculos e pode ser observado em diversas relações de dominação e subalternidade, sendo uma delas a maneira como nós, brasileiros, colocamo-nos em relação à língua inglesa.

A colonialidade não se trata somente de uma classificação racial, ela é um fenômeno global abrangente, permeado em todos e cada aspecto e situação da existência social, no sentido de que a distribuição de hierarquias, lugares e papéis sociais é completamente racializada e geograficamente diferenciada (VERONELLI, 2015, p. 111) ⁵⁷.

A colonialidade é base para a estruturação das sociedades. No que diz respeito ao Brasil, essa colonialidade pode ser identificada no modo como nos relacionamos com a língua inglesa e o seu ensino. A herança do período colonial reflete-se na língua portuguesa, hoje falada em território brasileiro, fruto de processos de apagamento das línguas indígenas antes faladas na terra à qual se daria o nome de Brasil. É possível observar distinções de valor entre as línguas indígenas e o português, pois, a partir das mesmas lutas simbólicas movidas pelos processos colonizatórios, seguidos pelo

⁵⁷ No original: Coloniality is not just about racial classification but an encompassing global phenomenon that permeates all and every aspect and situation of social existence in the sense that the distribution of hierarchies, places, and social roles are thoroughly racialized and geographically differentiated.

-

⁵⁶ No original: Civility is indicated both by having letters and by the manner of one's dress. Indigenous peoples lacked both.

capitalismo e, finalmente, pelo neoliberalismo, às línguas indígenas são conferido um valor de inferioridade em relação ao português.

Em *Epistemologias do Sul*, Sousa Santos trata da linha abissal imaginária que separa a esfera tida como civilizada e a esfera colonial "sem lei". Em seu texto, ele traz que a primeira grande divisão entre esses dois polos foi o Tratado de Tordesilhas (SOUSA SANTOS, 2010, p. 35), que oficialmente delineou linhas abissais, separando a Europa das Américas recém-descobertas. Dessa maneira, tem-se que as marcas coloniais que trazemos embutidas em práticas socioculturais contemporâneas têm origem nas primeiras práticas colonizatórias que a América Latina, como um todo, sofreu. Desde os primórdios da colonização, práticas culturais e visões de mundo oriundos das Américas do lado sul da linha abissal eram tidos pelos colonizadores como inferiores e delegadas à invisibilidade e descrença pelo colonizador europeu.

Nossa herança colonial contemporânea data dos primeiros contatos com os povos indígenas da América Latina, nos quais os europeus, através de uma violência epistêmica, visavam a consolidar a sua hegemonia e de fato colonizar os povos tidos por eles como "selvagens" ou "sub-humanos" (SOUZA SANTOS, 2010, p. 37). Segundo Sousa Santos, a violência epistêmica acontece desde:

[m]itos e cerimônias locais como instrumento de conversão, à pilhagem de conhecimentos indígenas sobre a biodiversidade, enquanto a violência é exercida através da proibição do uso das línguas próprias em espaços públicos, da adoção forçada de nomes cristãos, da conversão e destruição de símbolos e lugares de culto, e de todas as formas de discriminação cultural e racial (SOUSA SANTOS, 2010, p. 38).

Como o nosso passado sócio-histórico reflete-se em como nos relacionamos com o capital simbólico provindo do norte global, considerar teorias como a de Sousa Santos é imprescindível para uma educação linguística.

É comum, ao nos depararmos com o termo decolonização, cometermos o engano de enxergar as práticas coloniais como tendo acontecido em nosso passado histórico. O líder indígena Krenak (2020, p. 9) argumenta sobre essa armadilha: "Nós costumamos debater a colonização numa perspectiva pós-colonial. A colonização é, é aqui e agora. Pensar que nós estamos discutindo as práticas coloniais como alguma coisa pretérita, que já foi e agora nós só estamos limpando, é uma brincadeira". Essa afirmação é importantíssima para uma compreensão acerca do caráter atual de atos e discursos coloniais, sob a forma de consumo, ao sermos bombardeados com publicidades de mercadorias importadas por indústrias americanas ou europeias, o

que nos leva a um processo neocolonial ao adquirir mercadorias provindas ou inspiradas por esses locais. Ela acontece, ainda, através das línguas estrangeiras mais valorizadas, em sua maioria com origens europeias, com exceção do mandarim, que ganha significância com o expressivo desenvolvimento da China como potência econômica.

Ademais, essa colonização de costumes e estilos de vida pode se dar por meio de filmes ou seriados exportados, em sua maioria, de países hegemônicos e eurocêntricos. Os exemplos são infindáveis e podem ser encontrados em diversos setores da sociedade, sendo os mais importantes os da educação, ao importarmos modelos ou práticas de ensino, e o do consumo, que se reflete em estilos de vida ou práticas culturais. Faz-se essencial percebermos que os resquícios do processo colonizatório não se encontram somente em uma vontade de nós, colonizados, nos parecermos com eles, colonizadores, ou, como descrito por Freire (2015) em uma relação entre oprimidos e opressores, mas também é uma neocolonização (MOITA LOPES, 2008) ativa que permanece atuante em nossa sociedade pós-moderna.

O que se pode constatar atualmente seria uma nova forma de colonialismo, pois é inegável o impacto colonizador e homogeneizante dos processos globalizatórios, quando esses disseminam pelo mundo práticas culturais diversas provenientes de países hegemônicos, tais quais os Estados Unidos, contribuindo para a já discutida americanização do mundo. Há um processo de homogeneização que acompanha a globalização, no qual se colonizam identidades e ideologias ao se promover os mesmos hábitos, como os de consumo, por exemplo.

As teorias pós-coloniais (Said 1983; Bhabha 1994; Spivak 1995; Gandhi 2006) tem desde então eloquentemente nos mostrado, em diversos termos, a estratégia colonial de conter a diferença do Outro colonizado, ao reduzi-la a mesmice do eu colonizador, processo através do qual ela pode ser lida como comparativamente deficiente ou inferior, sempre, logicamente, nos termos das epistemologias dominantes do colonizador⁵⁸ (MENEZES DE SOUZA, 2012, p. 4).

Como aponta Menezes de Souza, a homogeneização da sociedade é, em si, um ato colonizatório, ao resultar em um apagamento de traços culturais locais, substituindo-os por outros semelhantes aos do sujeito eurocêntrico. Nessa dinâmica,

_

⁵⁸ No original: Postcolonial theories (Said 1983; Bhabha 1994; Spivak 1995; Gandhi 2006) have long since eloquently pointed out, in various terms, the colonial strategy of containing the difference of the colonized Other by reducing it to the sameness of the colonizing self whereby it could be read as comparatively deficient and inferior, always of course in the terms of the dominant epistemologies of the colonizer.

as diferenças entre os sujeitos são depreciadas, sendo sempre avaliadas do ponto de vista dominante, do colonizador.

Há, portanto, uma luta de poder iniciada com a chegada dos portugueses em solo brasileiro até a atualidade. Em seus estudos, Foucault (2005) postulava que as relações de poder são implementadas e perpetuadas através do discurso, pois é através da linguagem que hierarquias sociais são produzidas e reproduzidas. Para esse filósofo francês, o conhecimento ligado às relações de poder adquire uma força que o torna real. É por isso que podemos dizer que as palavras têm peso, principalmente quando provindas de locutores que ocupam posições de nível hierárquico superior, como políticos em cargos importantes ou diretores de empresas.

Em *Representations*, Hall (1997) traz as teorias de Foucault para discutir as relações de poder. Segundo análises dos escritos desse teórico francês: "O conhecimento ligado ao poder, não somente assume a autoridade da 'verdade', mas também tem o poder de se tornar verdade. Todo conhecimento, uma vez aplicado ao mundo real, tem efeitos reais, e nesse sentido, ao menos, 'se torna real'"⁵⁹ (HALL, 1997, p. 49). Em outras palavras, há uma materialização do conhecimento, ditado por relações de poder, em ações concretas, como pode ser o caso dos discursos colonialistas, oriundos dos conflitos hegemônicos datados dos processos colonizatórios, e com um legado que pode ser identificado em uma hierarquia ora implícita, ora manifesta, entre o que se produz desse e do outro lado da linha do Equador.

Como mencionado anteriormente, as marcas coloniais podem ser encontradas em diversas práticas e instituições, sendo as de ensino da língua inglesa uma delas. Há diversas agências que promovem modelos de ensino do inglês, que, ao invés de considerar as particularidades locais dos lugares onde os professores irão atuar, empregam mundialmente uma metodologia baseada em um formato de ensino considerado eficaz. Já o que se considera eficaz e apropriado é desenvolvido em países hegemônicos e detentores de poder simbólico, como o Reino Unido, e, portanto, porta-vozes de verdades reproduzidas como universais. É o que pode ser observado com o CELTA, certificado fornecido pela *Cambridge English Language Assessment*, atualmente uma das certificações para professores de inglês mais

-

⁵⁹ No original: Knowledge linked to power, not only assumes the authority of 'the truth' but has the power to make itself true. All knowledge, once applied in the real world, has real effects, and in that sense at least 'becomes real'.

reconhecidas e aceitas ao redor do globo, e que foi popularizado na década de 70 com a comercialização do ensino do inglês. Obviamente, não se pode negar que tais metodologias são eficazes e fornecem diversas ferramentas úteis para a aprendizagem dessa língua por falantes não nativos. Porém, são veículos de uma visão homogeneizadora tanto da língua quanto das culturas e dos falantes de LI. Além de não considerar as culturas locais dos aprendizes, tratando a cultura associada à língua inglesa como universal, tal abordagem contém discursos que acabam por "moldar outros de acordo com discursos dominantes de normatividade⁶⁰" (GRAY; BLOCK; 2012, p. 138).

A formação do CELTA tem curta duração – de em torno de 120 horas – e é oferecida em larga escala globalmente. Seu caráter curto é um dos fatores que contribuem para a falta de espaço para discussões críticas sobre o seu objeto de ensino, sobre as culturas locais de onde ele será ensinado e sobre a subjetividade de seus alunos. Por essa razão, seus métodos podem ser considerados tecnicistas, o que Freire (2017) caracterizou como uma educação bancária, ou conteudista, que não visa a formar sujeitos críticos. A língua é tratada segundo uma perspectiva neoliberal, isto é, como uma ferramenta a ser adquirida para, na maior parte das vezes, atingir um futuro sucesso profissional. O CELTA fornece técnicas de ensino engessadas e homogeneizantes, compatíveis com os processos sócio-históricos associados à globalização.

O CELTA também pode ser visto como um sistema McDonaldizado designado para produzir professores capazes de usar ferramentas básicas do ramo, tais quais livros didáticos, de maneiras eficientes, calculáveis e previsíveis, e que garantam o fornecimento de um produto padronizado no mercado educacional. Em muitos casos, como Pennycook (1994) apontou, praticantes de uma teoria reflexiva não são, de maneira alguma, o que esse setor requer. A requisição é mais frequentemente de prestadores de sérvios, capazes de fornecer competências da língua para consumidores pagantes (GRAY; BLOCK, 2012, p. 141)⁶¹.

Ao se propor a fornecer uma formação tecnicista de professores, o CELTA acaba por se tornar uma mercadoria no mercado neoliberal, pois oferece um modelo rápido de preparo para o mercado de trabalho. Por ter esse formato, reproduz

⁶⁰ No original: [...] shaping others according to dominant discourses of normativity.

⁶¹ No original: Thus, the CELTA too can be seen as a McDonaldised system designed to produce teachers capable of using basic tools of the trade such as textbooks in ways which are efficient, calculable and predictable and which guarantee the delivery of a standardized product into the educational marketplace. In many cases, as Pennycook (1994) has pointed out, reflective theorizing practitioners are not at all what this sector requires. The requirement is more frequently for service providers, capable of delivering language skills to fee-paying costumers. (GRAY; BLOCK, 2012, p. 141)

discursos universalizantes e normativos, que são, por isso, passivos diante à diversidade cultural. Como já foi tratado, com a frase de Elie Wiesel, discursos que se autoproclamam neutros ou, nesse caso, universais, acabam por favorecer discursos dominantes. Nessa dinâmica, a visão de educação linguística é reduzida à função de professores como provedores de serviço, que contribuem, assim, para a perpetuação de dinâmicas de poder, em que há uma normatividade cultural, enquanto outras manifestações, falares ou viveres são relegados ao silêncio. Desconsidera-se a subjetividade de falantes de língua inglesa, assim como aquela dos professores ou alunos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Em relação ao nosso contexto, um professor formado por cursos que não questionam formas normativas de ensino acaba por não problematizar os discursos hegemônicos e homogeneizantes ali reproduzidos. Muitas das vezes, a cultura desse local é entendida, mesmo que implicitamente, como superior, e, por isso, não é contestada. Se remetermo-nos aos escritos de Freire, em *Pedagogia do Oprimido*, no qual ele discute as dinâmicas de opressores e oprimidos por ele ali descritos, poderemos traçar semelhanças entre essa dinâmica e a maneira com a qual nós, brasileiros, nos relacionamos com essa língua hegemônica.

Uma formação crítica de alunos e professores em relação à língua inglesa pode ser incômoda, ao descobrirmos que nos relacionamos com esse idioma por meio de relações de poder. Isso acontece, entre outros motivos, pois há uma vontade de ascensão social e econômica, que se acredita ser possível ocorrer ao nos aproximarmos desse Outro, ao adquirir sua língua e assimilar sua cultura. Já ao olharmos para esse processo com olhos decolonizados, podemos romper com esse ciclo, pois já não mais seremos sujeitos dessas relações entre hegemônicos e subalternos.

Freire (2015) descreve o processo, muitas vezes doloroso, em que se encontra o oprimido, pois para nós, brasileiros, perceber as relações de opressores e oprimidos, ou subalternos e hegemônicos, envolve reconhecer que se está inserido em um lugar desprivilegiado no mercado das trocas culturais globais. Nos discursos publicitários de escolas que promovem ou prometem ao seu cliente/ aluno falar um inglês nativo, encontra-se a vontade daquele que se posiciona em um lugar de inferioridade de "aceder" à posição daquele que o subjuga, contudo, a quem gostaria de se equiparar.

Frantz Fanon, ao discorrer sobre povos colonizados, traz a ideia de que se aproximar dos povos colonizadores significa sair da posição de subalterno.

Todo povo colonizado – isto é, todo povo em cujo seio se originou um complexo de inferioridade em decorrência do sepultamento da originalidade cultura local – se vê confrontado com a linguagem da nação civilizadora, quer dizer, da cultura metropolitana. O colonizado tanto mais se evadirá da própria selva quanto mais adotar os valores culturais da metrópole (FANON, 2020, p. 32).

Essa fala dialoga muito proximamente com as falas de Paulo Freire acerca do desejo do oprimido de ocupar o lugar do opressor. Passar por um processo de apagamento de traços culturais locais e substituí-los por outros inspirados naquele que oprime, na figura do colonizador, simbolicamente significa uma ascensão a um lugar mais elevado. Para Freire (2015), somente após uma educação libertadora, que descortine esse desejo de ser esse Outro hegemônico, é que podemos nos desvencilhar dessa dinâmica, fruto de relações de poder.

O grande problema está em como poderão os oprimidos, que "hospedam" o opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. Somente na medida em que se descubram "hospedeiros" do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora (FREIRE, 2015, p. 32).

Em uma pesquisa rápida na internet usando as palavras "fale inglês nativo", é possível encontrar diversos anúncios de escolas ou de professores particulares que prometem o aprendizado desse inglês. Dentre esses resultados, há diversas imagens que podem ser exploradas para desconstruir um discurso colonizado em que o estudante é posto em um lugar de possível ascensão cultural e econômica por meio desse aprendizado. Cabe aí um questionamento sobre o fato de nós, latino-americanos, como mostrado na imagem 3, estarmos tão marcados pelo processo colonizatório que aconteceu nas Américas central e do Sul, que não nos damos conta de representações que simbolizam nitidamente uma ideologia de colonizadores e colonizados.

Outra possível indagação é sobre o *lócus* desse aprendiz; será que em países europeus ou asiáticos de maior poder econômico uma propaganda de escola de inglês usaria o mesmo discurso ideológico para atrair novos alunos? Em outras palavras, na Espanha ou Itália quem aprende inglês quer soar como um nativo? Minha experiência pessoal diz que não. Ao fazer um intercâmbio e morar em Londres por um ano e meio, conheci pessoas desses países que, mesmo depois de anos vivendo na capital inglesa, ainda mantinham seu sotaque originário, a meu ver, como uma maneira de afirmar sua identidade nacional, devido a um orgulho de suas origens e de sua história.

Não havia nesses casos um desejo em ocupar o lugar desse falante nativo, mas, sim, de aprender a língua dele como uma forma de acumulação de capital cultural, o que proporcionaria maior facilidade de circulação em dinâmicas globais. Ou seja, há uma ideia similar influenciada por um discurso capitalista ou neoliberal, em que se criam oportunidades profissionais através da aprendizagem desse idioma. No entanto, não há um desejo de ocupar o lugar desse falante nativo, pelo fato de que as relações de subalternidade — no caso do Brasil, originadas em um processo histórico de colonização — são menos significativas.

Em *Epistemologias do Sul*, Sousa Santos (2007) trata das linhas abissais que dividem extremos, por ele representados como o norte e o sul, sendo o norte aquele que domina, e o sul aquele que é dominado através de processos hegemônicos sócio históricos. Há divisões que podem ser encontradas nos mais diversos locais, como na própria Europa, por nós entendida como o norte dominante. Dentro desse continente, Portugal – nosso colonizador histórico – pertence a um local que pode ser entendido como subalterno em relação à Escandinávia ou ao Reino Unido, por exemplo. Essa divisão não é centralizada em questões financeiras, já que esse país é considerado desenvolvido, mas, sim, em sentimentos de superioridade racial. É possível encontrar em textos literários, como os da Agatha Christie, falas que indicavam preconceito em relação a pessoas vindas de países culturalmente inferiores, como a Itália⁶². Em tais textos, esse estrangeiro é visto como exótico e descrito de forma pejorativa, através do olhar das personagens do livro.

As diferentes formas de se relacionar com a língua inglesa são frutos de um processo histórico em que perspectivas ideológicas são formadas nos dois extremos dessa linha abissal. Como relatado anteriormente, mesmo dentro de um mesmo território, há limites simbólicos que separam aqueles com maior capital cultural, econômico ou social. Ou seja, que segregam os mais e menos providos do que é considerado capital simbólico por aquele povo ou cultura. Seguindo essa lógica, as linhas abissais são infindáveis e podem ser encontradas em diversas sociedades e comunidades, já que uma das formas de estruturação social se baseia em relações de poder.

Dentro de territórios considerados por muitos locais como dominantes, caso do Reino Unido, há demarcações linguísticas que conferem maior capital linguístico aos

⁶² É possível observar marcas de um preconceito xenofóbico a partir de como a viajante italiana é descrita pelas personagens do livro *A Extravagância do Morto*, publicado em 1956.

falantes do chamado *standard English*, *Queen's English* ou *BBC English*. Em relação a esses falares, o inglês *cockney* é disposto do lado inferior da linha abissal. No entanto, tais divisões não são discutidas em cursos de inglês ou sequer retratadas, muito menos criticamente, em livros didáticos produzidos pelas maiores editoras internacionais ou nacionais do ramo. Sabe-se que tais publicações são muito lucrativas, assim como o fluxo de alunos que vão a esses locais para aprender o idioma. Esse fator econômico pode ser um dos entraves para uma representação crítica das culturas presentes no Reino Unido feita por esses livros didáticos, pois visase ao ganho financeiro antes da construção de perspectivas plurais acerca da língua inglesa.

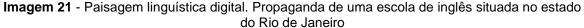
Críticas às práticas de ensino que utilizam o falante nativo como o modelo a ser seguido seriam de que esse falante nativo não existe. Assim como não há uniformidade entre os falantes não nativos, essa não existe entre aqueles considerados nativos: "Os falantes nativos e não nativos são vistos de forma simplista e homogênea pela maior parte das pesquisas em ASL [aquisição de segunda língua], como se houvesse distinções claras ou uniformidade entre eles" (HEMPHILL; BLAKELY, 2019, p. 222). Essa representação homogênea representa uma violência simbólica não somente aos falantes de outras línguas e culturas, mas também àqueles falantes do inglês que não compartilham dos usos linguísticos e dos hábitos culturais exportados como sendo representativos da cultura de língua inglesa, essa, por sua vez, idealizada sob uma perspectiva homogeneizadora, de uma única língua e uma única cultura. Tal violência simbólica faz com que práticas não pertencentes àquelas consideradas padrões sejam descartadas, resultando no apagamento cultural de outros tantos povos que coabitam o mesmo espaço do falante nativo "modelo".

Em nosso contexto local, escolas de inglês promovem-se ao anunciar o ensino de um inglês nativo, sem que se faça uma problematização de que inglês é esse. Em uma busca rápida no *Google* por "inglês nativo" é possível encontrar diversos professores e escolas que associam esse discurso ao seu produto. Na imagem 21, retirada da *web*, pode-se observar o discurso neoliberal que relaciona o inglês a oportunidades futuras ligadas à acumulação de capital. Relacionam-se aí dois

⁶³ No original: *Native and non-native speakers are viewed simplistically and homogeneously in most SLA research, as if there were clear-cut distinctions and uniformity among them* (HEMPHILL; BLAKELY, 2019, p. 222).

capitais, o econômico e o linguístico, sendo que o segundo, de acordo com essa visão, irá possibilitar a acumulação do primeiro.

Além disso, vende-se o inglês nativo, ou seja, aquele que, segundo os preceitos desse lugar de enunciação, é legítimo, ou detentor de maior concentração de capital cultural. Ao analisar os elementos nessa imagem, deduz-se que, devido à escolha de uma águia para o logo da escola, o inglês nativo oferecido é o americano. De acordo com os resultados dessa busca no Google, os ingleses nativos são associados, quase majoritariamente, ao britânico ou ao americano.





Fonte: https://www.facebook.com/seuinglesnativo/posts/203015387860478.

Para melhor contextualizar esse anúncio, fiz uma pesquisa desse local e encontrei a página do Facebook dessa escola⁶⁴, localizada em Rezende, cidade carioca de aproximadamente 132.000 habitantes e próxima ao estado de São Paulo. A pessoa da imagem é o proprietário, fundador e professor da escola. Ao analisar o que sua imagem representa, temos um homem branco, ou seja, ao considerar a representação racial nos contextos brasileiros, ele posiciona-se em um local de um sujeito hegemônico, paralelamente às perspectivas em torno do inglês ensinado.

Endereço da página do Facebook da escola Seu Inglês Nativo: https://www.facebook.com/seuinglesnativo/posts/203015387860478, último acesso em 23 de outubro de 2020.

Como dito anteriormente, se nos remetermos ao texto de Freire (2015), podemos traçar um paralelo com a relação de oprimidos e opressores, neste caso, havendo um desejo de se tornar esse sujeito dominante. A falta de criticidade do olhar leva a um perpetuamento desse lugar do colonizado, ao não se libertar das relações de poder que o circundam. Sem uma contestação das posições em que os sujeitos se encontram na dinâmica entre nós e este Outro, falante nativo homogeneizado e idealizado, uma atitude menos submissa em relação a essas culturas e mais reconhecedora da riqueza de traços culturais locais não será desenvolvida.

Para muitos dos indivíduos portadores de uma postura submissa em relação ao estrangeiro, oriundo de países hegemônicos, enriquecer-se culturalmente significa se apropriar de traços culturais desses locais. É o que pode ser observado com a adoção de celebrações culturais, como o *Halloween*, por muitas escolas, condomínios ou estabelecimentos comerciais localizados na cidade de São Paulo.

Freire (2015, p. 68) afirma que:

Há, por um lado, em certo momento da experiência existencial dos oprimidos, uma irresistível atração pelo opressor. Pelos seus modos de vida. Participar destes padrões constitui uma incontida aspiração. Na sua alienação querem, a todo custo, parecer com o opressor. Imitá-lo. Segui-lo.

De acordo com o paralelo que estou traçando, o opressor seria esse Outro, falante nativo hegemônico. Porém, essa opressão é simbólica e acontece em níveis socioculturais, quando esse direciona um olhar depreciativo ou desdenhoso a práticas culturais de locais pertencentes ao lado inferior das linhas abissais.

No caso da maneira como nos relacionamos com a língua inglesa, acredito ser importante, como professores, questionarmos as formas de representação simbólica que ela tem. Essa relação de subjugação pode começar a ser desconstruída ao trazermos para a sala de aula um olhar crítico em relação a essas culturas dominantes, como ao trazermos dados ou estatísticas que mostrem os problemas sociais por eles vividos, tais quais desemprego, alcoolismo, racismo, entre outros. Tais características não são comumente abordadas pela indústria de filmes *mainstream*, que, como a dos livros didáticos, lucra com a construção e divulgação de uma sociedade homogênea em termos de classes sociais e inclusiva cultural e racialmente. A maior parte da produção cinematográfica de filmes de maior captação de público não fomenta um olhar problematizador em relação às culturas americana ou britânica.

As críticas sociais são feitas por cineastas pertencentes ao que conhecemos como cinema cult, tais quais Ken Loach, Stanley Kubrick, Mike Leigh⁶⁵, entre outros. Essa seria uma possibilidade de abordagem de questões sociais em um contexto de educação linguística crítica, em uma sala de aula de língua inglesa. Contudo, neste trabalho, iremos nos concentrar em como trabalhar com as paisagens urbanas com a mesma finalidade de questionar a imagem construída e propagada por grandes indústrias do ramo da comunicação ou da educação.

Em A Economia das Trocas Linguísticas, Bourdieu (2008) trata da linguagem e do capital linguístico existente em determinadas formas de falar uma língua. Dentro da linguística, muito já foi discutido sobre o preconceito linguístico (BAGNO, 2004) e sobre como o falar corretamente, seguindo as convenções da gramática normativa, é um símbolo de pertencimento a uma determinada classe social - aquela que teve acesso à educação superior. Bourdieu traz outra perspectiva sociológica para a prática milenar da manutenção de classes sociais. Afirma que através do capital linguístico, do falar corretamente, pode-se excluir indivíduos e manter uma distinção social. Segundo o autor, há diversas formas de se assegurar a manutenção social, sendo o falar, apenas uma delas.

> A competência dominante opera como um capital linguístico capaz de assegurar um lucro de distinção em sua relação com as demais competências, contanto que sejam continuamente preenchidas as condições necessárias (entre as quais, a unificação do mercado e a distribuição desigual das oportunidades de acesso aos instrumentos de produção da competência legítima e aos lugares de expressão legítimos) [...] (BOURDIEU, 2008, p. 44).

A fala, ou o capital linguístico, adquirido através da escolarização, é usado para segregar pessoas de classes sociais distintas. Para isso, é necessário que a oferta desse ensino seja desigual. No já discutido movimento de manutenção de classes, é necessário que se mantenha uma diferença no acesso a alguns bens, como o da propriedade privada, hospitais públicos ou de um ensino de qualidade. No Brasil, há um processo que vem acontecendo há décadas, e que tem atualmente o seu cume⁶⁶,

o romantismo de produções de outros diretores, autores de obras de característica mais comercial. ⁶⁶ Matéria do *website* Rede Brasil Atual de 12 de agosto de 2020: Bolsonaro propõe corte na educação neutraliza ganhos do novo https://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2020/08/bolsonaro-corte-educacao/, último acesso em

01 de novembro de 2020.

⁶⁵ Ken Loach produziu os filmes *Eu. Daniel Blake*; *Você não estava agui*; entre outros com um cunho de crítica social. Já Stanley Kubrick é autor de obras problematizadoras de questões sociais, tais quais Laranja Mecânica e Nascido para Matar, entre outras. Por fim, Mike Leigh é diretor de filmes como O Segrego de Vera Drake, em que questões sobre a divisão de classes no Reino Unido é retratada sem

da falta de investimento público na educação básica, o que gera uma má remuneração dos professores, falta de recursos físicos das escolas, como o oferecimento de computadores ou livros e, por conseguinte, contribuem para a evasão escolar de alunos da rede pública. As diferenças entre os ensinos público e privado na educação básica geram abismos entre o desempenho escolar em exames como o Enem, no qual proporcionalmente as maiores notas são atribuídas a alunos da rede privada de ensino. Uma das consequências da qualidade do ensino básico ofertado se reflete, portanto, no acesso às universidades públicas. Por esse motivo, em uma das faculdades públicas de maior prestígio do Brasil, a Universidade de São Paulo, verificou-se que em 2016 a média de alunos provenientes de escolas públicas foi de 33,6%⁶⁷.

Outro fator importante, responsável pela evasão escolar, é a falta de representatividade da cultura afro-brasileira e a falta de enfoque na história e cultura africana em livros didáticos ou no currículo pedagógicos de escolas tanto particulares quanto públicas. Como consequência, não se desenvolve um senso de pertencimento em muitos alunos, especialmente da rede pública. Citando Ana Lúcia Souza, Pessoa diz:

Há diversas razões pelas quais há uma grande disparidade em relação aos anos de escola entre negros e brancos no Brasil, algumas delas são: as diferenças no tratamento e na distribuição de afetos a crianças negras e brancas; uma falta de materiais pedagógicos que falem positivamente sobre os afro-brasileiros e sobre a cultura e história africana; pouca importância dada a conflitos que envolvam apelidos e piadas; e até o silenciamento ou medo das nomeações de negro ou preto, o que é um drama na vida escolar (SOUZA apud PESSOA, 2014, p. 359).⁶⁸

O racismo estrutural (ALMEIDA, 2019) reflete-se na porcentagem de alunos negros em escolas particulares, devido à porcentagem de negros que podem ser considerados como pertencentes à classe média. De acordo com Almeida (2019, p. 114): "Não existe "consciência de classe" sem consciência do problema racial. Historicamente, o racismo foi e ainda é um fator de divisão não apenas entre as classes, mas também no interior das classes", sendo assim, as questões de racismo,

⁶⁸ No original: There are many reasons why there is a great disparity in relation to years of schooling between blacks and whites in Brazil, some of which are: difference in treatment and affection distribution towards black and white children; shortage of pedagogical materials that address positively the Afro-Brazilian and African History and Culture; little importance given to conflicts that involves nicknames and jokes; and even the silencing or fear of the name black (negro ou preto), which is a drama in school life (PESSOA, 2014, p. 359).

https://jornal.usp.br/especial/presenca-de-alunos-de-escola-publica-nas-unidades-e-desigual/ último acesso em 1 de novembro de 2020.

classe social e o percentual de alunos negros tanto em universidades públicas quanto particulares estão interligadas.

Se, por um lado, há diversos centros de discussões sobre como re-existir em uma sociedade estruturalmente racista, classista e misógina, por outro, há uma onda conservadora que visa a manter o *status quo* desses grupos. O incômodo gerado pela filha da empegada doméstica no filme *Que Horas Ela Volta*, de Anna Muylaert, pode ilustrar a dinâmica de manutenção de classes através do ensino.

No longa-metragem de 2015, há um conflito entre classes sociais. O fato da filha de Val, a empregada, ter tido acesso a uma educação de qualidade lhe possibilita passar em uma universidade pública de prestígio, o que não ocorre com o filho da família burguesa onde Val trabalha. Uma das consequências do desconforto gerado pela democratização do acesso ao ensino é a onda de extrema direita vivida por muitos países do mundo, entre eles o Brasil, onde uma fatia da população visa, entre outras coisas, a manter o *status quo* da distinção de classes.



Fonte: https://br.pinterest.com/pin/579134833318236484/

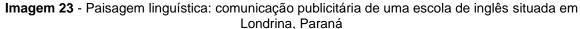
A imagem 22 expressa o conflito entre classes, por meio de uma conversa entre Val, a empregada doméstica, e sua filha, Jéssica, sobre a relação desta com a família empregadora. Percebe-se que o sentimento de igualdade da filha foi interpretado como uma postura de superioridade por Val, pois, de acordo com as dinâmicas sociais de classe, resquícios do colonialismo, Jéssica deveria ser submissa aos patrões de sua mãe. Tal diálogo mostra que há posições sociais marcadas e que as mover é um conflito constante e desagradável a muitos dos membros das classes sociais mais abastadas, ou aos nativos de países hegemônicos em relação aos países economicamente inferiores. Há, portanto, uma relação de poder, em que os dominantes lutam pela manutenção de sua posição, enquanto os dominados, no caso de Jéssica, agem para desestabilizar as posições pré-estabelecidas.

A linguagem, como apontou Bourdieu (2008), é uma das formas de manutenção de classes, através da distribuição desigual de oportunidades de ensino, por exemplo. Dentro da nossa sociedade, encontram-se diversas escolas que oferecem um currículo autodenominado bilíngue, prática que se consolidou, devido à grande procura de pais por uma educação que oferecesse a língua inglesa a seus filhos desde uma tenra idade (GARCIA, 2011). Esse movimento pode ser explicado pela influência do modelo neoliberal, em que o objetivo principal do sujeito é o acúmulo de capital, já que falar inglês significa a possibilidade de ascensão econômica ou de manutenção de classe social. Dentro dessa dinâmica, a língua inglesa configura como um capital linguístico e, assim como a gramática normativa, pode ser usada para a manutenção do *status quo* de classes sociais.

Ao associar a contemporaneidade ao nosso passado colonial, podemos observar resquícios do pensamento colonial, que confere à língua inglesa um *status*, ou capital linguístico elevado, já que esta é proveniente do norte global. Tal associação gera diferentes consequências, uma delas, como descrito acima, pode ser encontrada em escolas que passam a oferecer uma carga horária ampliada de ensino da língua inglesa, para que assim assegurem uma vantagem nos mercados econômicos neoliberais, proveniente do capital linguístico que é falar inglês. A mesma lógica neoliberal pode ser observada em comunicações publicitárias de escolas de inglês a um público-alvo adulto. Nelas, explora-se o desejo de progredir economicamente em um contexto neoliberal, por meio da aquisição desse capital linguístico.

Como é possível observar na imagem abaixo, uma escola de inglês traz em sua comunicação publicitária a ideia de uma aquisição de "força", ao aprender-se inglês. Podemos interpretar essa imagem, ao associar a noção de força com o capital linguístico que o falar inglês pode significar. Nesse caso, um falante dessa língua

torna-se mais qualificado, portanto, mais competitivo em um mercado de trabalho neoliberal.





Fonte: https://marcelobaldi.com.br/cliente/48/cultural-ingles-e-espanhol

Para melhor contextualizar essa paisagem linguística, realizei uma busca na internet. De acordo com o *website* do local⁶⁹, constatei que se trata de uma escola situada no centro de Londrina, Paraná. Ao navegar no *site*, observei que as primeiras imagens ali contidas contêm homens, sendo que somente um deles possui traços que podem ser associados a afro-descendentes. As imagens em sequência mostram um número balanceado entre homens e mulheres, porém, pode-se observar uma falta de representatividade racial, pois a maior parte são de indivíduos brancos. Não é possível encontrar ninguém com traços indígenas ou asiáticos. Portanto, como é possivel verificar na imagem 23, há maior presença de homens brancos nas comunicações visuais do local.

Nessa paisagem linguística, o aprendizado do inglês não é abordado como um ganho cultural, em que se abrem novos horizontes de ideias ou de interações entre pessoas, possibilitados por falar uma língua em que muitas das informações são publicadas, ou muitos dos encontros entre pessoas de nacionalidades distintas acontecem. Ou seja, não se explora nessa publicidade uma ampliação de horizontes

⁶⁹ Endereço eletrônico: https://www.culturalweb.com.br/, último acesso em 23 de outubro de 2020.

identitários, além do desenvolvimento da agência que falar inglês pode proporcionar, já que permite um acesso mais amplo de publicações, comunicações jornalísticas etc., trazendo ao sujeito uma amplitude de fontes de conhecimento. De maneira reducionista, esse *outdoor* relaciona o inglês a um possível ganho financeiro, além de uma acenção de *status* dentro de uma sociedade neoliberal.

Como pode-se perceber na imagem 24, há a presença de um dialogismo (BAKHTIN, 1999) entre a ação do homem na publicidade e aquela do Super-homem, que, ao ser requisitado para solucionar algum conflito, abria seu disfarce de cidadão comum e mostrava sua roupa de super-herói. Acredito que podemos interpretar a propaganda da escola como um comunicado ao seu público de que o inglês irá revelar um "eu" mais poderoso, superior.

Imagem 24 - Relação dialógica entre o personagem de quadrinhos, Super-homem, e a pessoa representada na comunicação publicitária da escola Cultural



Fonte: https://www.supermanhomepage.com/mild-mannered-reviews-action-comics-961/

Outro aspecto que pode ser observado e que fica mais explícito por meio da comparação entre as imagens acima é o corpo representado nessa paisagem linguística. Assim, como pudemos constatar na imagem 23, optou-se por utilizar o corpo de um homem branco, como o Clark Kent, vulgo Super-homem. Novamente, utiliza-se um indivíduo que ocupa um lugar hegemônico, tanto por seu gênero, quanto por sua *ubicación social* e por sua cor, para anunciar um produto hegemônico, a língua inglesa. Ademais, como pode-se verificar por meio da bandeira dos Estados Unidos, a língua inglesa anunciada é aquela estado-unidense, ou seja, de mais uma perspectiva dominante, em relação aos outros ingleses encontrados mundialmente. Portanto, perpetuam-se discursos dominantes em relação a diversos aspectos

diferentes, o que não contribui para o agenciamento ou para o desenvolvimento de um olhar crítico dos alunos.

Por fim, é possível analisar os símbolos contidos em ambas as camisetas reveladas ao se abrir o terno ou a jaqueta. Na foto à esquerda, há o uniforme do Superhomem, que nos remete a ideias de força, poder, além de superioridade, devido aos seus superpoderes. Já na imagem à direita, a camiseta mostra a bandeira americana, cuja simbologia que se deseja associar são as mesmas daquelas da roupa do Superhomem. Há, então, uma analogia entre os superpoderes e o aprendizado de um inglês hegemônico.

Se remetermos essa discussão à atuação do professor de inglês, podemos refletir acerca da falta de representatividade em discursos publicitários de escolas de inglês, como nas imagens 21 e 23. Neles, não se encontram pessoas negras, indígenas ou falantes de inglês de outras nacionalidades. Logo, há uma transmissão de simbologias já assimiladas e que não contribuem para que o aluno brasileiro saia de sua posição de dominado, oprimido, ou habitante do lado inferior dessa linha abissal.

Como ajudar a questionar tais paradigmas em uma formação de professores de inglês com o objetivo de que esses trabalhem para uma educação linguística crítica? Se o intuito é promover a agência dos alunos, bem como proporcionar uma forma diferente de se relacionar com a língua inglesa, devemos nos atentar a como a língua inglesa como produto neoliberal é representada pelos tantos dizeres ao nosso redor.

Ao relatar sua experiência em um contexto de ensino indígena em *Engaging the Global by Resituating the Local*, Menezes de Souza (2011) traz um novo entendimento para a relação de apropriação de outra cultura, sob uma perspectiva indígena. Ele relata a forma como certa população ameríndia se relacionava com a cultura do sujeito colonizador – neste caso, do educador falante de português – quando os alunos optam por serem educados somente na língua portuguesa. Ao contrário do que se poderia imaginar, isso não aconteceu devido a uma submissão a essa língua, tal ato baseava-se em uma visão de enriquecimento cultural por meio da aquisição de um novo conhecimento.

A partir dessa lógica, no entanto, a perspectiva e as qualidades do Outro poderoso podem ser vistas como desejáveis e não elimináveis (como ocorre com a lógica colonial de assimilação). Com a lógica da predação, o eu

(individual ou coletivo) é visto e constituído heterogeneamente pelas diferenças adquiridas do Outro. Desta forma, sente-se uma necessidade de aceder e possuir a perspectiva (logo, o conhecimento) desse Outro desejável e mais forte, sem permitir que o seu próprio eu seja capturado pela perspectiva desse Outro⁷⁰ (MENEZES DE SOUZA, 2012, p. 7).

Havia, portanto, a compreensão de um acréscimo de saberes ao se adquirir a linguagem de um Outro, o que não significa um ato de submissão, pois eles eram enriquecidos por uma nova perspectiva sem perder as próprias perspectivas culturais e conceituais (MENEZES DE SOUZA, 2012). Portanto, contrariamente a uma das interpretações possíveis em relação a essa recepção da língua portuguesa pelos indígenas, havia ali uma ampliação dos saberes, por meio de uma abertura à perspectiva do Outro, sem que houvesse um assujeitamento desses povos.

Uma prática de ensino decolonial pode se valer de princípios similares aos relatados por Menezes de Souza (2012), para promover o aprendizado da cultura e da língua inglesa como uma forma de enriquecimento pessoal, sem que se subjuguem a essas culturas estrangeiras. Há, assim, uma transformação do conhecimento e não uma substituição dele, além de um enriquecimento individual e coletivo ao praticar-se a abertura ao Outro, aquele diferente de si.

Portanto, uma maneira decolonial de se ensinar ou de se aprender inglês seria a partir da compreensão de que o conhecimento auxiliará na amplitude de pontos de vista. Nesse caso, os aprendizes buscam amplificar seu repertório de conhecimentos. O sentido de alteridade e o entendimento das dinâmicas culturais globais podem ser mais bem compreendidos se apresentam-se visões de mundo que sejam distintas às desses alunos. Ademais, em nossa sociedade globalizada, as identidades são cada vezes mais híbridas ou líquidas (BAUMAN, 2005), logo, a transformação causada por trocas culturais ou um autoconhecimento por meio de um jogo das diferenças são dinâmicas da contemporaneidade.

Adotar uma pedagogia decolonial seria uma maneira de agir pelas rachaduras (WALSH, 2018) de um sistema educacional já estabelecido conforme os processos sócio-históricos e colonialidade já mencionados, com o intuito de desconstruir visões normativas e fundadas em eurocentrismos e colonialismos. Acredito que uma

⁷⁰ No original: In this logic, however, the perspective and qualities of a powerful Other may be seen to be desirable and not eliminable (as occurs in the colonial logic of assimilation). In the logic of predation, the self (individual and collective) is seen as constituted heterogeneously by differences acquired from the Other. As such, a need is felt to accede to and take possession of the perspective (hence the knowledge) of this desirable, stronger Other without allowing oneself to be captured by the perspective of the Other. (MENESES DE SOUZA, 2012, p. 7)

perspectiva decolonial de ensino implica trazer para as discussões de sala de aula outras vozes, comumente silenciadas pelo processo sócio-histórico de colonização, seguido pelo processo homogeneizante de globalização, tornando as relações entre indivíduos situados em diferentes partes do globo mais igualitária. A decolonialidade, nesse sentido, implica um "aprender a desaprender, com o intuito de re-aprender" (WALSH, 2018, p. 93), ou seja, desconstruir verdades impostas, criar novos olhares que possibilitem novas atitudes de estar no e com o mundo. Uma prática de ensino decolonial significa, ainda, como aponta Walsh (2018, p. 93):

[a] possibilidade de aprender novamente os múltiplos conhecimentos, pensamentos, experiências, existências, cosmovisões, dissidências e emoções que cruzam os sujeitos e as populações produtores de conhecimentos a partir de posições que os colocam como subalternos, explorados, oprimidos, etc. ⁷²

Incluir outros olhares e perspectivas de sujeitos não hegemônicos traz para o contexto de ensino de língua inglesa no Brasil uma representatividade de povos e culturas que não circulam na maioria dos livros didáticos. Contestar quem é esse falante nativo, bem como problematizar a maneira homogeneizante e uniforme com a qual ele é representado contribui com a pluralização dos discursos entorno da(s) língua(s) inglesa(s) e de suas culturas. Significa, ainda, um aprendizado em que não se substitui um conhecimento por um outro mais poderoso ou importante, mas, sim, em que se acumulam saberes (MENEZES DE SOUZA, 2012), fazendo com que os sujeitos possuam mais recursos pessoais para transitarem e se posicionarem de maneira crítica em um contexto global. Ademais, uma abordagem de ensino decolonial pode, através de contextualizações históricas, ajudá-los a entender os processos sócio-históricos que levaram a língua inglesa a outros continentes, quais eram as línguas locais desses lugares e como o inglês foi, progressivamente, tomando uma corporificação de dominação, através de lutas concretas ou simbólicas pelo poder.

De acordo com Pessoa (2014), um ensino crítico de línguas traz para as discussões em sala de aula questões associadas à raça, à classe e ao gênero. É importante que em um curso de formação de professores problematize "como a língua

⁷¹ No original: *learning to unlearn in order to relearn.*

⁷² No original: Decolonial pedagogies, in this sense, imply the possibility of re-knowing the multiple knowledges, thoughts, experiences, existences, cosmovisions, dissidences, and emotions that cross the subjects and populations that produce knowledges from positionalities that locate them as subalternized, exploited, oppressed, etc.

perpetua relações sociais desiguais" (PESSOA, 2014, p. 357)⁷³. A sala de aula não pode ser entendida como um local neutro, pois se a palavra e os sujeitos são formados e formadores de ideologias (BAKHTIN, 1999), também as perspectivas de ensino, originadas por discursos, são ideológicas e irão contribuir para uma determinada concepção de mundo.

O que se propõe aqui é a problematização das relações de poder, perpetuadas pela linguagem, e de como essas são refletidas nos usos cotidianos do inglês, pelas sociedades paulistana e brasileira, em geral. Sendo assim, um professor de inglês pode trazer para a sala de aula fotos de paisagens linguísticas que contêm esse idioma e formular perguntas aos seus alunos, futuros professores, tais quais: por que o inglês foi escolhido para ser utilizado na propaganda desse estabelecimento? Qual seria o efeito causado caso a publicidade tivesse utilizado somente o português? E somente o inglês? Que tipo de público quer atrair?

A partir dessas indagações, há diversas marcas ideológicas presentes nessas produções de publicidades, banners, *outdoors* etc., que podem ser exploradas para melhor entendermos como a nossa sociedade é estruturada, além de quais discursos hegemônicos podem ser aí identificados. Como diz Pessoa (2014, p. 357) "linguagem e sala de aula não podem ser compreendidas à parte das pessoas e da sociedade"⁷⁴, logo, não podemos ensinar o inglês sem refletirmos sobre o que essa língua representa em um contexto de globalização, em que o neoliberalismo influencia inclusive como esse processo de ensino acontece em diversos contextos educacionais.

Sabe-se que a mercantilização do inglês e de seu ensino são frutos desse contexto sócio-histórico. Como não podemos dissociar wsala de aula, sociedade e linguagem, procurar entender os discursos contemporâneos é uma maneira de abordar a língua em suas características fluidas e móveis (BAKHTIN, 1999). Sendo assim, as paisagens linguísticas podem oferecer um material enriquecedor para que abordemos a relação língua e sociedade. No que diz respeito à formação de professores de inglês, analisar esses usos pode contribuir para um sentido de agência por esses profissionais, que, ao refletirem acerca da impossibilidade de neutralidade na língua, podem atuar em direção a uma educação linguística crítica.

⁷³ No original: how language perpetuates inequitable social relations.

⁷⁴ No original: language and the classroom cannot be seen apart from people and society.

Um trabalho de letramentos visuais a partir de uma pedagogia decolonial (WALSH, 2018) pode envolver a observação dos alunos no que se refere ao modo como o inglês está presente nas paisagens linguísticas de seus bairros, ruas e cidades, bem como nas redes sociais nas quais eles navegam. Os alunos podem, igualmente, criar paisagens linguísticas digitais, ao utilizar aplicativos de produção e edição de imagens, para dialogar com o papel do inglês em nossa sociedade, o que pode ser seguido por uma discussão e interpretação em conjunto com os outros colegas. Esse trabalho de letramentos visuais, por meio de imagens como micropolíticas de resistência às epistemologias do norte global (MIGNOLO, 2000; FERRAZ; MIZAN, 2021) está no cerne desta proposta: revisitar um olhar marcado por colonialidades imposto também pelas imagens e paisagens linguísticas produzidas localmente.

Como mostrado anteriormente, há marcas de relação de poder, resultados de nosso passado colonial, em como o inglês é utilizado nas paisagens linguísticas. Por outro lado, há, também, produções que desestabilizam a hegemonia do inglês perante o português brasileiro, colocando-o em uma posição de maior equidade.

Nesse sentido, a página do Facebook e Instagram chamada Greengo Dictionary, como apresentado no primeiro capítulo desta dissertação, produz conteúdos que fazem esse movimento contrário, ao fazer comentários irônicos ou brincadeiras envolvendo a língua inglesa e o português. De acordo com o que pode ser lido na imagem 25, temos a manifestação de uma postura contrária à tradução de expressões de produtos culturais tipicamente brasileiros, neste caso, uma comida típica. Na publicação, questiona-se o motivo pelo qual devemos traduzir a palavra pão de queijo para cheesebread, se outros léxicos provindos de países hegemônicos como a França ou a Espanha são utilizados por nós em sua forma original. Há, portanto, uma valorização do que é produzido aqui, contestando um sentimento de subordinação linguística, neste caso, a línguas hegemônicas. Em um contexto de globalização, em que o inglês é a língua considerada oficial de comunicações internacionais, há um movimento de valorização da cultura local, frente a influências globais.

Imagem 25 - Paisagem linguística digital, retirada da página do Facebook, Greengo Dictionary

EM NOME DA INCONFIDÊNCIA MINEIRA LANÇO UM MOVIMENTO:

NÃO TRADUZA PÃO DE QUEIJO

CÊ TRADUZ PETIT GÂTEAU? E PAELLA?NUM É CHEESEBREAD! É PÃO DE QUEIJO!

OS GRINGOS QUE LUTEM!

RESPEITA MINAS GERAIS E A COZINHA DA TUA VÓ, SÔ!

#NAOTRADUZAPAODEQUEIJO

Fonte:

 $\label{lem:https://m.facebook.com/greengodictionary/photos/a.1057414557778415/1410405952479272/?type \\ = 3\&source = 57\&_tn_= EH-R$

A página, assim como a nossa sociedade contemporânea, é influenciada por moldes neoliberais, pois o número de seguidores de um determinado produtor de conteúdos digitais pode gerar patrocínios, o que irá gerar lucro financeiro. Pode-se, de fato, encontrar inúmeras "parcerias pagas", como é dito pelo *Instagram*, entre o *Greengo Dictionary* e marcas diversas como a Leroy Merlin, Cobasi, Yoki, entre outras. Portanto, apesar de ter um caráter questionador de reflexos de relações de poder que ocorrem por meio da linguagem, a página também se consolidou em um contexto neoliberal.

Dentre as simbologias de cunho crítico associadas ao inglês, há aquela do capitalismo selvagem, hoje denominado neoliberalismo. Paisagens urbanas, como grafites, podem trazer a ideia de que países falantes de inglês, como os Estados Unidos, têm uma ideologia do lucro, que pode ser encontrada em empresas multinacionais.

Na imagem 26, cuja foto foi tirada por mim em março de 2020, se trata de um grafite feito nos muros externos da ECA-USP (Escola de Comunicação e Artes, da Universidade de São Paulo), que observei em uma visita à biblioteca da faculdade. Devido ao local onde se encontra, pode-se deduzir que o grafite foi feito por alunos dessa faculdade, um dos maiores e mais importantes centros de formação acadêmica desse campo de estudos no país. Assim como em outras faculdades da USP, como a FFLCH, por exemplo, os professores universitários problematizam e questionam assuntos ligados à sua área de conhecimento. Portanto, acredita-se que os alunos, autores desse grafite, têm esse senso de criticidade em relação à sociedade neoliberal em que estão inseridos.

É possível observar na imagem duas pessoas; enquanto uma faz o desenho de um cifrão, a outra o elogia, dizendo que esse conseguiu transmitir os valores da empresa. Há a partir daí uma série de interpretações críticas que podem ser feitas. Primeiramente, o nome *Maike* evoca o idioma inglês e, possivelmente, a americanização da nossa cultura e das empresas e de suas filosofias de negócio. Em segundo lugar, um dos homens, que provavelmente é o chefe do que desenha, ao ver Maike desenhando um cifrão, diz que ele captou os valores da empresa. Portanto, temos a crítica de que em uma cultura americanizada as empresas globalizadas adotam o modelo neoliberal de empreendimento do lucro acima de qualquer coisa.



Imagem 26 - Paisagem linguística, grafite nos muros da ECA-USP

Fonte: imagem capturada pela pesquisadora, em março de 2020

Finalmente, pode-se interpretar a grafia abrasileirada e escrita propositalmente do nome *Mike* como um posicionamento crítico à hegemonia americana, pois optouse conscientemente por uma grafia errada ou abrasileirada desse nome próprio, o que denota uma valorização da língua e cultura locais. Nesse caso, o nome de origem inglesa é escrito como é pronunciado, porém, seguindo as normas de escrita do português, no qual não há palavras escritas com *i*, e pronunciadas com o som de *ai*. As hibridizações, já que se criam versões de palavras, que se situam entre a sonoridade do inglês e a grafia do português, podem ser formas de colocar as duas línguas em um mesmo patamar simbólico, o que configura como uma maneira de reexistência frente à soberania da onda de americanização da sociedade brasileira.

Acredito ser importante, depois das considerações feitas nos capítulos anteriores, perceber que há usos que não seguem a lógica do colonizado, colonizante, como os analisados previamente. Conhecer essas manifestações e refletir a respeito de seus sentidos pode contribuir para que se desconstrua a noção de que o inglês correto, se é que isso existe, é aquele do falante nativo, sobretudo americano ou britânico. Além disso, identificar a legitimidade de usos híbridos, como a grafia da palavra Maike, auxilia para que professores de inglês se conscientizem que práticas translíngues são parte do processo de aprendizagem, além de caraterísticas de hibridizações culturais, típicas da pós-modernidade (BAUMAN, 2005).

As ações retratadas na imagem 26 são resultado da interação entre o global e o local, que não configuram simplesmente a adoção de uma língua dominante, mas, como aponta Mignolo (2000, p. 39), podem ser interpretados como uma: "rearticulação e apropriação dos designs globais pelas e da perspectiva das histórias locais". Além disso, podem ser interpretadas como consequências da globalização na sociedade, já que as fronteiras se tornam porosas (MOITA LOPES, 2008) e as identidades "incertas e transitórias" (BAUMAN, 2005, p. 12). Ou seja, a pós-modernidade é caracterizada por um entrelaçar de práticas culturais e pessoas, que se refletem em ações cotidianas. No caso da linguagem, usos híbridos de língua distintas passam a ser recorrentes.

Os usos apresentados podem ser formas de agir de forma decolonial por meio da linguagem, o que pode gerar uma transformação social por meio de práticas linguísticas. Como aponta Moita Lopes:

[v]er a linguagem como performativa possibilita entender que estar no mundo social é um ato de operar com as línguas, discursos e culturas disponíveis no aqui e no agora para construí-lo, não somente com base em significados já dados, mas também com base naqueles que nós mesmos podemos gerar, à luz de quem somos ou podemos ser em nossas histórias locais, portanto, em nossas performances (MOITA LOPES, 2008, p. 326).

Ao considerar que agimos no mundo por meio da linguagem, temos que da mesma maneira que a linguagem pode ser utilizada como instrumento de colonização, outras práticas discursivas podem representar atos anticolonizatórios. Segundo ele, usos do inglês, tais quais os apresentados acima, podem caracterizar "lugares de recriação de uma anti-hegemonia" (MOITA LOPES, 2008, p. 333). Logo, neste caso, seria possível agir sob o global através de práticas linguísticas locais.

Há diversas maneiras não hegemônicas de se relacionar com a língua inglesa. Os usos retratados acima são performados por atores individuais — página do *Facebook* e alunos da USP. No entanto, políticas públicas adotadas por diversos países tentam diminuir a difusão do inglês em seus locais (MOITA LOPES, 2008). Pessoalmente, percebo tais iniciativas como sendo limitadas, pois o que observamos são práticas linguísticas espontâneas, que resultam tanto da globalização como de marcas do colonialismo, feitas por atores individuais ou estabelecimentos comerciais. A formulação de leis agiria como uma espécie de censura, que a longo prazo não deteria essas dinâmicas culturais.

Similarmente, não acredito que os usos da língua inglesa devem ser regulamentados. Minha perspectiva é que tais fluxos não podem ser controlados por políticas públicas, pois são um reflexo da fluidez da língua e das dinâmicas culturais contemporâneas. Contudo, a problematização desses usos é necessária para que eles não ocorram por meio de uma subordinação a essa língua e culturas hegemônicas. Sendo assim, o que os estudos decoloniais propõem corporificam uma abordagem eficaz de contestações sobre a estruturação colonial da sociedade por meio da linguagem.

Um dos desafios para nós, professores de inglês – língua hegemônica mercantilizada em um formato neoliberal por muitos de seus meios de distribuição e ensino, que por fins lucrativos e por falta de consciência sócio-histórica abordam esse idioma de forma acrítica e homogeneizante – seria atuar fora desses moldes presentes. Como foi problematizado anteriormente, a constatação de que nessa dinâmica há sujeitos a quem se associa maior ou menor valor, ou capital simbólico, pode ser um propulsor para que passemos a questionar certas formas de apresentar

essa língua ou essas culturas de língua inglesa. Se, por um lado, como latinoamericanos, descobrir-se sujeito não hegemônico pode resultar em um desejo de ocupar o lugar de um Outro oriundo do norte global simbólico; por outro, uma prática libertadora de ensino, que promova uma percepção crítica em relação às dinâmicas sócio-históricas coloniais, pode resultar em uma maneira outra de relacionar-se com os produtos, línguas ou culturas provenientes do norte global.

Uma maneira de promovermos temas como a diversidade de identidades encontradas em cada sociedade ao redor do mundo, com o intuito de trazer mais representatividade para o contexto de ensino, é por meio dos materiais selecionados para serem utilizados em sala de aula. No entanto, a falta de representatividade racial em livros didáticos no Brasil contribui para o silenciamento de outras narrativas e outros sujeitos no contexto de ensino do inglês. A importância desse debate torna-se ainda maior em um contexto de ensino de inglês, pois a sua característica de capital simbólico estabelecida a partir de relações de poder é marcada pelas simbologias associadas ao aprendizado dessa língua.

De acordo com Nascimento (2016, p. 541): "os LDs [livros didáticos] continuam reproduzindo formas de hierarquização social, em que é comum a sub-representação negra". Acerca do assunto, é possível pensar que a escolha dos sujeitos que irão figurar esses materiais é uma forma de discurso ideológico, em que as estruturas de classe e de raça são mantidas. Há duas linhas abissais que se mantêm através de um discurso supostamente neutro, mas que traz embutido marcas coloniais. A primeira delas é a diferenciação de valor simbólico entre sujeitos brasileiros brancos e negros. Já a segunda, entre sujeitos hegemônicos, ou eurocêntricos, e subalternos, nesse caso, latinos.

De acordo com uma perspectiva pós-estruturalista da linguagem, discutida no segundo capítulo desta dissertação, a língua é ideológica. As escolhas linguísticas feitas por seus falantes revelam marcas ideológicas, que constituem a maneira como esse sujeito se coloca e se relaciona com o mundo. Similarmente, os discursos que circulam na sociedade se refletem dentro do ambiente escolar, assim como em cursos de formação de professores ou na formulação de livros didáticos. Uma análise de formação de professores de inglês, como o CELTA, revela que a falta de espaço para discussões críticas, reforça a ideia de normatividade eurocêntrica, pois não é dada ênfase a outras identidades e outras representações culturais. No Brasil, observa-se

uma dinâmica similar, na qual materiais didáticos carecem de representações identitárias inclusivas.

[n]o Brasil, talvez de forma não tão clara, há características colonialistas que impactam fortemente as relações sociais, impondo a cultura branca como se isso fosse a imagem do país, seja através da grande mídia (representada pelos meios televisivos e grandes canais de rádio), seja por diversos objetos da indústria cultural, como é o caso dos livros didáticos, discutidos aqui (NASCIMENTO, 2016, p. 543).

Como aponta Nascimento na citação acima, a cultura branca, ou o discurso dominante vigente, são impostos como a norma e a imagem do país. Uma das consequências dessa ausência de olhares críticos sobre diversas questões, tais quais as de raça ou classe, é a formação de sujeitos não conscientes das dinâmicas colonialistas passadas e presentes, o que é refletido nos discursos veiculados na mídia, internet, espaços urbanos, entre outros.

Assim como através de meios de comunicação, a educação é um lugar onde discursos colonialistas são refletidos e refratados, isto é, ambos são locais de reprodução e contestação de discursos. A preocupação de governos autoritários sobre os conteúdos debatidos em ambos os locais — o que pode ser observado em projetos de lei como a Escola sem Partido e em críticas à grande mídia, por políticos de extrema direita, como o atual presidente do Brasil — reforça a compreensão de que os dois contextos são lugares onde problematizações e contestações importantes podem ser feitas. Por isso, um fluxo livre de perspectivas é preocupante para indivíduos que desejam manter as diferenças de classe e raça já existentes.

Entende-se que uma concepção neoliberal de governo reforça a manutenção de classes e a falta de representatividade e diversidade nas relações sociais. A educação é uma das instituições em que relações de classe podem ser mantidas ou problematizadas. No Brasil, contudo, as *Leis de Diretrizes de Bases* das décadas de 60 e 70, acerca do ensino de línguas estrangeiras no Brasil, retiraram a importância do ensino delas do currículo escolar. A partir daí passou a haver uma distinção no ensino de inglês entre as escolas públicas, que adotaram os novos moldes curriculares, e as escolas da rede privada, para as quais o ensino de línguas estrangeiras se tornou "capital simbólico das elites" (NASCIMENTO, 2016, p. 544). Essa mudança curricular e as suas consequências ilustra o que Bourdieu (2008) chamou de formas de diferenciação de acesso a meios de produção de capital simbólico, com o intuito de contribuir para a manutenção de classes sociais.

O questionamento que faço é: como nós podemos, através de uma educação linguística, proporcionar aos alunos reflexões sobre países e identidades, com o intuito de desenvolver um olhar positivo em relação às suas heranças e traços culturais? Trata-se de adotar uma abordagem que tente tratar desse sujeito do norte global de forma crítica, conferindo-lhe qualidades, mas também refletindo sobre seus problemas sociais, ou, em outras palavras, trazendo aspectos culturais e identitários que, como os nossos, são passíveis de críticas e ponderações. Tal maneira de se apresentar esse falante nativo, que também vivencia problemas sociais, pessoais, interpessoais, entre outros, é uma forma de contribuir para que se desenvolva a autoestima de nossos alunos, ajudando-os a não se enxergar de maneira inferiorizada em relação a esse Outro.

Para ilustrar o que chamamos de ensino crítico de línguas (PESSOA, 2014) com uma das minhas práticas docentes, considerando que a sala de aula é um local de formação de identidades, fiz um projeto com meus alunos do terceiro ano do Ensino Médio, em uma escola de classe média localizada no bairro da Liberdade. Meu intuito foi o de problematizar os estereótipos, tanto em relação aos brasileiros, como em relação aos americanos ou britânicos — nacionalidades que predominam nos livros didáticos em inglês. O objetivo era tratar da noção de identidades junto aos alunos, além de problematizar generalizações em relação às identidades conferidas a falantes nativos, sobretudo dos Estados Unidos e Reino Unido, assim como aquelas conferidas a nós, brasileiros, no exterior.

A questão de identidade pode ser descrita como "a maneira com a qual indivíduos e grupos se definem e são definidos por outros em termos de raça, etnia, religião, linguagem e cultura" (DENG, 1995, p. 1, *apud* PESSOA, 2014, p. 357)⁷⁵. Na atividade relatada, foram abordados os aspectos de etnia, linguagem e cultura. Para isso, trouxe dados em relação à porcentagem da população considerada estar abaixo do nível de pobreza nos Estados Unidos e na Inglaterra, além de imagens que visavam a desconstruir a ideia de que não há pobreza nesses países. A meu ver, tais dados ajudariam a desconstruir a ideia enganosa de que esses países não têm pessoas vivendo em condições econômicas adversas. Ademais, levei dados sobre as etnias presentes nesses países, com o intuito de abordar outro aspecto não mencionado na

⁷⁵ No original: the way individuals and groups define themselves and are defined by others on the basis of race, ethnicity, religion, language and culture.

maior parte de livros didáticos, cujas imagens e textos são centrados em uma população majoritariamente branca.

A falta de representatividade de negros, latinos, indianos, entre outros (PESSOA, 2014; NASCIMENTO, 2016), em livros didáticos de língua inglesa, é fruto de um racismo, que minimiza a presença de outras identidades, além daquelas às quais, devido a preconceitos raciais e religiosos, são atribuídas um capital simbólico maior, como o típico WASP – *White Anglo-Saxon protestants*⁷⁶. Trazer esses dados contribuiu para que eles percebessem esses locais como multiétnicos e multiculturais, devido às imigrações vivenciadas em processos sócio-históricos, distanciando-os de uma visão homogeneizadora.

Como produto dessa sequência pedagógica, os alunos deveriam produzir vídeos ou *podcast*s que tratassem de estereótipos brasileiros. Para isso, nós fizemos discussões a partir de vídeos do *YouTube*, postagens ou matérias encontradas na internet, que traziam o imaginário estrangeiro em relação ao Brasil.

Por fazer parte do repertório ou universo temático desses alunos, selecionei um episódio dos Simpsons, chamado Blame it on Lisa, parte da 13ª temporada da série, escrito por Bob Bendetson e exibido em 2002, no qual a família vai ao Brasil. Essa série americana, que está no ar desde 1989, mostra cidadãos comuns dos Estados Unidos, suas rotinas, interações pessoais, entre outros aspectos cotidianos, de maneira irônica. No caso desse episódio, há diversos estereótipos ali satirizados e que fazem parte do imaginário de grande número de estado-unidenses comuns. Há cenas nas quais os personagens são assaltados ao pegar um táxi (imagem 27); têm suas carteiras furtadas por crianças, ao visitarem uma das favelas do Rio de Janeiro (imagem 28); assistem, no hotel, a um programa televisivo infantil, no qual as apresentadoras e figurantes são super sensualizadas, fazendo uma possível paródia do extinto Xou da Xuxa (imagem 29); mostram a torcida de um jogo de futebol, onde é possível observar uma freira vestindo um biquíni (imagem 30), novamente tratando da exacerbada sensualização das mulheres brasileiras. Essa última imagem traz, também, uma ironia com os valores éticos e religiosos do Brasil, que, por ser considerado um local subalterno, tem filosofias questionáveis e distintas daquelas compartilhadas pelos cidadãos dos Estados Unidos, essas, sim, referências morais.

_

⁷⁶ Americano anglo saxão branco e protestante.

Imagens 27, 28, 29 e 30 - Paisagens linguísticas digitais, cenas do episódio *A Culpa é de Lisa* ou *Blame it on Lisa*

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=VhrswtPLn_U

Após apresentar esses materiais em sala de aula, perguntei a eles se nós realmente nos encaixávamos nessas generalizações. Indaguei se havia ali visões estereotipadas ou generalizações, sobretudo em relação a como as mulheres são retratadas e à noção do constante perigo de violência e assaltos ao circular em grandes centros urbanos do país.

A produção final dos alunos consistia em relatos de seu dia a dia, que tinham por objetivo mostrar como nós, de fato, vivemos em São Paulo, um dos grandes centros urbanos do país: onde moramos, o que costumamos comer, a língua que falamos, como são nossas ruas e avenidas, entre outros aspectos. Nesses vídeos ou *podcasts*, os alunos ironizavam, ao simular entrevistas ou filmar seu dia a dia, tais generalizações identitárias. Espera-se que, a partir de tais discussões, os alunos tenham saído mais conscientes tanto das várias identidades encontradas em países como os anteriormente citados quanto de como os discursos acerca dos brasileiros são alvo de generalizações rudimentares.

Sequências pedagógicas que desconstruam imaginários sobre identidades que nos são apresentadas por meio de livros didáticos, filmes, entre outros, são

importantes para que os alunos não enxerguem esses locais de maneira homogeneizadora. Ou seja, para que ele desconstrua as próprias ideias préconcebidas. Esse aluno poderá estabelecer uma relação diferente com a língua inglesa se o seu professor ou professora sair dos moldes de ensino hegemônicos, acríticos e, de certa forma, fictícios, ao apresentar essa língua inglesa. Similarmente, trazer uma consciência crítica das diferenciações e racializações que fazemos tanto na nossa sociedade local quanto entre países – linhas abissais locais e globais – pode lhes proporcionar um olhar mais consciente sobre as dinâmicas culturais contemporâneas.

As marcas coloniais e as práticas neocoloniais pairam sob todo o mundo, sob perspectivas diferentes: a do colonizador em oposição ao colonizado, da classe dominadora em oposição à dominada, do pensamento ocidental *versus* o do resto do mundo, entre outros. Ao levar as teorias decoloniais para a prática de ensino, é possível conceber atividades ou promover discussões em sala de aula que levem os alunos a se conscientizar das diversas relações de poder presentes na atualidade. Ao promover um pensamento crítico, possibilita-se, primeiramente, uma percepção das diferenças impostas pelas linhas abissais imaginárias. Em segundo lugar, ao desenvolver uma criticidade sobre esse conflito, muitas vezes silencioso, entre os lados opostos das diversas linhas abissais, é possível agir contra os paradigmas impostos há séculos por uma civilização colonizadora.

Freire, um dos percursores da teoria do letramento crítico no Brasil, aponta a educação como maneira de se desmascarar a ideologia dominante, ou aquela que serve aos propósitos da classe dominadora e à perpetuação de sua hegemonia.

Outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativo-crítica é o de que como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que, além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos, implica tanto o esforço de *reprodução* da ideologia dominante, quanto o seu *desmascaramento* (FREIRE, 2017, p. 96).

Compreende-se, a partir dessa citação, que esse teórico brasileiro defende a educação como um remédio contra o comodismo e a cega aceitação da realidade social imposta pela sociedade. Se associarmos tal fala à discussão aqui levantada, entende-se que uma das formas de se desenvolver um pensamento questionador de práticas neocoloniais é por meio de uma leitura crítica de mundo, seja ela por meio de

uma educação formal, em escolas ou universidades, ou informal, através de leituras e discussões.

Não se defende, aqui, a recusa de tudo o que não é fruto da cultura brasileira, mas uma maneira diferente de se relacionar com o que importamos de outras culturas. Uma educação intercultural pode ser muito enriquecedora em vários sentidos, sendo um deles o próprio processo de autoconhecimento do sujeito, pois ao se deparar com diferentes perspectivas de mundo, ele passa a conhecer melhor as próprias características. Seguindo, assim, o que Derrida (1991) denominou de jogo da diferença, a ação de conceituar algo a partir do que ele não é, forma comum de se conceber o mundo.

No que diz respeito a diferentes culturas, pode-se pensar que construímos as nossas identidades como cidadãos brasileiros, a partir de contrastes com outras nações, o que, consequentemente, salienta as características particulares das práticas e legados culturais locais. Por meio desse jogo de diferenças, constroem-se mapas conceituais sobre o mundo que nos cerca e sobre a nossa identidade. Ao levar essa perspectiva para o ambiente de sala de aula, os alunos podem desenvolver as noções de identidade e alteridade. Ademais, enxergar o mundo por meio de outros olhares e de outros sujeitos promove uma compreensão de diferentes formas de se viver, o que contribui para o desenvolvimento de uma educação humanizadora e para a formação de sujeitos mais tolerantes e conscientes das diferenças.

Pensando nas dinâmicas globais, em que o inglês é majoritariamente escolhido como língua estrangeira para comunicações entre pessoas de diferentes nacionalidades, temos a realidade de que muitas das interações feitas nesse idioma acontecerão entre dois sujeitos que não têm o inglês como sua primeira língua. Sendo assim, deve-se, novamente, problematizar o fato de que os livros didáticos favorecem o inglês do falante nativo de países de língua inglesa.

As práticas de ensino-aprendizagem de ILG [inglês como língua global] (a ideia freiriana de que teoria e prática são uma só – Freire 2001) precisa abandonar a centralidade do falante nativo como dono da língua e dar voz à natureza híbrida da sala de aula de língua estrangeira. Como um espaço no qual procedimentos interpretativos culturalmente diferentes estão em jogo, a sala de aula de língua estrangeira é o contexto ideal para resistir à imposição de formas homogeneizantes de conhecimento⁷⁷ (JORDÃO, 2009, p. 100-101).

⁷⁷ No original: EGL teaching/learning praxis (the Freirean idea that theory and practice are one – Freire 2001) needs to abandon the centrality of the native speaker as owner of the language and voice the hybrid nature of the foreign language classroom. As a space where culturally different interpretive

De acordo com essa fala de Jordão, ao questionar as variantes nativas como as principais protagonistas na sala de aula de língua estrangeira, trazemos para esse ambiente escolar não somente outros falares, mas outras maneiras de conhecimento, contribuindo, assim, para uma ecologia dos saberes (SOUSA SANTOS, 2007). Essa diversidade de perspectivas pode ser promovida em discussões que vão desde maneiras distintas de pronúncia até debates sobre convicções religiosas ou práticas cotidianas de países não pertencentes aos habitualmente tratados. Práticas de ensino que não somente tragam as visões e traços culturais de países hegemônicos, mas que incluam outras perspectivas do universo de língua inglesa, podem contribuir para o desenvolvimento de um olhar plural dos alunos. Como dito anteriormente, faz-se necessário, também, problematizar as realidades sociais desses locais, frutos de processos sócio-históricos.

Outra prática que eu considero significativa é a de não somente apresentar hábitos e tradições culturais desses países – hegemônicos ou não – mas também, trazer costumes tradicionais locais, contrastando-os uns com os outros. Essa seria uma forma de não somente introduzir a cultura do Outro, mas de, ainda, preservar práticas culturais locais, não contribuindo, assim, para um processo de aculturação, um dos efeitos colaterais da globalização.

Tal fato pode ser ilustrado pela adoção por escolas de celebrações estadounidenses como o *Halloween*, em detrimento de outras comemorações, sendo essas locais ou provindas de países falantes da língua inglesa não hegemônicos. Uma maneira simples de verificar essa desigualdade de representações culturais é fazer um questionamento acerca do que se aprende sobre países como a África do Sul ou a Nigéria em contextos de ensino de inglês como língua estrangeira. Há, ainda, a introdução de celebrações estrangeiras, sem que se faça um diálogo com nossas próprias datas comemorativas. Esse trabalho poderia ser muito enriquecedor, pois incorporaria o caráter híbrido das culturas e de como podem estar em diálogo, mesmo se distantes.

Da mesma forma que algumas abordagens introduzem práticas culturais do Outro de maneira simplista, muitos dos idealizadores de materiais didáticos não concebem os alunos, seu público-alvo, como um ser de idiossincrasias, além de múltiplo em culturas, saberes e falares. Há, na relação entre os idealizadores de

procedures are so openly at play, the foreign language classroom is an ideal context for resisting the imposition of homogenised ways of knowing. (JORDÃO, 2009, p. 100-101)

materiais didáticos e alunos, traços de colonialidade nessa redução do estudante a uma noção simplista de falante não nativo: "As atitudes do pesquisador em diferenciar, objetificar, tratar com condescendência e julgar, terminam por reduzir a complexidade social do aluno" (CANAGARAJAH, 2007, p. 929, apud HEMPHILL; BLAKELY, 2019, p.222). Na escala de poder simbólico, o falante nativo é tido como superior, pois tem sua língua materna como capital linguístico (BOURDIEU, 2008). As relações de subordinação e dominação acontecem, portanto, em diversos níveis nas práticas docentes de ensino de língua estrangeira, devendo ser devidamente questionadas e desconstruídas.

A educação é uma das formas de se possibilitar que o sujeito esteja "com o mundo" e não "no mundo" (FREIRE, 2015, p. 87). A partir do momento que se cria a consciência de que estamos com o mundo, não nos vemos como meros espectadores de nossa realidade e passamos a nos perceber como seres que podem atuar sob ela. A abordagem de ensino não problematizadora tem por objetivo adaptar os homens às suas respectivas sociedades, o que só pode favorecer os interesses dos opressores (FREIRE, 2015), pois, sem questioná-las, mantém-se o *status quo* das diversas linhas abissais.

Desenvolver o autoconhecimento de nossas práticas culturais locais, através do jogo da diferença, permite-nos construir uma visão acolhedora de nós mesmos, pois, ao conhecer as idiossincrasias do Outro, podemos aceitar melhor as nossas próprias. Desta forma, uma prática de ensino que não simplesmente resulte em um estar no mundo, e, sim, em uma consciência de que estamos em diálogo com ele, possibilita uma maneira diferente de estarmos com o mundo.

Se, de fato, não é possível entendê-los [os homens] fora de suas relações dialéticas com o mundo, se estas existem independentemente de se eles as percebem ou não, e independentemente de como as percebem, é verdade também que a sua forma de atuar, sendo esta ou aquela, é função, em grande parte, de como se percebem no mundo (FREIRE, 2015, p. 100).

Desenvolver uma postura altiva em relação às diferenças socioculturais presentes em nossa sociedade, como aquelas entre países hegemônicos e não hegemônicos, permite com que não nos subjuguemos a práticas culturais ou linguísticas dominantes. Consequentemente, poderemos olhar para nós mesmos,

⁷⁸ No original: *The researcher's acts of othering, objectifying, patronizing, and judging further reduce the learner's social complexity* (CANAGARAJAH, 2007, p. 929, *apud* HEMPHILL; BLAKELY, 2019, p.222).

como sociedade, de forma aprazível, não nos comparando com discursos tais quais "se fosse nos EUA seria diferente", ou "o brasileiro é uma espécie a ser estudada". Ambas as falas refletem uma visão empobrecida de si mesmos, que constituem como esses indivíduos se percebem. Cultivar essa visão depreciativa resulta em atitudes que objetivam emular o ser dominante tão admirado.

Como professores, podemos, por meio de nossas práticas, contribuir para o desenvolvimento de uma autonomia dos alunos. Utilizar imagens para esse propósito é uma maneira de dialogar com a contemporaneidade e o grande fluxo de produção desses recursos visuais, como discutido no primeiro capítulo desta pesquisa. As paisagens linguísticas urbanas e sobretudo as digitais fazem parte do universo de alunos, pois são abundantes em redes sociais, logo, dá-se a importância de despertar um olhar crítico por meio de discussões e interpretações delas. Tal trabalho pode ser feito segundo diferentes enfoques, todos envolvendo a linguagem e as ideologias nela contidas, sendo o da educação linguística em língua inglesa apenas um deles.

Conclusão

Nesta pesquisa, procurei problematizar as produções contemporâneas que utilizam a língua inglesa, encontradas tanto em espaços públicos urbanos, quanto na web. Partindo do pressuposto de que a língua não pode ser concebida fora de sua relação com a sociedade de seu tempo, trazer paisagens linguísticas para um contexto de formação de professores ou de ensino de inglês na educação básica, significa entender o ensino do inglês não somente como uma ferramenta para comunicação, mas como um veículo de ideologias, que ao serem questionadas trazem uma criticidade e retiram esses alunos de um lugar passivo como estudantes ou professores dessa língua.

Promover os letramentos visuais para o ensino básico e superior é inevitável dentro do contexto em que nos encontramos, no qual imagens circulam e são produzidas com grande facilidade e em grandes números (KRESS, 2005). Tal trabalho é importante para que não consumamos essas imagens, ou paisagens linguísticas, de forma passiva ou acrítica, letrar-se implica ler o mundo (FREIRE, 2017) e a contemporaneidade demanda que essa leitura inclua as inúmeras imagens em nossa volta.

Abordar o ensino de inglês através de lentes decoloniais significa atuar fora dos moldes neoliberais de ensino, para os quais não interessa uma visão crítica, pois contesta a maneira como a sociedade contemporânea é estruturada e dividida em sujeitos, línguas e culturas com maior e menor poder simbólico. A educação é uma das principais vias de acesso a um pensamento crítico e consciente das dinâmicas coloniais, e que pode contribuir para o agenciamento e para um senso de autonomia dos sujeitos envolvidos nesse processo. No entanto, é justamente essa área que é preterida por políticas públicas assumidamente neoliberais. Ademais, a falta de investimento na educação parece ser uma política programada para conservar ou mesmo agravar as diferenças sociais, favorecendo políticas educacionais que não promovem um pensamento crítico.

Nesse sentido, atuar por entre as brechas das políticas de ensino (DUBOC, 2012) significa legitimar outras vozes e outros olhares silenciados pelos processos colonizatórios, seguidos pela globalização. Apesar dos séculos que nos separam do processo concreto de colonização, a colonialidade ainda é presente nas mais diversas

esferas de relações humanas e nas relações entre países. Reconhecer isso é o primeiro passo para compreender a decolonialidade como uma práxis de liberação (WALSH, 2018) e abrir caminhos dentro das dinâmicas coloniais contemporâneas.

No decorrer do trabalho de coleta de imagens, percebi que as ideologias permeiam, de maneira mais ou menos expressiva, os usos de inglês espalhados pela cidade de São Paulo ou pela web. Os fluxos do inglês proporcionam o conhecimento e enriquecimento por meio de culturas e linguagens diferentes, porém, há formas de aculturação que colonizam mentes e corpos, reforçando distinções raciais e sociais já demarcadas. Pessoalmente, pesquisar as paisagens linguísticas para a realização dessa pesquisa me proporcionou uma visão sobre o caráter mercadológico do inglês e de suas representações, que refletem imaginários simbólicos locais acerca dessa língua. Pude observar, também, que usos híbridos de inglês e português que, de certa forma, desconstroem as simbologias acerca da língua inglesa, se manifestam em paisagens linguísticas, tais quais grafites, pichações, memes ou postagens em páginas com um posicionamento político de caráter progressista. Já os estabelecimentos comerciais produzem textos em sintonia com os moldes neoliberais, tendo o lucro ou a possibilidade de acúmulo de capital econômico como objetivo.

Nessa dissertação, me limitei às paisagens linguísticas brasileiras, fazendo uma análise de como a colonialidade se reflete nos usos do inglês por meio delas. Uma análise comparativa de outras produções similares localizadas em outros países, talvez possa revelar outras maneiras e possibilidades de se relacionar com essa língua. Seria, de fato, muito interessante conhecer como a globalização e o sistema neoliberal influenciam a forma como outros países se relacionam com o inglês.

A lógica decolonial defende que uma 'epistemes das margens' (MOITA LOPES, 2008, p. 322) passe a ocupar um local mais central nas dinâmicas culturais globais, trazendo vozes das margens mais ao centro das produções epistemológicas, discursivas e culturais, alterando assim as relações de poder em um movimento antihegemônico. Similarmente, penso que as paisagens linguísticas podem desestabilizar discursos hegemônicos, também envoltos em relações de poder e de verdades estabelecidas (FOUCAULT, 2002), por meio de produções independentes de atores locais.

Produções textuais e imagéticas provindas das margens podem influenciar e desestabilizar o status da língua inglesa, trazendo usos híbridos e, sobretudo, usos em que ambas as línguas portuguesa e inglesa se manifestam de forma não

hierárquica. Novamente, esse processo implica contestar relações hegemônicas de poder, pois, como aponta Villas-Boas:

A escolha do que será distribuído, de como será distribuído e a quem será distribuído necessariamente se mantém sobre o controle da única classe que tem a condição de viabilizar esta distribuição e também a difusão. E essa classe é a única porque somente ela (por deter a dominação sobre os meios de produção) tem a condição fundamental (o capital) para operacionalizar a distribuição e difusão de bens de massa, dada a ordem de grandeza dos investimentos e dos mecanismos necessários para tal. (VILLAS-BOAS, 2009, p. 35)

Como discutido no primeiro capítulo dessa dissertação, sujeitos excluídos nesse processo reivindicam espaços urbanos com pichos ou grafites. Da mesma forma que eles agem pelas brechas de uma dinâmica excludente de poder, povos latinos, entre tantos outros, podem questionar símbolos eurocêntricos, como a língua inglesa, o que os possibilitará uma outra forma de se relacionar com eles. Esse processo já vem acontecendo como consequência do pensamento decolonial, porém desconstruir ou desestabilizar uma estrutura colonial que existe há séculos é um processo vagaroso e incerto. No que diz respeito às paisagens linguísticas, apesar de se localizarem em espaços urbanos regidos por uma lógica de poder, há a possibilidade de outros discursos se fazerem ouvir, como os apresentados nas imagens 8, 10 e 26 desse trabalho. O campo digital, por outro lado, também é regido por moldes coloniais eurocêntricos, porém, possibilitam um acesso, a meu ver, mais democrático e um intercâmbio de ideias mais dinâmico.

Como dito anteriormente, a língua influencia e é influenciada pela sociedade, sendo assim, produções textuais e imagéticas críticas aos processos hegemônicos e às suas simbologias, podem acarretar mudanças na sociedade, influenciando, então, os discursos produzidos no centro das dinâmicas culturais contemporâneas.

Espero, por fim, que as discussões levantadas e a educação linguística crítica aqui proposta possibilitem outras maneiras de se relacionar com a língua inglesa, a trazendo para um diálogo mais horizontal e menos carregado de posições frutos da colonialidade. Como afirma Walsh (2018, p. 95), reflexões e posicionamentos decoloniais frente ao mundo globalizado e neoliberal contemporâneo são formas de "re-existir resistindo e de resistir re-existindo"⁷⁹, ou seja, são formas de construir outros estares com o mundo, distintos daqueles ditados por relações hegemônicas de poder.

⁷⁹ No original: to re-exist resisting and to resist re-existing.

Referências Bibliográficas

ALCÂNTARA, M. Gentrificação e "hipsterização": um estudo sobre a Vila Buarque (São Paulo, Brasil). **Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia**, v2, n6, p. 31-48, novembro, 2018.

ALMEIDA, S. Racismo estrutural. São Paulo: Jandaíra, 2019.

APPADURAI, A. **Fear of small numbers**. Durhan e Londres: Duke University Press, 2006.

AUMONT, J. A imagem. São Paulo: Papirus, 2008.

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: edições Loyola, 1999.

BAKHTIN, M. Marxismo e Filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1999.

BALLESTRIN, L. Feminismos subalternos. **Estudos Feministas**, Florianópolis, SC., 25(3): 530, pp. 1035-1054, setembro-dezembro, 2017.

BAPTISTA, L.; LÓPEZ-GÓPAR, M. Educação crítica, decolonialidade e educação linguística no Brasil e no México: questões epistemológicas e metodológicas traçadas por um paradigma-outro. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 35, n. especial, pp. 1-27, 2019.

BARROS, D. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. *In*: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas: Unicamp, 1997. p. 27-38.

BARROS, C; COSTA, E. 2012. Os gêneros multimodais em livros didáticos: formação para o letramento visual? **Bakhtiniana**, São Paulo, 7 (2), pp. 38-56, Jul./Dez. 2012.

BARTHES, R. Rhetoric of the image. *In*: MIRZOEFF, N. (ed.). **The visual culture reader**. London: Routledge, 1998. p. 70-73.

BARTHES, R. Myth today. *In*: HALL, S. (ed.). **Representation: cultural representations and signifying practices**. London: Sage publications, The Open University, 1997.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BEN-RAFAEL, E. A sociological approach to the study of linguistic landscapes. *In*: SHOHAMY, E; GORTER, D (Eds.). **Linguistic Landscape – expanding the scenery**. New York: Routeledge, 2009. p. 40-54.

BLOCK, D. Economizing globalization and identity. *In*: BLOCK, D; GRAY, J; HOLBOROW, M. **Neoliberalism and applied linguistics**. London and New York: Routeledge, 2012. p. 56-85

BLOMMAERT, J; RAMPTON, B. Language and superdiversity. Unesco & MPI MMG, v. 13, n. 2, p. 1-22, 2011.

BORBA, R; BARBOZA, R. Linguistic landscapes as pornoheterotopias. (De) regulating gender and sexuality in the public toilet. **Linguistic Landscape**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. p. 257-277, 2018.

BOURDIEU, P. A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer. São Paulo: Edusp, 2008.

BOURDIEU, P. Coisas Ditas. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas: Unicamp, 1997. p. 91-104.

CALVET, L. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

CANAGARAJAH, S. **Translingual practices and neoliberal policies**. Nova lorque: Springer, 2017.

CANAGARAJAH, S. 2013. **Translingual practice**. New York: Routledge.

DERRIDA, J. Margens da filosofia. São Paulo: Papirus, 1991.

DIAS, Luiz Francisco. Significação e forma linguística na visão de Bakhtin. *In*: BRAIT, Beth. (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido.** Campinas: Unicamp, 2006. p. 105-114.

DUBOC, A; FORTES, O. Superdiversity, language and society: issues on the move. An interview with Prof. Jan Blommaert and Dr. Massimilano Spotti. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 45, p. 1 -21, 2019.

DUBOC, A; FERRAZ, D. What's behind a literacy war? A discursive and political analysis of the neoconservative Brazilian literacy policy. **Journal of multicultural discourses**, v. 15, p. 436-457, 2020.

ESCOBAR, A. Worlds and knowledges otherwise. The Latin American modernity/coloniality research program. **Cuadernos del CEDLA**, 16, pp. 31-75, 2004.

FAIRCLOUGH, N. Discurso e mudança social. Brasília: UnB, 2008.

FANON, F. Pele negra, máscaras brancas. São Paulo: Ubu, 2020.

FERRAZ, D; MIZAN, S. Educating in Times of Pandemic: Images as Micropolitics of Epistemic Disobedience to the Modern and Humanist Epistemologies of the Global North. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 21, n. 2, p. 433-466, 2021

- FERRAZ, D. Letramento visual: as imagens e as aulas de inglês. *In*: TAKAKI, N; MACIEL, R. Letramentos em terra de Paulo Freire. Campinas: Pontes, 2014. pp. 255-270.
- FERRAZ, D. **Letramento visual**: a leitura de imagens nas aulas de inglês. São Paulo: Paco Editorial, 2012.
- FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. São Paulo: Forense Universitária, 2005.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. São Paulo: Graal, 2002.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro, São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- FREIRE, P. **A Importância de o ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Moderna, 2008.
- FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- FURTADO, R. **Diálogos do cotidiano nas redes sociais**: a liquidez discursiva dos memes. 208p. Tese (Doutorado em Letras) Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2019.
- GARCIA, O; WEI, L. **Translanguaging: Language, Bilingualism and Education**. London: Palgrave Pivot, 2013.
- GARCIA, B. Quanto mais cedo melhor (?): uma análise discursiva do ensino de inglês para crianças. Tese (Doutorado em Letras) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2011.
- GIROUX, H. **On critical pedagogy**. New York: The Continuum International Publishing Group, 2011.
- GRAY, J; BLOCK, D. The marketisation os language teacher education and neoliberalism: characteristics, consequences and future prospects. *In*: BLOCK, D; GRAY, J; HOLBOROW, M. **Neoliberalism and applied linguistics**. London and New York: Routeledge, 2012. pp. 114-143.
- HALL, S. (ed.) **Representation**: cultural representations and signifying practices. London: Sage publications, The Open University, 1997.
- HEMPHILL, D.; BLAKELY, E. English language learning in globalized third places: from monocultural standardization to hybridized translanguaging. *In*: MACEDO, D. (ed.) **Decolonizing foreign language education the misteaching of English and other colonial languages**. Nova lorque: Routledge, 2019. pp. 220-240.
- HOLBOROW, M. What is neoliberalism? Discourse, ideology and the real world. *In*: BLOCK, D; GRAY, J; HOLBOROW, M. **Neoliberalism and applied linguistics**. London and New York: Routeledge, 2012. pp. 14-32.

JORDÃO, C. English as a foreign language, globalisation and conceptual questioning. **Globalisation, Societies and Education,** Londres, v. 7, n. 1, pp. 95–107, 2009.

KACHRU, B. (1985) Standards, codification and sociolinguistic realism: the English language in the outer circle. *In:* QUIRK, R.; WIDDOWSON, H. G. (Eds), **English in the world:** teaching and learning the language and literatures. Cambridge: Cambridge University Press. 1985. p. 11-30.

KRENAK, A. **Do tempo**. Disponível em: https://n-1edicoes.org/038. Acesso em: 20 agosto de 2020.

KRESS, G. Literacy in the new media age. New York: Routledge, 2005.

LUGONES, M. **Pilgrimages/Peregrinajes:** theorizing coalition against multiple oppressions. Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, 2003.

MACHADO, R.; CANT, M.; SEABORNE, H. Experiential Marketing on Brand Advocacy: a Mixed-Method Approach On Global Apple Product Users. **International Business & Economics Research Journal**, volume 13, n. 5, p. 955-962, 2014.

MBEMBE, A. **Necropolítica:** biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo, n-1 edições, 2018.

MENEZES DE SOUZA, L. M. T. Para uma redefinição de letramento crítico: conflito e produção de significação. *In*: MACIEL, R. F.; ARAÚJO, V.A. (Orgs.). **Formação de Professores de Línguas: ampliando perspectivas**. Jundiaí: Paco Editorial, 2011. pp. 128-140.

MENEZES DE SOUZA, L. M. T. Engaging the global by resituating the local, (dis)locating the literate global subject and his view from nowhere. *In*: ANDREOTTI, V; DE SOUZA, L. (Org.) **Postcolonial perspectives on global citizenship education**. Londres: Routledge, 2012. p. 62-79.

MENEZES DE SOUZA, L. M. T. Cultura, língua e emergência dialógica. **R. Let. & Let.** Uberlândia-MG, v.26, n.2, pp. 289-306, jul/dez. 2010.

MIGNOLO, W. **Local Histories/Global Designs**. Coloniality, Subaltern Knowledges and Border-Thinking. Princeton: Princeton University Press, 2000.

MIRZOEFF, N. (ed.) The visual culture reader. London: Routledge, 1998.

MITCHELL, W. **Picture theory**: Essays on verbal and visual representation. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

MIZAN, S. A linguagem visual e suas contribuições nas perspectivas críticas da educação linguística. *In*: PESSOA, R; SILVESTRE, V.; MONTE MÓR, W. **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil**. São Paulo: Pá da Palavra, 2018.

MIZAN, S. Letramento visual na mídia. *In*: TAKAKI, N; MACIEL, R. **Letramentos em terra de Paulo Freire**. Campinas: Pontes, 2014.

MIZAN, S. **National Geographic**: visual and verbal representations of subaltern cultures. 236p. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

MOITA LOPES, L. Inglês e globalização em uma epistemologia de fronteira: ideologia linguística para tempos híbridos. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, 24:2, pp. 309-340, 2008.

MONTE MÓR, W. Convergência e diversidade no ensino de línguas: expandindo visões sobre a 'diferença'. **Polifonia**, Cuiabá, MT, v. 21, n. 29, p. 234-253, 2014.

MONTE MÓR, W. Formação docente e educação linguística: uma perspectiva linguístico-cultural-educacional. *In:* MAGNO, W.; MUÑOZ CAMPOS, D. (Orgs). **Desafios da formação de professores na linguística aplicada**. Campinas: Ed. Pontes, 2019.

MONTE MÓR, W. Sobre rupturas e expansão na visão de mundo: seguindo as pegadas e os rastros da formação crítica. *In*: PESSOA, R; SILVESTRE, V; MONTE MÓR, W. **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil:** trajetórias e práticas de professoras/es universitárias/os de inglês. São Paulo: Pá de Palavra, 2018.

MONTE MÓR, W. Critical literacies, meaning making and new epistemological perspectives. **Matices en Lenguas Extranjeras**, Bogotá, Colombia, v.02, p.01-18, 2009.

NASCIMENTO, G. As identidades de classe social/raça no ensino aprendizagem de língua estrangeira: algumas considerações. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, Nº 23, pp. 535-552, 2016.

OLIVEIRA, E. **Políticas de Ensino de Línguas Estrangeiras em Escolas Públicas do Estado de São Paulo**. 154p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.

ORTIZ, R. A. polissemia das palavras. *In:* ORTIZ, R. **Universalismo e diversidade**: contradições da modernidade-mundo. São Paulo: Boitempo, 2015.

PAIVA, V. A WWW e o ensino de inglês. **Rev. Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. I, n. 1, p. 93-116, 2001.

PENNYCOOK, A. Global Englishes, Rip Slyme and performativity. **Journal of Sociolinguistics**, Oxford, 74, pp. 513-533, 2003.

PESSOA, R. A. Critical Approach to the Teaching of English: Pedagogical and Identity Engagement. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, pp. 353-372, 2014.

PIETERSE, J. **Globalization and culture: global mélange**. Londres: Rowman & Littlefield Publishers, 2009.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RAJAGOPALAN, K. Why do Natives Grow Restless over World English? – A Riposte to Anthony Bruton. **ELT Journal**, Oxford, 60 (1), pp. 99-100, 2006.

RIBEIRO, G. Diversidade cultural como discurso global. *In*: RIBEIRO, G. **Outras globalizações**: cosmopolíticas pós-imperialistas. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2014.

ROBERTSON, R. Glocalization: Time-Space and Homogeneity-Heterogeneity. *In*: FEATHERSONE, M., LASH, S.; ROBERTSON, R. **Global Modernities**. Londres: Sage Publications, 1995.

RODRIGUES, D. Naming: o nome da marca. Rio de Janeiro: 2AB, 2013.

ROGOFF, I. Studying visual culture. *In*: MIRZOEFF, N. (ed.) **The visual culture reader**. London: Routledge, 1998.

SALIBA, M. O terrorismo combatido com terror. A guerra no Afeganistão e seu reflexo nas políticas internacionais. **Revista Eletrônica de Direito Internacional**, Belo Horizonte, v. 5, pp. 387-416, 2009.

SANTAELLA, L; NOTH, W. **Imagem**: cognição, semiótica e mídia. São Paulo: Iluminuras, 2005.

SHOHAMY, E; GORTER, D. (ed). **Linguistic Landscape – expanding the scenery**. New York: Routeledge, 2009.

SILVA, A. Letramento crítico (visual e racial): Desconstruindo representações unívocas e suas violências. **Revista X**, Curitiba, volume 14, n. 5, pp. 168-180, 2019.

SOUSA SANTOS, B; MENEZES, M. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SOUSA SANTOS, B. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 79, pp.71-94, 2007.

SRINIVASAN, S; SRIVASTAVA, R. Creating the futuristic retail experience through experiential marketing: Is it possible? An exploratory study. **Journal of Retail & Leisure Property**, Londres, volume 9, pp.193–199, 2010.

TAKAKI. N. Letramentos na era digital: navegar é e não é preciso. 199p. Tese (Doutorado em Letras) — Departamento de Línguas Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2008.

VEIGA-NETO, A. Foucault e a educação. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

VERONELLI, G. The coloniality of language: race, expressivity, power, and the darker side of modernity. **Wagadu**, Nova lorque, volume 13, pp. 108-134, 2015.

VILLAS-BOAS, A. Identidade e cultura. Teresópolis: 2AB, 2009.

WALSH, C. On decolonial dangers, decolonial craks and decolonial pedagogies rising. *In*: MIGNOLO, W; WALSH, C. **On decolonialiy:** concepts, analytics, praxis. Londres e Durham: Duke University Press, 2018. pp. 81-98.